

**ALINE MORETTO COSTA**

**A GRAMÁTICA A PARTIR DA TEORIZAÇÃO DE LINGUAGEM DE ÉMILE**

**BENVENISTE:**

**O homem na organização de sua língua**

**PORTO ALEGRE**

**2018**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**  
**ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM**  
**LINHA DE PESQUISA: ANÁLISES TEXTUAIS, DISCURSIVAS E ENUNCIATIVAS**

**A GRAMÁTICA A PARTIR DA TEORIZAÇÃO DE LINGUAGEM DE ÉMILE**

**BENVENISTE:**

**O homem na organização de sua língua**

**ALINE MORETTO COSTA**

**ORIENTADORA: PROFA. DRA. CARMEM LUCI DA COSTA SILVA**

Dissertação de mestrado em Estudos da Linguagem,  
apresentada como requisito parcial para obtenção do  
título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação  
em letras na Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul

**PORTO ALEGRE**

**2018**

### **CIP - Catalogação na Publicação**

Costa, Aline Moretto

A GRAMÁTICA A PARTIR DA TEORIZAÇÃO DE LINGUAGEM DE  
ÉMILE BENVENISTE: O homem na organização de sua língua /  
Aline Moretto Costa. -- 2018.

104 f.

Orientadora: Carmem Luci da Costa Silva.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras,  
Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Teoria de linguagem. 2. Émile Benveniste. 3. enunciação. 4. gramática.  
I. da Costa Silva, Carmem Luci, orient. II. Título.

**Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

ALINE MORETTO COSTA

A GRAMÁTICA A PARTIR DA TEORIZAÇÃO DE LINGUAGEM DE ÉMILE

BENVENISTE:

O homem na organização de sua língua

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Porto Alegre, 11 de dezembro de 2018

Resultado: Aprovada com louvor.

BANCA EXAMINADORA:

---

Profª. Dra. Carmem Luci da Costa Silva  
Departamento de Letras  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores  
Departamento de Letras  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Profª. Dra. Luiza Milano  
Departamento de Letras  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Profª. Dra. Carolina Knack  
Departamento de Letras  
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

## AGRADECIMENTOS

Esta Dissertação simboliza para mim um ato de resistência, porque foi concebida não só diante de situações diárias de lutas pessoais, mas também diante de um contexto brasileiro bastante difícil para a academia, para aqueles que acreditam na docência e na pesquisa. Tive sorte de ter sido acompanhada por pessoas que admiro muito e que foram minhas constantes inspirações e motivos de eu seguir. Tenho a oportunidade neste momento de demonstrar minha gratidão a elas.

À minha orientadora, professora Carmem Luci da Costa Silva, por ter compreendido a situação de saúde em que eu me encontrava e que me fortaleceu e acreditou em mim. Nessa constante troca de conhecimento – recebendo com certeza muito mais que contribuindo -, através do diálogo, nessa comunicação intersubjetiva, aprendi com ela a me compreender e a compreender meu lugar, num momento em que havia me esquecido quem eu era. Certamente sem a sua contribuição e afeto jamais teria sido possível escrever esta dissertação.

À professora Luiza Milano pelas aulas e diálogos valiosos que renderam uma publicação e por ser uma inspiração como pessoa e como profissional.

Ao professor Valdir Flores pelas inquietações produzidas a partir de suas aulas.

Aos professores que aceitaram fazer parte da banca – Profa. Dra. Carolina Knack, Prof. Dr. Valdir Flores e Profa. Dra. Luiza Milano – pela nova oportunidade de interlocução sobre os sentidos produzidos nesta Dissertação.

Às minhas irmãs, por terem se tornado minhas interlocutoras, sujeito-ouvintes, nos momentos difíceis.

Ao meu pai, por ter sido presente e compreensivo.

Aos meus amigos que, de perto ou de longe, compreenderam meus momentos de silêncio e torceram por mim de maneira afetuosa. E em especial ao meu amigo Isaque que me ajudou e orientou em momentos de emergência.

À UFRGS e à CAPES, pela acolhida e pelas oportunidades de qualificação profissional que me foram proporcionadas.

Não podiam regressar, porque a picada que iam abrindo em pouco tempo tornava a se fechar com uma vegetação nova que ia crescendo a olhos vistos. “Não tem importância”, dizia José Arcadio Buendía. “O essencial é não perder a orientação”. Sempre de olho na bússola, continuou guiando os seus homens para o Norte invisível, até que conseguiram sair da região encantada. Era uma noite densa, sem estrelas, mas a escuridão estava impregnada de um ar novo e limpo.

Gabriel García Márquez  
em *Cem Anos de Solidão*

## RESUMO

Esta Dissertação tem como objetivo construir uma noção de *gramática* a partir da teorização de linguagem de Émile Benveniste, presente em *Problemas de Linguística Geral I* (PLG I) e *Problemas de Linguística Geral II* (PLG II). Atrelado a esse objetivo são propostos princípios gramaticais para o estudo de uma língua-idioma. Para o cumprimento do objetivo, o trabalho apresenta a seguinte estrutura: no primeiro capítulo, a introdução, é realizada a contextualização do estudo para o leitor situar-se; no segundo capítulo, são apresentados os estudos de Benveniste no Brasil pela trilha mais conhecida, a da enunciação. Em uma primeira parte do capítulo, é tratada a abordagem de Flores (2013a) sobre os três momentos da perspectiva enunciativa para, em uma segunda parte, serem apresentados os estudos sobre gramática e enunciação. O capítulo é finalizado com a seleção de nosso *corpus* de estudo e as justificativas para tal seleção. No terceiro capítulo, dividido em seis seções correspondentes às seis partes em que estão divididos *Problemas de linguística geral I* e *Problemas de linguística geral II*, é respondida a seguinte questão: *como Benveniste, por meio de sua teorização, define língua e linguagem e, a partir dessas definições, possibilita a construção de uma noção de gramática?* No quarto capítulo, é realizada uma síntese das leituras com as principais noções de cada parte para responder às seguintes questões: *que noções de gramática podemos apreender de cada parte? Que princípios podem ser produzidos para um estudo gramatical de uma língua-idioma a partir dessa noção de gramática?* Tais noções estão na base da elaboração de princípios para um estudo gramatical de uma língua-idioma, no caso o português. Com o estudo desenvolvido, busca-se contribuir com os estudos benvenistianos de linguagem e com a reflexão gramatical em língua portuguesa para possibilitar que docentes e discentes possam realizar análises de fatos gramaticais com a consideração da organização da língua e do falante como organizador de sua língua.

**Palavras-chave:** Teoria de linguagem; Émile Benveniste; enunciação; gramática.

## RESUMEN

Esta tesis de maestría tiene como objetivo construir una noción de *gramática* a partir de la teorización de lenguaje de Émile Benveniste, presente en *Problemas de Lingüística General* (PLG I) y *Problemas de Lingüística General II* (PLG II). Junto a ese objetivo son propuestos principios gramaticales para el estudio de una lengua-idioma. Para el cumplimiento del objetivo, la tesina presenta la siguiente estructura: en el capítulo primero, la introducción, se realiza una contextualización del estudio para el lector situarse; en el segundo, son presentados los estudios de Benveniste en Brasil por el camino más conocido, el de la enunciación. En una primera parte del capítulo, se ha tratado acerca del enfoque de Flores (2013a) sobre los tres momentos de la perspectiva enunciativa para, en una segunda parte, presentarse los estudios sobre gramática e enunciación. El capítulo es concluido con la selección de un *corpus* de estudio y las justificativas para esta selección. En el capítulo tercero, dividido en seis secciones, las cuales corresponden a las seis partes en que están divididos *Problemas de Lingüística General I* y *Problemas de Lingüística general II*, se responde la siguiente cuestión: *¿cómo Benveniste, por intermedio de su teorización, define lengua y lenguaje, y a partir de esas definiciones, posibilita la construcción de una noción de gramática?* En el capítulo cuarto, se realiza una síntesis de las lecturas con las principales nociones de cada parte para responder las siguientes cuestiones: *¿qué nociones de gramática puede desprenderse de cada parte? ¿Qué principios pueden ser producidos para un estudio gramatical de una lengua-idioma a partir de esta noción de gramática?* Estas nociones están en la base de la elaboración de principios para un estudio gramatical de una lengua-idioma, en el caso del portugués. Con el estudio desarrollado, se busca contribuir con los estudios benvenistianos de lenguaje y con una reflexión gramatical en lengua portuguesa para volverse posible que docentes y dicentes puedan realizar análisis de hechos gramaticales con la consideración de organización de la lengua y del hablante como organizador de su lengua.

**Palabras clave:** Teoría de lenguaje; Émile Benveniste; enunciación; gramática.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>UMA REFLEXÃO PRELIMINAR SOBRE LÍNGUA E GRAMÁTICA EM ENUNCIÇÃO .....</b>	<b>12</b>
2.1	OS MOMENTOS DA ABORDAGEM ENUNCIATIVA EM ÉMILE BENVENISTE ..	12
2.2	OS ESTUDOS EM GRAMÁTICA E ENUNCIÇÃO.....	19
2.3	DA TEORIZAÇÃO ENUNCIATIVA À TEORIZAÇÃO DE LINGUAGEM EM BENVENISTE .....	31
<b>3</b>	<b>GRAMÁTICA: O HOMEM NA ORGANIZAÇÃO DA SUA LÍNGUA .....</b>	<b>34</b>
3.1	TRANSFORMAÇÕES DA LINGUÍSTICA .....	35
3.2	A COMUNICAÇÃO .....	46
3.3	ESTRUTURAS E ANÁLISES .....	51
3.4	FUNÇÕES SINTÁTICAS .....	69
3.5	O HOMEM NA LÍNGUA.....	75
3.6	LÉXICO E CULTURA .....	84
<b>4</b>	<b>PRINCÍPIOS PARA UMA NOÇÃO DE GRAMÁTICA NA TEORIZAÇÃO BENVENISTIANA: A GRAMÁTICA COMO ORGANIZAÇÃO DA LÍNGUA NO HOMEM.....</b>	<b>89</b>
4.1	A GRAMÁTICA PELO VIÉS DE TRANSFORMAÇÕES DA LINGUÍSTICA.....	89
4.2	A GRAMÁTICA PELO VIÉS DA COMUNICAÇÃO.....	91
4.3	A GRAMÁTICA PELO VIÉS DE ESTRUTURAS E ANÁLISES .....	92
4.4	A GRAMÁTICA PELO VIÉS DAS FUNÇÕES SINTÁTICAS .....	94
4.5	A GRAMÁTICA PELO VIÉS DO HOMEM NA LÍNGUA.....	95
4.6	A GRAMÁTICA PELO VIÉS DO LÉXICO E CULTURA .....	96
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>99</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>103</b>

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema dos níveis da análise linguística .....	57
Figura 2 – Esquema da relação língua e sociedade .....	59
Figura 3 – Esquema da língua em seus dois domínios .....	84

## 1 INTRODUÇÃO

A diversidade de gramáticas contemporâneas do português tem proliferado e, nessa proliferação, vemos diferentes bases linguísticas que alicerçam a reflexão e análise gramaticais. É o que atestamos nas propostas de Maria Helena de Moura Neves, José Carlos Azeredo, Mario Perini, Ataliba Castilhos e Marcos Bagno além da linguista portuguesa Maria Helena Mira Mateus. Nas primeiras décadas do século XX, como atesta Vieira (2016), vigoravam duas noções de gramática: gramática como *arte* e gramática como *ciência*. A passagem de uma noção a outra evidencia o que se costuma chamar de *virada linguística*. Nessa virada linguística, algumas perspectivas linguísticas, como gerativismo e funcionalismo, possibilitaram análises de diferentes níveis da língua (fonológico, morfológico, sintático...). Os estudos sobre a passagem da frase para o texto e a consideração da língua em emprego levaram os estudos gramaticais a incluírem perspectivas sociolinguísticas, psicolinguísticas, da linguística textual, da análise do discurso e da enunciação para lidarem com os aspectos funcionais, textuais, discursivos, enunciativos e interacionais nos usos linguísticos. Em meio a essa diversidade teórica, podemos encontrar gramáticas de base totalmente gerativas e funcionalistas; no entanto, não encontramos gramáticas com base na Teoria de Linguagem de Émile Benveniste, embora o linguista seja citado por alguns gramáticos. Por isso, nosso intuito é o de trazer as reflexões do linguista para tratar da língua ou da *organização gramatical* de uma língua<sup>1</sup> como uma das possibilidades de se pensar a gramática de uma língua-idioma, no caso, uma gramática da língua portuguesa.

Émile Benveniste – nascido em 27 de maio de 1902, em Alepo na Síria, na época do Império Otomano, e tendo falecido 3 de outubro de 1976 em Versalhes, após sofrer um acidente vascular cerebral que o priva desafortunadamente da fala por longos 7 anos – é um dos linguistas mais brilhantes que conhecemos. Dedicou uma vida inteira aos estudos sobre língua e linguagem, tendo ido a lugares mais improváveis para estudar línguas pouco ou nada conhecidas, mas que serviriam de exemplo para problemas de linguística geral, conforme atestamos nas palavras de Flores (2017, p. 80):

[...] Benveniste modificou fundamentalmente a paisagem das ciências humanas. É evidente que a noção de enunciação também é chamada ao centro do debate nesses

---

<sup>1</sup> Essa reflexão dialoga com a proposta epistemológica de MILNER, J.-Cl. (1989) na obra *Introduction à une Science du Langage. Paris: Seuil* sobre a noção *factum gramaticae*. Isso porque, para o autor, se os homens falam, há língua e, conseqüentemente, gramática, diálogo que pretendemos desenvolver em trabalhos futuros.

estudos. No entanto, desta vez, essa noção é redimensionada por uma leitura de conjunto da teoria de Benveniste. [...] Há uma grande diferença entre considerar que há, em Benveniste, uma teoria da linguagem que supõe a noção de enunciação e considerar que a teoria da enunciação é o centro do pensamento de Benveniste. Os estudos que situo no segundo eixo reconhecem que, por introduzir a noção de enunciação na linguística de seu tempo, Benveniste desempenhou um papel fundamental no estabelecimento do discurso como grande conceito do campo da linguagem. O postulado benvenistiano de que a enunciação instala o universo do discurso tem grande força heurística, abrindo a via à tomada em consideração da “atividade de linguagem” no conjunto das ciências humanas e sociais.

O universo do discurso é essa grande força heurística, é essa descoberta de fatos, através da atividade de linguagem que proporciona essa abertura para as ciências humanas e sociais. Essa visão nos traz como consequência uma abertura para seguir pensando fora da caixa da enunciação como centro para pensar uma teoria da linguagem que supõe a noção de enunciação. Teixeira (2012) entendeu isso com maestria em seu texto sobre o estudo dos pronomes em Benveniste. Ela abre esse estudo na teoria da enunciação para um projeto de ciência geral do homem, colocando a linguagem como aquela que instaura as relações – ou seja, a significação – entre o locutor, o mundo, a sociedade e outros sistemas simbólicos.

Pretendemos, portanto, a partir dessa abertura possível nos estudos que envolvem a teorização geral benvenistiana sobre linguagem, línguas e língua, construir uma noção de gramática<sup>2</sup> e princípios gramaticais a partir dessa visada teórica. Nesse sentido, transitaremos pelas diferentes partes de sua obra e não somente por aquelas atreladas à perspectiva enunciativa (*O homem na língua e Comunicação*). Convém salientar que a ideia de gramática que apresentamos neste estudo se constitui a partir de Benveniste como um deslocamento e uma construção que advêm das reflexões do linguista, visto esse termo não ter estatuto teórico em sua obra.

Sabemos da diferença entre uma concepção teórica de língua e uma língua-idioma, no caso o português. Se consideramos que uma concepção de linguagem e de língua pode ancorar uma reflexão de gramática, também podemos pensar uma noção de gramática em termos teóricos para construir a gramática de uma língua-idioma. É nessa problemática que situamos esta Dissertação. Buscar concepções de linguagem e de língua em Benveniste para constituir uma noção de gramática no constructo teórico desse linguista para, a partir daí, produzirmos princípios que possibilitem o estudo da gramática de uma língua-idioma.

---

<sup>2</sup> Em nosso estudo estamos considerando gramática em uma visada teórica como vinculada às noções de linguagem e língua de Benveniste. As noções de gramática a que chegaremos no final do estudo podem subsidiar estudos gramaticais sobre línguas-idiomas específicos. Assim, o termo em nosso estudo não se vincula a gramática como compêndio de estudo.

Assim, neste estudo, temos o intuito de construir uma noção de *gramática* a partir da teorização de linguagem de Émile Benveniste, presente em *Problemas de Linguística Geral I* (PLG I) e *Problemas de Linguística Geral II* (PLG II)<sup>3</sup>. Por isso, buscaremos, nas diferentes partes dessas duas obras, selecionar textos que tratem de suas problemáticas para chegarmos ao problema que buscamos tratar, *a gramática*. De uma definição de gramática buscaremos princípios que poderão alicerçar estudos gramaticais ou a proposta de uma gramática a partir do linguista sírio-francês<sup>4</sup>.

Para cumprirmos nosso objetivo, organizamos o trabalho com a seguinte estrutura: no segundo capítulo, intitulado Uma reflexão preliminar sobre língua e gramática em enunciação, contextualizamos os estudos de Benveniste no Brasil pelo caminho mais conhecido, o da enunciação. É ligado a esse momento da teoria que encontramos estudos sobre gramática e enunciação. Por isso, em uma primeira parte do capítulo, apresentamos a reflexão de Flores (2013a) sobre os três momentos da perspectiva enunciativa para, em um segundo momento, tratarmos dos estudos sobre gramática e enunciação. O capítulo é finalizado com a seleção de nosso *corpus* de estudo e as justificativas que nos levaram a fazer a escolha dos textos das obras consultadas.

No terceiro capítulo, intitulado *Gramática: o homem na organização de sua língua*, está dividido em seis seções, correspondentes às seis partes das obras *Problemas de linguística geral I* e *Problemas de linguística geral II*, procuramos responder à seguinte questão: *como Benveniste, por meio de sua teorização, define língua e linguagem e, a partir dessas definições, possibilita a construção de uma noção de gramática?* Em cada seção, elaboramos uma síntese das principais noções, envolvendo fundamentalmente a relação língua / homem / sociedade / cultura.

No quarto capítulo, intitulado Princípios para uma noção de gramática na teorização benvenistiana: a gramática como organização da língua no homem, procuramos fazer uma síntese das leituras com as principais noções de cada seção dos PLGs, as quais nos auxiliarão na elaboração de conceitos de gramática e de princípios para o estudo da gramática de uma língua-idioma a partir da teorização de linguagem proposta pelo linguista. O capítulo está dividido em seis seções, em que trazemos noções de gramática pelo viés das transformações linguísticas, da comunicação, das estruturas e análises, das funções sintáticas, do homem na

---

<sup>3</sup> As referências a Benveniste serão realizadas com a indicação das obras: o livro *Problemas de Linguística Geral I* será referido como PLG I e *Problemas de Linguística Geral II*, como PLG II.

<sup>4</sup> Seguimos a indicação de Rosário (2018) de referir Benveniste como sírio-francês. Isso porque conforme constam nas bibliografias do linguista, como a de Redard (2014), Benveniste nasceu na Síria em 27 de maio de 1902, mas se naturalizou francês em 9 de outubro de 1924.

língua e do léxico e cultura. As perguntas do capítulo são: *Que noção de gramática podemos apreender de cada parte? Que princípios podem ser produzidos para um estudo gramatical de uma língua-idioma a partir dessa noção de gramática?*

Nas considerações finais, e última parte de nosso trabalho, retomamos o que vimos em cada um dos capítulos anteriores, fazendo uma síntese de cada um deles, além de apontarmos outras leituras possíveis e uma breve reflexão sobre ensino. Com o trabalho desenvolvido buscamos contribuir com os estudos benvenistianos de linguagem e com a reflexão gramatical em qualquer língua-idioma para possibilitar que docentes e discentes possam realizar análises de fatos gramaticais com a consideração da *organização* da língua e do falante como *organizador* de sua língua.

## 2 UMA REFLEXÃO PRELIMINAR SOBRE LÍNGUA E GRAMÁTICA EM ENUNCIÇÃO

Neste estudo, temos o intuito de construir uma noção de *gramática* a partir da teorização de linguagem de Émile Benveniste, presente em *Problemas de Linguística Geral I* (PLG I) e *Problemas de Linguística Geral II* (PLG II). Por isso, buscaremos, nas diferentes partes de sua obra, selecionar textos que tratem de suas problemáticas para chegarmos ao problema que ora buscamos tratar *a gramática*. Os estudos de Benveniste no Brasil têm trilhado diferentes caminhos, mas o caminho mais difundido é o da enunciação. É ligado a esse momento da teoria, conforme aceção de Flores (2013a), que também temos estudos sobre gramática e enunciação. Por isso, neste capítulo, buscaremos, em um primeiro momento, trazer a reflexão de Flores sobre os três momentos da perspectiva enunciativa para, em um segundo momento, apresentar os estudos sobre gramática e enunciação. Finalizaremos o capítulo com a seleção de nosso *corpus* de estudo e as justificativas para tal seleção.

### 2.1 OS MOMENTOS DA ABORDAGEM ENUNCIATIVA EM ÉMILE BENVENISTE

Neste ponto abordaremos o que chamamos de momentos da abordagem enunciativa de Benveniste, ou seja, as maneiras como tem sido lida essa teoria, com o propósito de, a seguir, analisarmos os trabalhos que abordam de certa forma a Gramática e a Enunciação, enquadrando-os, talvez, dentro desses momentos de estudo, ou em mais de um. Flores (2013a), em *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*, define, no mínimo, três momentos: 1) o da distinção entre pessoa/não pessoa; 2) o da distinção semiótico/semântico; e 3) o da formulação da ideia do aparelho formal de enunciação. É importante ressaltar que Flores (2013a), ao dividir o pensamento de Benveniste nestes três momentos, não estabelece essa divisão com base em critérios cronológicos. Na verdade, é um ponto de vista de leitura que Flores imprime à obra de Benveniste para torná-la mais didática, conforme vemos nas palavras do autor:

Importa considerar que esses momentos não podem ser vistos como fases da teoria, uma vez que não correspondem *pari passu* a alguma periodização. Também não cabe pensar que haja alguma relação de superação entre os momentos, já que os conceitos desenvolvidos em um momento são, geralmente, retomados e complexificados em outro. Essa divisão cumpre, aqui, apenas uma função didática de explicitação da teoria. (FLORES, 2013a, p. 26)

Para Flores, cada um desses momentos apresenta possibilidades distintas de fazer teoria e análise dos fatos linguísticos. O primeiro momento, da distinção pessoa/não-pessoa parece conter a semente da noção de enunciação, pois nele temos a discussão em torno das relações de pessoa no verbo, da natureza dos pronomes, da Subjetividade na linguagem, das relações de tempo no verbo, da experiência humana no tempo. Esse momento dá existência, conforme Flores (2013), a uma série de termos como *correlação de pessoalidade, correlação de subjetividade, eu, tu, ele, tempo linguístico, tempo crônico, tempo da língua, signo vazio, unicidade, sujeito, locutor, homem, indicadores autorreferenciais, instância de discurso*, entre outros.

Esse primeiro momento é constituído por quase todos os textos da quinta parte, o homem na língua, do PLG I: *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (1946), *A natureza dos pronomes* (1956), *Da subjetividade na linguagem* (1958), *As relações de tempo no verbo francês* (1959). E também de alguns textos do PLG II: da segunda parte - *A comunicação - A linguagem e a experiência humana* (1965); e da terceira parte - *Estruturas e análises - Estrutura da língua estrutura da sociedade* (1968). Nesse primeiro momento, descobrimos termos e conceitos-chave que apresentam possibilidades de leitura e de análise de fatos linguísticos relacionadas à complexidade envolvida nas relações de pessoa e não-pessoa como vinculadas a dois universos: o da língua e o do discurso. Esses dois universos colocam em cena o fato de que as línguas e, portanto, a linguagem reserva lugares para o homem se constituir como sujeito no universo do discurso.

Não é à toa que o título da quinta parte seja o homem na língua. Por meio do estudo dos pronomes, enxergamos o homem se marcando em sua língua e, por meio deste ato, singularizando-se e tornando-se sujeito. Por isso, Flores defende o seguinte:

Esta é a tese central da teoria enunciativa de Benveniste: *o homem está na língua*. Essa tese – fundamentalmente de cunho linguístico-antropológico, na medida em que encaminha para o desenvolvimento de uma linguística que busca descrever essas marcas – decorre de um princípio epistemológico: independentemente de para onde se olhe, a linguagem, entendida como intersubjetividade, é condição para que o homem exista. (FLORES, 2013a, p. 43, grifos do autor)

Flores (2013a) vai chamar essa grande tese de axioma de base, sendo seu operador a enunciação, ou seja, o homem está na língua é o axioma - a proposição de base, o princípio de evidência da teoria – que opera por meio da enunciação em todos os seus aspectos (o vocal – enunciação fônica -; da semantização da língua – a conversão individual da língua em discurso; e do quadro formal de realização). Esse primeiro momento, portanto, está voltado



para a questão da intersubjetividade na linguagem, em que a dupla pessoa/não pessoa ganha relevo.

Para demonstrar este momento, selecionamos alguns trechos do *corpus* de Flores (2013a). Em *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (1946), Benveniste nos traz alguns questionamentos a respeito dos pronomes:

Uma questão prejudicial se apresenta: poderá existir um verbo sem distinção de pessoa? Isso equivale a nos perguntarmos se a categoria da pessoa é verdadeiramente necessária e congenial ao verbo ou se constitui somente uma modalidade possível, o mais frequentemente realizada, mas não indispensável, como o são afinal muitas categorias verbais. De fato, podemos destacar, embora os exemplos sejam muito raros, línguas nas quais a expressão da pessoa é susceptível de faltar ao verbo. (PLG I, 2005, p. 248)

Por isso, cita o caso do coreano em que as principais distinções verbais dessa língua são de ordem “social”: as formas são diversificadas ao extremo segundo o nível do sujeito e do interlocutor e variam segundo se fale a um superior, a um igual ou a um inferior. O falante apaga-se e prodiga as expressões impessoais; para não sublinhar indiscretamente a relação das posições, contenta-se frequentemente com formas indiferenciadas quanto à pessoa, que só o sentido afiado das conveniências permite entender corretamente. Entretanto, não se deveria, como o faz Ramstedt, autor citado por Benveniste, erigir o hábito em regra absoluta; em primeiro lugar, justifica o mestre sírio-francês, porque o coreano possui uma série de pronomes pessoais que podem entrar em jogo, e isso é essencial; além disso, porque, mesmo nas frases que ele cita, a ambiguidade não é tal como se poderia crer.

Com esse exemplo do coreano, além dos de outras línguas, Benveniste marca um movimento que costuma acontecer em grande parte de seus textos, de mostrar que alguns fenômenos, como os pronomes são problemas de linguagem e, portanto, de línguas. Benveniste mostra a importância do estudo dos pronomes e de como esse estudo evidencia sua universalidade, pois envolve a presença do homem na língua. Todas essas línguas - que o linguista cita - possuem pronomes, não colocando em questão a originalidade de cada sistema e de como cada um deve ser estudado em particular. Dito de outra forma, por meio dos pronomes, o homem tem um lugar reservado na língua.

Nesse texto, Benveniste insere em sua reflexão duas importantes correlações: a de subjetividade e a de pessoalidade. Por meio dessas correlações, distingue pessoa (*eu-tu*) e não-pessoa (*ele*). Essa oposição fundamenta, de um lado, os elementos ligados à instância de discurso e, de outro, os ligados à sintaxe da língua. Já no texto que trataremos a seguir,

também inserido neste momento da teoria, Benveniste procura explorar a relação entre as noções de pessoa e tempo.

Em *A linguagem e a experiência humana* (1965), Benveniste reafirma a universalidade dessa categoria:

Uma dialética singular é a mola desta subjetividade. A língua provê os falantes de um mesmo sistema de referências pessoais de que cada um se apropria pelo ato de linguagem e que, em cada instância de seu emprego, assim que é assumido por seu enunciador, se torna único e sem igual, não podendo realizar-se duas vezes da mesma maneira. Mas, fora do discurso efetivo, o pronome não é senão uma forma vazia, que não pode ser ligada nem a um objeto nem a um conceito. Ele recebe sua realidade e sua substância somente do discurso. (PLG II, 2006, p. 69)

Ao relacionar tempo e pessoa, Benveniste investe no fato de que o tempo linguístico está relacionado à instância de discurso, pois o momento de fala é o fundamento das oposições temporais na língua. E esse momento de fala é o momento em que as pessoas do discurso inscrevem-se em um “processo de troca que remete à experiência humana na linguagem” (PLG II, p. 80) e é em torno do presente da enunciação que as marcas temporais de passado e de futuro se constituem. A língua, portanto, providencia esse sistema de referências, cuja apropriação é possível pelo seu emprego, logo que assumido por aquele que enuncia, como o próprio Benveniste defende.

O segundo momento do pensamento da teoria enunciativa benvenistiana é aquele em que o linguista faz a distinção e o uso dos termos semiótico e semântico. Os textos em que Benveniste se detém nesta reflexão são *Os níveis da análise linguística* (1962/1964), *A forma e o sentido na linguagem* (1966/1967) e *Semiologia da língua* (1969). Em *Os níveis da análise linguística* Benveniste não chega a usar estes termos, mas é onde há um esboço das relações entre forma e sentido, que dá base ao raciocínio dos modos de ser língua. Nele, o linguista tece logo no início uma crítica às gramáticas tradicionais quanto aos fenômenos estudados, à maneira de classificá-los, aos métodos de análise e, em seguida diz que

A noção de *nível* parece-nos essencial na determinação do procedimento de análise. Só ela é própria para fazer justiça à natureza *articulada* da linguagem e ao caráter *discreto* de seus elementos; só ela pode fazer-nos reconhecer, na complexidade das formas, a arquitetura singular das partes e do todo. O domínio no qual a estudaremos é o da língua como sistema orgânico de signos linguísticos. (PLG I, 2005, p. 127, grifos do autor)

De fato, Benveniste defende, no texto, que a descrição de uma língua precisa ser coerente, isto é, estar organizada segundo os mesmos conceitos e os mesmos critérios. Estudar a língua, com a consideração da natureza articulada da linguagem, é levar em conta que é

formada de unidades discretas, distribuídas em cada nível e integradas em níveis superiores. Flores (2013a) chama a atenção para o fato de que se trata de níveis *da* análise e não *de* análise. Por isso, o texto trata sobre a análise linguística e não sobre os níveis de análise canônicos que fazem parte dos estudos linguísticos, como se fossem camadas ou partes separadas da língua. Na verdade, a noção de nível é essencial para o procedimento de análise, o que envolve considerar a relação entre forma e sentido:

O *sentido* é de fato a condição fundamental que todas as unidades de todos os níveis devem preencher para obter *status* linguístico. Dizemos realmente a respeito de todos os níveis: o fonema só tem valor como discriminador de signos linguísticos, e o traço distintivo, por sua vez, como discriminador dos fonemas. A língua não poderia funcionar de outra maneira. (PLG I, p. 130, grifos do autor)

Nesse caso, a dissociação nos leva a chegar à forma e a integração ao sentido: “A *forma* de uma unidade linguística define-se como a sua capacidade de dissociar-se em constituintes de nível inferior.” (PLG I, p. 135, grifos do autor). Já o “[...] *sentido* de uma unidade linguística define-se como a sua capacidade de integrar uma unidade de nível superior.” (PLG I, p. 136, grifos do autor). Desse modo, para o linguista, forma e sentido aparecem como propriedades conjuntas, necessárias e simultaneamente, inseparáveis no funcionamento da língua. As suas *relações mútuas* revelam-se na organização dos níveis linguísticos, percorridos pelas operações descendentes e ascendentes da análise graças à natureza articulada da linguagem. No entanto, neste texto, Benveniste opera com mais de uma noção de sentido. A primeira noção está ligada à propriedade de que cada unidade de todos os níveis constituir uma unidade distintiva, opositiva, delimitada por outras unidades; esse sentido é inerente ao sistema e aos seus níveis. A segunda acepção envolve o fato de que não se trata mais de questionar se determinado elemento é distintivo ou se tem ou não um sentido na língua. Ou seja, não se trata mais de um domínio intralinguístico, mas se trata de indagar sobre “qual é o sentido?”. A resposta a essa questão implica referência à instância de discurso; pertence ao nível da frase. Embora Benveniste não use neste texto as denominações semiótico e semântico, temos aqui o embrião dessas noções, pois se trata de dois universos linguísticos: o da língua enquanto conjunto de signos formais, destacados pelos procedimentos rigorosos, e o da língua enquanto manifestação na comunicação viva.

Dessa forma, se, por um lado, a língua é conjunto de signos formais, relevantes por procedimentos rigorosos; de outro lado é da língua-discurso que se trata, um termo do próprio Benveniste em *A forma e o sentido na linguagem*. O linguista conclui este artigo dizendo algo bastante valioso e pertinente: “É no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se

configura. Aí começa a linguagem. Poder-se-ia dizer decalcando uma fórmula clássica: nihil est in lingua quod non prius fuerit in oratione.” (PLG I, 2005, p. 140). Não há nada na língua que não tenha existido na frase. A linguagem começa quando o homem, ao usar sua língua – que se forma e se configura no discurso atualizado em frases – marca-se, individualiza-se pelas experiências e torna-se sujeito *na* e *pela* língua em emprego, inserindo-se no mundo do discurso.

A inter-relação entre esses universos continua a ser discutida no texto *A forma e o sentido na linguagem*, também pertencente a este momento da teoria destacado por Flores (2013a). É neste texto, que compõe o PLG II, que a discussão forma e sentido é retomada assim como o mundo do signo e o do discurso para Benveniste defender que há dois modos de ser língua: no semiótico e no semântico. Esses dois modos estão organizados na forma e no sentido. A forma do semiótico envolve as relações opositivas intralinguísticas: ser significativo é ser opositivo. Assim, a distinção de formas do semiótico está ligada ao sentido, ao fato de ser possível discriminá-la em relação às outras formas. Também está ligada ao reconhecimento da forma como pertencendo ao uso nativo que os falantes fazem dela. Já a forma do semântico envolve a combinação de palavras na frase (a sintagmatização) que produzem uma ideia global (sentido da frase) e possibilitam que se depreenda o sentido da palavra pelo seu emprego. O universo intralinguístico do signo é o semiótico, o universo da palavra e da frase é o do discurso. Novamente, Benveniste traz, com a distinção semiótico e semântico, noções como *sintagmatização*, *agenciamento de palavras*, *atualização linguística*, *produção de discurso*, *acontecimento*, conforme registra Flores (2013a). Essa perspectiva é operatória porque está mais ligada à sintagmatização de palavras para a produção de sentidos e menos relacionada aos indicadores de subjetividade.

Em *Semiologia da língua*, um artigo bastante complexo de Benveniste, podemos dizer que essas noções se ampliam. Embora neste artigo o linguista faça referência direta ao texto *A forma e o sentido na linguagem* em sua nota 28 (p. 64) quando pela primeira vez utiliza os termos semiótico/semântico (1966/1967), acreditamos que haja uma ampliação dos termos, pois as relações que Benveniste trava neste artigo são distintas das dos outros. Aqui falamos de uma abordagem semiológica, não mais linguística *stricto sensu*, pois a língua é vista em relação a outros sistemas semiológicos. Portanto, essas noções não têm o mesmo estatuto. É interessante também pensarmos o público-alvo de Émile Benveniste no congresso realizado naquela época. O linguista trata de um tema caro à filosofia e também à linguística. E o debate acaba restringindo-se aos aspectos da linguagem. Já em *Semiologia da língua*, os termos servem para, num primeiro momento diferenciar-se da semiologia de Saussure, e para, num

segundo momento, propor uma Semiologia da Língua. O texto está dividido em duas partes: em uma primeira parte, Benveniste dialoga com Peirce e Saussure, para mostrar a sua aproximação de Saussure, justamente por tomar a língua como objeto e considerá-la como um sistema de signos. Esses signos se fundamentam por relações de diferença. Já Peirce, além de não se interessar pela língua, não delimita os elementos por relações de diferença, pois, para ele, tudo é signo. Se na primeira parte Benveniste aproxima-se de Saussure, na segunda, busca construir uma reflexão semiológica própria, que toma a língua como interpretante de outros sistemas semiológicos, justamente por: conter semiótico (ter unidades distintas partilhadas pela comunidade) e semântico (poder manifestar-se na enunciação), por possuir a propriedade metalinguística e por ser a única atualização da comunicação intersubjetiva.

Percebemos que, nesse segundo momento da teorização benvenistiana, a discussão sobre língua liga-se a uma dimensão operatória, possibilitando outras discussões para além da Linguística, como a sua proposta semiológica.

O terceiro momento da teorização de Benveniste, conforme divisão metodológica proposta por Flores (2013a), envolve a formulação da ideia de aparelho formal da enunciação, problemática presente no texto de 1970, última publicação a respeito do tema enunciativo. É neste artigo que encontramos em diversos momentos Benveniste trazendo definições de enunciação como no trecho abaixo:

A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização. O discurso, dir-se-á, que é produzido cada vez que se fala, esta manifestação da enunciação, não é simplesmente “a fala”? – É preciso ter cuidado com a condição específica da enunciação: é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto. Este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta. A relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação. Deve-se considerá-la como o fato do locutor, que toma a língua por instrumento, e nos caracteres linguísticos que marcam esta relação. (PLG II, 2006, p. 82)

Este grande processo pode ser estudado sob três aspectos (PLG II, 2006, p. 82, grifos nossos): O primeiro envolve a realização vocal, relacionada ao ato de emitir sons de modo singular, ou seja, envolve a experiência individual de vocalizar. O segundo está vinculado ao mecanismo de produção, que diz respeito à conversão do sentido em palavras no discurso (como as formas se diversificam e se engendram no discurso). Nesse aspecto, Flores (2013a) retoma a ideia de uma noção operatória de enunciação como conversão da língua em discurso, acepção que envolve sintagmatização e semantização. E o terceiro envolve o quadro formal de realização: ato, situações e instrumentos. E é justamente nesse último aspecto que o linguista se centra.

O ato comporta o modo como o locutor se declara como sujeito no discurso e implanta o outro (alocutário) diante de si. A situação de discurso diz respeito ao modo como a língua se acha empregada para o locutor expressar “certa” relação com o mundo e constituir referência no discurso. E os instrumentos de realização envolvem o aparelho de formas da língua, o aparelho de funções e os procedimentos acessórios.

Assim, o aparelho formal da língua, o aparelho de funções e os procedimentos acessórios (modo como o locutor engendra formas para produzir sentidos) permitem ao locutor indicar sua posição de locutor e a implantar o outro diante de si (aspecto de intersubjetividade). Pelo processo de apropriação da língua, o locutor utiliza-se do aparelho formal e enuncia sua posição de locutor, conforme palavras de Benveniste:

Enquanto realização individual, a enunciação pode se definir, em reação à língua, com um processo de apropriação. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro. (PLG II, 2006, p. 84)

O artigo *O aparelho formal da enunciação*, conforme Flores (2013a), poderia ser tanto um texto de síntese da teoria enunciativa de Benveniste, um texto de abertura, em vista de como o texto se encerra, deixando alguns possíveis desdobramentos para serem estudados posteriormente no contexto da enunciação. Este terceiro momento, portanto, traz vários temas para debate, como a noção de apropriação, as diferenças entre a oralidade e a escrita, sobre o que Benveniste chama de formas complexas do discurso, entre outros (FLORES, 2013a).

Nosso intuito com a exposição desses três momentos, conforme Flores (2013a), é o de trazer trabalhos que selecionamos para exemplificar os estudos já publicados em gramática e enunciação pelo viés benvenistiano. Destacaremos, na próxima seção, os pontos principais desses estudos, concluindo com os encaminhamentos que daremos a nossa proposta a partir disso.

## 2.2 OS ESTUDOS EM GRAMÁTICA E ENUNCIÇÃO

Gramática e enunciação pelo viés benvenistiano não é uma discussão nova, por isso citaremos alguns trabalhos já realizados nesse campo, os quais abarcam as questões de gramática dentro de um contexto enunciativo. Isso não quer dizer que nosso trabalho não seja relevante ou que não haja um tom de novidade. Acreditamos que a temática esteja dentro de algo que já foi explorado, mas essa exploração já realizada está inserida em uma abordagem enunciativa da reflexão benvenistianiana. Pretendemos, portanto, não apenas mostrar esses

estudos já realizados, mas ampliá-los, de maneira a contribuir com os estudos da linguagem em um viés benvenistiano ao trazer a sua abordagem geral sobre linguagem, língua, línguas, enunciação e discurso. Nesse sentido, esses termos, que contêm a cultura de uma sociedade neles impregnados, serão vistos pelo axioma geral de o homem na linguagem/língua-discurso. Essa ampliação será desenvolvida ao longo da Dissertação, principalmente nos terceiro e quarto capítulos.

Selecionamos cinco estudos que envolvem discutir gramática ou temas gramaticais, pelo viés benvenistiano de linguagem: o livro *Enunciação e gramática* (FLORES *et al*, 2013); e os artigos *Enunciação e gramática: o papel das condições de emprego da língua* (DIAS, 2007); *Pode a enunciação contribuir para o ensino de gramática?* (FLORES e NUNES, 2012); *O que seria uma gramática da enunciação? A proposta de uma análise transversal* (FLORES, 2013b) e *A linguagem como experiência humana: o estudo da gramática numa perspectiva enunciativa* (MELLO, 2016). O critério para a escolha dos artigos foi a procura pelos termos “gramática” e “enunciação” em conjunto e, além disso, que se situassem nos estudos enunciativos de Benveniste. Apontaremos os pontos principais desses estudos e os encaminhamentos de nossa proposta. Mostraremos, ao longo de nosso estudo, como nossa visão não apenas está de acordo com os textos publicados, mas também como podemos ampliar essa perspectiva, levantando possibilidades de pesquisas que envolvam a gramática e a enunciação, incorporando uma discussão mais ampla sobre linguagem e línguas em Benveniste, com questões de sociedade e cultura como constitutivas da base enunciativa.

Quando pensamos em propor uma reflexão acerca de gramática, deslocando a teorização benvenistianiana (já que ele pouco cita o termo “gramática”), a ideia era justamente encontrar princípios que dessem base para pensarmos sobre o funcionamento de uma língua, podendo encaminhar uma reflexão relativa ao ensino de línguas (seja ela materna, seja segunda língua<sup>5</sup>). Pensar sobre o funcionamento de uma dada língua, é antes de tudo ponderar sobre o que é língua e o que é linguagem dentro da teorização de Benveniste para, depois, chegarmos a princípios – os quais não estão dados *a priori*, mas são construídos ao longo da reflexão. É o que buscaremos em nossa pesquisa. Nessa linha, a pergunta que este item procura responder é a seguinte: *considerando a existência, no Brasil, de estudos gramaticais a partir da abordagem benvenistianiana, como esses estudos estão configurados?* Por isso, no item anterior, buscamos alicerçar a leitura de Benveniste no país para, neste item, verificar

---

<sup>5</sup> Segunda Língua para Gess e Selinker (2008), refere-se a qualquer língua aprendida depois da materna ou L1, podendo ser a segunda, terceira ou quarta. Embora saibamos da existência de outros termos como “língua estrangeira” ou “língua adicional”, optamos pela expressão segunda língua a partir da argumentação dos autores e seguindo o estudo de Machado (2013).

como esses estudos gramaticais se ancoram nessa abordagem, com a consideração dos momentos elencados por Flores (2013a).

Pretendemos justamente nesta seção trazer os pontos principais dos estudos citados que acreditamos se situarem dentro do que chamamos de estudos em Gramática e enunciação. Nosso objetivo é explorar estes trabalhos e situá-los dentro dos momentos que apresentamos anteriormente.

Partimos da obra *Enunciação e gramática* de Flores *et al* (2013). A obra abrange dois aspectos do estudo da linguagem: o *uso* e sua *organização* (em uma determinada situação relativa ao tempo, ao espaço e ao sujeito que enuncia) desde o ponto de vista enunciativo, considerando-se que enunciar é um ato singular de utilização da língua. O texto se propõe a preencher uma lacuna com relação à aplicação dos estudos enunciativos na descrição do português, principalmente nos capítulos sobre as análises linguísticas - sob a ótica da enunciação - da subjetividade na língua (pronomes, verbos), da frase nominal, dos indefinidos, das preposições e do aspecto verbal. Ademais, no final do livro encontramos uma reflexão sobre enunciação e ensino de língua portuguesa.

*Enunciação e gramática* parte de uma hipótese formulada no livro *Introdução à linguística da enunciação*, de Valdir do Nascimento Flores e Marlene Teixeira, de que existem diversas teorias da enunciação, incluindo nomes como Charles Bally, Oswald Ducrot, Jacqueline Authier-Revuz, Kerbrat-Orecchioni, dentre outros. Essas teorias têm traços em comum, de tal forma que podemos pensar em um objeto próprio a uma linguística. A partir dessa hipótese, o objetivo da obra é, num primeiro momento, apresentar alguns aspectos da Teoria da Enunciação de Benveniste e, por conseguinte, sua aplicação à língua portuguesa. Em um segundo momento, o objetivo do texto é divulgar trabalhos de pesquisa desenvolvidos em torno das relações entre gramática e o uso da linguagem.

O primeiro momento da obra é dedicado a fazer um percurso da perspectiva enunciativa de estudo da linguagem, em que é apresentado o campo da Linguística da Enunciação - sendo *campo* uma palavra utilizada pelos autores, inspirada em Jacqueline Authier-Revuz -, e sua heterogeneidade, citando alguns autores e conceitos que o fundam. Como reflexão muito breve, considera-se o desenvolvimento dos pensamentos de Fuchs (1985), Charles Bally e Albert Sechehaye, além da obra *Encyclopédie Philosophique Universelle* (1990), como parte de um esboço de uma epistemologia do campo da enunciação. Com Fuchs e a obra *Encyclopédie*, aponta-se a abordagem enunciativa como herdeira da Retórica - principalmente as três grandes partes dela, a saber, elocução, provas e disposição, que se relacionam com aquele que fala, o assunto sobre o qual se fala e aquele a quem se fala



- e de uma pequena parte da Lógica – associando-se o fenômeno da dêixis e o das modalidades. Já os herdeiros de Saussure, são considerados pela *Encyclopédie* iniciadores de um pensamento enunciativo nas primeiras décadas do século XX.

Em seguida, faz-se um recorte de alguns fundamentos das reflexões enunciativas. Para isso, é necessário fazer um retorno a Saussure e reconhecer a importância do desenvolvimento do pensamento saussuriano no estabelecimento de uma Linguística da Enunciação. E é o que o texto se propõe, colocando a Linguística da Enunciação não só tributária do sistema saussuriano, mas também definida necessariamente em relação a ele – embora não se encerre nisso. O próprio Émile Benveniste coloca o mestre genebrino no lugar do *homem dos fundamentos* (PLG I, 2005, p. 35), dedicando um texto inteiro à Saussure em *Saussure após meio século* (1963). *Enunciação e gramática* cita três pontos em que se pode fazer a ligação do campo da enunciação a Ferdinand de Saussure: a relação entre língua e fala, a noção de estrutura<sup>6</sup> e a problemática do sujeito.

Ainda encontramos, segundo os autores, uma leitura dicotômica do vasto número de fontes de pesquisa em Saussure, principalmente do *Curso de linguística geral* (CLG), que, de certa forma, carece de uma leitura mais atenta. A fala é definida, muitas vezes ao longo do CLG, como uma atividade indispensável ao estabelecimento da língua, portanto fazer a associação de uma Linguística da Enunciação a uma Linguística da Fala é um equívoco como bem analisam os autores do texto, embora utilizem o termo dicotomia para referir-se à relação língua/fala<sup>7</sup>. Em suma, existem várias maneiras de expressar essa herança dada pelo pensamento saussuriano, como aponta o texto, no estabelecimento do campo enunciativo, por meio de palavras e conceitos distintos. Independentemente de se pensar que há continuidade ou ruptura com o pensamento de Saussure, as teorias da enunciação constituem um novo objeto que é a enunciação.

O segundo ponto que nos permite relacionarmos o campo da enunciação ao mestre genebrino é a importância da noção de estrutura. Este termo, o qual comporta vários sentidos, como bem lembram os autores de *Enunciação e gramática*, embora ele tenha sido cunhado

<sup>6</sup> O uso do termo *estrutura* será discutido na sequência do estudo.

<sup>7</sup> Acreditamos que essa separação entre língua e fala no pensamento saussuriano se dá em função de uma necessidade epistemológica: “A Linguística trabalha, pois, no terreno limítrofe em que os elementos das duas ordens se combinam; *essa combinação produz uma forma, não uma substância*” (SAUSSURE, 1974, p. 131, grifos do autor). Ou ainda: “Sem dúvida, esses dois objetos estão estritamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos, mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, o fato da fala vem sempre antes. [...] Enfim, é a fala que faz evoluir a língua [...]. Existe, pois, interdependência da língua e da fala; aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta. Tudo isso, porém, não impede que sejam duas coisas absolutamente distintas” (SAUSSURE, 1974, p. 27). É nesse limite, portanto, que o linguista opera para poder compreender o funcionamento de uma língua e os princípios que orientam esse funcionamento.

pelo pós-saussuriano e remeta ao *estruturalismo*<sup>8</sup>, é abundantemente utilizado na Linguística, inclusive no campo da enunciação, entre autores como Oswald Ducrot e Jacqueline Authier-Revuz. Conclui-se que falar em enunciação é falar em estrutura, por ser o termo amplamente utilizado pelos linguistas do campo da enunciação, ainda que haja reconceituação do termo, pois essa estrutura passa a comportar o sujeito que enuncia e deixa-se de ser mera repetição – como interpretada por algumas perspectivas.

Particularmente em Benveniste o assunto carece de maior aprofundamento. O que fica claro é que em seus trabalhos relacionados à enunciação, encontramos ênfase no termo *sistema* – embora o linguista se utilize do termo *estrutura*, inclusive em títulos de artigos seus publicados nos dois volumes de *Problemas de linguística geral*. Benveniste propõe o termo quando fala da organização (estrutura) do sistema da língua na noção de *aparelho formal da enunciação*, inerente a todas as línguas e, ao mesmo tempo, específico em cada língua e para cada sujeito (único a cada instância de discurso). Os autores encerram esse ponto de ligação com o pensamento saussuriano, chegando a uma formulação axiomática a partir da noção de *aparelho formal* dada por Émile Benveniste: “[...] é universal que todas as línguas tenham dispositivos que permitam sua utilização singular pelos sujeitos; é particular a configuração destes sistemas e o uso que os sujeitos deles fazem.” (FLORES *et al*, 2013, p. 22).

No terceiro ponto, na tentativa de delimitar epistemologicamente o campo da Linguística da Enunciação, ligando-o ao pensamento saussuriano, cabe se perguntar de que sujeito se está falando quando tratado pela Linguística. O termo não foge, a exemplo de outros, da heterogeneidade de conceitos dentro do campo. Quando se trata de teorização benvenistiana podemos verificar isso com vários termos. No caso de *sujeito*, ele aparece nos textos de Benveniste, com distintos sentidos, como afirmado na nota explicativa do verbete no *Dicionário de Linguística da Enunciação* (2008). Defende-se, então, que nessa configuração epistemológica da Linguística da Enunciação, não se trata de tomar sujeito como objeto de análise. Émile Benveniste sempre foi colocado como aquele que incluiu o sujeito da enunciação – embora não tenha utilizado este termo em seus artigos, como nos recordam não só Claudine Normand em seu texto *Os termos da enunciação em Benveniste* (1996), como também Gérard Dessons em *Émile Benveniste, l'invention du discours* (2006). Aqueles que ligam Benveniste a uma teoria do sujeito o fazem por meio de um viés mais psicologizante. Os que afirmam o contrário, representados pela leitura de Normand, reconhecem o potencial das ideias de Benveniste e rechaçam a visão da teoria egocêntrica.

---

<sup>8</sup> No *Curso de linguística Geral*, por exemplo, jamais vemos o termo *estrutura* e, sim, *sistema*. No campo da enunciação, o termo é mais especificamente ligado à relação e organização da língua.

Defende-se, portanto, que a Linguística não comporta o estudo do sujeito em si, não está dentro do seu quadro teórico, visto considerar-se esse conceito como aspecto exterior ao linguístico. O que é comportado, sim, é o estudo das marcas da enunciação e do sujeito no enunciado, colocados por Benveniste, por exemplo, na formulação do *aparelho formal da enunciação* e também o que Antoine Culioli chama de *operações* (incluído na teoria da enunciação por colocar como objeto o enunciado).

O campo da Linguística da Enunciação é, então, dividido em dois grupos: 1) autores cuja reflexão é voltada à enunciação e, no entanto, não formulam um modelo de análise – dentre eles estão o próprio Émile Benveniste, Bally, Sechehaye, Guillaume, como citados no texto; 2) autores cujas propostas teórico-metodológicas são elaboradas de forma explícita – como Jakobson, Ducrot, Culioli, Authier-Revuz, Fuchs, Hagège, Kerbrat-Orecchioni. No caso de Benveniste, o fato de não desenvolver um modelo de análise acaba sendo uma fonte inesgotável de distintas leituras teóricas, dá a possibilidade de múltiplas interpretações.

Para finalizar esse percurso do primeiro momento do livro e com a finalidade de sistematizá-lo, é feito um esboço de um quadro geral da Linguística da Enunciação, por meio de tópicos (ao todo nove) das questões transversais ao campo. Questões essas que são colocadas de maneira breve e que carecem de maior aprofundamento, mas que nos ajudam a enxergar de maneira mais didática esse quadro geral. Para visualizarmos melhor, colocaremos esses tópicos numerados.

1. O primeiro tópico é o da diversidade *versus* unicidade, ou seja, trata-se de entender que no campo da enunciação cabem teorias diferentes, com objetivos distintos e que não se complementam, nem mesmo o conceito de enunciação pode ser generalizado.
2. O segundo tópico coloca como núcleo de toda teoria enunciativa o sentido. Todos os níveis de análise linguística estão submetidos ao sentido; portanto, estudar a linguagem a partir de uma teoria da enunciação é enxergá-la desde o ponto de vista do semântico. A concepção de semântica tampouco é única.
3. O terceiro tópico diz respeito aos mecanismos de produção do sentido no discurso. Dentre esses mecanismos estão os indicadores de subjetividade em Benveniste (pronomes, tempos verbais, advérbios, funções sintáticas de interrogação, intimação, asserção, modalidades), os *shifters* em Jakobson (categorias verbais de tempo, modo, pessoa), os fenômenos na Estilística de Bally (*dictum, modus*, tema e rema), o que convencionamos chamar de dêixis, além de uma vasta lista de problemas linguísticos que podem integrar os estudos na abordagem enunciativa.

4. No quarto tópico é esclarecida a distinção enunciado e enunciação. Sendo aquele o foco de análise de linguistas do campo, ou seja, é a análise do processo (as marcas da enunciação no enunciado) que está em questão, e não o produto (enunciado).
5. O quinto tópico se dedica a falar sobre o lugar da descrição linguística nos estudos enunciativos. Nesse sentido, é esclarecida a impossibilidade de falar de uma gramática da enunciação – ao contrário do que o texto se propõe que é falar de enunciação e gramática – já que a própria definição de enunciação não nos permitiria. A partir de uma relação constitutiva (e não opositiva) língua-discurso – termo utilizado pelo próprio Benveniste –, permitida por meio da *semantização* da língua, passagem da língua para o discurso, tem-se a enunciação como o ato de apropriação da língua pelo locutor por meio do aparelho formal da enunciação, comportando locutor e alocutário. Portanto, a concepção de *gramática* que é sustentada ao longo do livro é a da língua-discurso, ou seja, pensar a gramática de uma língua, do ponto de vista enunciativo, é tratar de aspectos que estão envolvidos no seu emprego em uma determinada situação.
6. No sexto tópico são explicitados dois pontos a respeito dos aspectos metodológicos gerais da análise enunciativa. O primeiro é a necessidade teórica, ou seja, a necessidade de se explicitar como se faz uma análise enunciativa da linguagem, como é a metodologia e o que é um *dado*. O segundo é a necessidade didática, o que a perspectiva enunciativa pode agregar na descrição da língua portuguesa, para além de outros trabalhos em outras perspectivas.
7. Neste tópico é dedicado a falar sobre o método de análise da linguagem. Cada teoria dentro do campo da enunciação forja seu método, assim como vimos em alguns conceitos e noções, o método tampouco é único e universal. No caso de Benveniste, o seu instrumental metodológico visa à língua e à linguagem, o ponto de vista é o descritivo – pois há uma infinidade de exemplificações do fenômeno estudado -, além de dar visibilidade ao processo e ao ato de utilização.
8. O oitavo tópico fala sobre os dados, a noção de fato e o *corpus* de fatos. Em primeiro lugar, os *dados* jamais são concedidos em enunciação, o que é observado é a maneira como o sujeito se marca naquilo que enuncia, portanto, na perspectiva enunciativa é pressuposto que esse sujeito se marca na estrutura do que diz. O fenômeno que serve para explicitar a maneira como esse sujeito se marca em seu discurso constitui, portanto, um fato enunciativo de linguagem; ele é em si já um

começo de análise, pois é produto de uma interpretação. O *corpus* de fatos seria a reunião desses mecanismos.

9. Por último, no nono tópico, fala-se sobre a transcrição dos dados. O próprio ato de transcrever, nessa perspectiva, é enunciar, pois é submetido à efemeridade da enunciação, sempre única, singular e não linearmente extensível, não é considerada integral, nem generalizável. Considera-se, por fim, que transcrever é condição da análise que se quer empreender.

Nesse percurso teórico-metodológico da Linguística da Enunciação, os autores do texto *Enunciação e gramática* falam de forma bastante breve acerca do lugar de Benveniste no campo da enunciação. Influenciado pelo comparativismo de Meillet e pelo pensamento saussuriano, Émile Benveniste foi notoriamente reconhecido pela linguística de seu tempo – embora, como mostra Normand, na França dos anos 1960, é a Jakobson (e principalmente ao texto que é elaborada a noção de *shifters*) que se referiam os linguistas para falar de enunciação. O linguista sírio acaba sendo mais reconhecido a partir da década de 1970, diferenciando-se da linguística que era feita até então, tomando outras proporções temas como subjetividade, intersubjetividade, referência, significação.

Na segunda parte de *Enunciação e gramática* são apresentados os aspectos teórico-metodológicos que norteiam a perspectiva linguística benvenistiana, enquadrada dentro do que se convencionou chamar de Teoria da Enunciação. Neste momento mais específico do texto, encontramos noções que direcionam a essa linguística – apontada na primeira parte – e possibilidades de análise a partir da consideração à enunciação, ao contrário do primeiro momento de caráter mais geral. Decide-se tomar como ponto de partida o texto *O aparelho formal da enunciação* em que Benveniste discute a noção de enunciação. Essa segunda parte, portanto, pelo estudo do *ato individual de utilização* divide-se em um esboço: a) do quadro da enunciação em oposição ao quadro da língua (uma oposição apenas de caráter provisório, já que a enunciação comporta a língua; e b) da noção de língua em funcionamento. Com isso, no final desta parte, apresenta-se o objeto, a unidade e o princípio que funda uma linguística baseada na língua em uso.

O quadro da enunciação, relativo à língua em ação, comporta a noção de pessoa (*eu/tu*), a noção de espaço-tempo (*aqui-agora*) e os indicadores de subjetividade (*eu-tu*, verbos, demonstrativos, advérbios, adjetivos, modalização). Este quadro mostra que é no uso da língua que a enunciação se revela no enunciado. Mas como a enunciação é um ato individual de utilização, como bem mostram os autores do texto, o que foi dito até o momento sobre o que é enunciação e o que é língua nunca serão suficientes. No quadro da língua fala-

se sobre a noção de *não-pessoa* (*ele*) – que juntamente com a noção de *pessoa* (*eu/tu*) são colocadas dentro da discussão sobre signos vazios e signos plenos -; sobre a subjetividade e objetividade (relacionadas respectivamente às noções de *pessoa* e *não-pessoa*), a dêixis e a não dêixis (partículas dêíticas da linguagem, incluindo os estudos dos pronomes e da pessoa verbal). Seja qual for a ótica que se examinem as noções de *pessoa* e *não-pessoa* – por meio de signos vazios e plenos, subjetividade e objetividade, dêíticos e não dêíticos – o centro de referência é a enunciação: quando me constituo como sujeito e digo *eu*, também constituo o *tu*, o *aqui-agora*.

A partir desses quadros (da enunciação e da língua), o texto nos leva a um aprofundamento da Teoria da Enunciação (de Benveniste), destacando-se o funcionamento da língua (que coloca esses dois quadros em sobreposição). Para tanto, faz-se uma breve análise dos termos *frase*, *palavra*, *forma* e *sentido* e de como essas noções são empregadas por Benveniste, a fim de chegar à unidade, ao objeto e à noção fundante dessa teoria. Na Teoria da Enunciação de Benveniste, frase tem uma acepção diferente: ele é a unidade do discurso. Isso fica mais claro no artigo *Os níveis da análise linguística*, com a noção de níveis de análise, sendo o último nível o do discurso. A *frase* ou o *enunciado* (sempre única e irrepetível) não tem uma extensão limitada, por esse motivo podemos encontrar uma frase com apenas uma palavra. E esta, então, tem existência apenas no discurso, como constituinte da frase. Entender essas noções na teoria enunciativa de Benveniste, portanto, é procurar entender o funcionamento da língua (é aqui que entram em sobreposição – no uso da língua – os quadros da enunciação e da língua apresentados anteriormente). Diante disso, se faz necessário maior explicitação quando se considera não só o signo como unidade, mas também a frase: temos aí duas visões de língua. Benveniste coloca essas duas visões como o semiótico (a esfera das relações paradigmáticas ou associativas, implica reconhecimento, pertencimento à língua) e o semântico (a esfera das relações sintagmáticas, o campo do discurso) – duas maneiras de ser língua, como o próprio linguista afirma em seu artigo *A forma e o sentido na linguagem*. De maneira breve e pouco aprofundada, temos uma ideia, a partir de *Enunciação e gramática*, do que sejam forma e sentido no semiótico e no semântico. É um tema bastante complexo na teoria enunciativa de Benveniste, gerando alguns equívocos de leitura acerca dessas duas noções em sua teoria, e que, portanto, merece maior atenção em outro momento deste trabalho.

Em seguida, os autores do texto vislumbram o que seria uma sintaxe a partir dessa perspectiva, colocando a Teoria da Enunciação, de Benveniste, como uma semântica que tem como fundamento a noção de intersubjetividade. Ou seja, falar de sintaxe, desde essa

perspectiva, é falar de uma atividade do sujeito com sua língua. Com o uso da língua há atribuição de referência – que implica o processo de sintagmatização-semantização - e, por conseguinte, correferência (quando *tu* realiza a mesma atividade, invertendo o papel com o *eu*, em sua necessidade de correferir). Dessa forma, a frase é a unidade que se impõe, pois não há como tomar o signo como único princípio; o signo está contemplado no discurso. Estudar a língua, que está sob a sustentação da intersubjetividade, implica considerar a enunciação – objeto de uma Linguística que constitui fundamentos a Linguística da Enunciação.

Os autores de *Enunciação e gramática* dão continuidade a essa leitura empreendida ao longo da obra, visando aliar esses aspectos teórico-metodológicos e análise de fatos de língua. Nessas análises são retomadas noções já explicitadas, as quais dão suporte para as reflexões gramaticais empreendidas na obra. A Teoria da Enunciação de Benveniste, como bem diz o texto, apoia-se na análise da presença do sujeito na língua, para tanto, o linguista adota um viés bastante descritivista, trazendo exemplos de várias línguas, observando peculiaridades, rupturas em o que é aparentemente um homogêneo paradigma formal. Dentre essas análises os autores do texto escolhem os pronomes pessoais – *eu/tu*, *ele*, além do *nós* (pessoa amplificada) e do *vós* -; outros pronomes como os pronomes demonstrativos – que se organizam correlativamente com os indicadores de pessoa (*eu/tu*) - e os pronomes possessivos – cuja referência é a situação de discurso; a categoria de pessoa no verbo, sua universalidade, a subjetividade no enunciado, por meio da análise dos verbos de operação mental e dos performativos e a constituição de um tipo de derivação – em que se observa a oposição entre derivação denominativa e deverbativa (de signos da língua) e derivação delocutiva (de locuções do discurso). Conclui-se, então, que a partir de uma concepção de língua como língua-discurso, Benveniste apoia suas descrições fundamentalmente nos usos, na frase enunciada por um locutor. Ao final deste momento de análises, os autores apontam questões, que são direcionadas pelo próprio linguista sírio-francês, passíveis de investigação pelo viés enunciativo, como formas de discurso, funções sintáticas, ou ainda textos e obras.

Em seguida, os autores partem da morfologia e da sintaxe da Gramática Tradicional, submetendo-os a um viés enunciativo. Comprovam ao final, com as análises empreendidas e atentamente descritas - da frase nominal, dos indefinidos, das preposições, do aspecto verbal e sua relação com a dêixis -, que toda a língua está na dependência da enunciação. Uma gramática da língua-discurso, como defendem os autores, trata, portanto, de aspectos que estão envolvidos no uso da língua em uma determinada situação. A análise de enunciados – o produto da enunciação – supõe a atribuição de referência a uma determinada situação enunciativa (pessoa, tempo e espaço).

Na obra, os autores mostram que a frase nominal, embora tenha aparência de impessoalidade e atemporalidade, pertence à enunciação. Por isso, as frases nominais “[...] têm como sentido a ideia que elas expressam e como referência o seu contexto de discurso, que é sempre dependente do *eu* que enuncia.” (FLORES *et al.*, 2013, p. 102). No estudo dos indefinidos, os autores defendem que a indefinição pode se definir no contexto *eu-tu-aqui- agora*, pois “[...] o uso da língua é relativo a incomensuráveis situações que implicam sujeito da e na língua.” (FLORES *et al.*, 2013, p. 131-132). No estudo das preposições, os autores evidenciam que o sentido enunciativo da preposição faz com que a *locução* seja simultaneamente tomada como *forma* em *dissociação* a unidades de nível inferior e como sentido em *integração* a unidade de nível superior. Com o trabalho sobre as preposições, os autores anunciam um estudo sobre *sintaxe da enunciação: múltipla*, por levar em “[...] consideração *todos* os signos-palavra contínuos e descontínuos à preposição, e *total*, uma vez que unifica tais elementos em um único *sentido*.” (FLORES *et al.*, 2013, p. 159). Com relação ao aspecto verbal, os autores concluem que, na perspectiva enunciativa, a categoria continua sendo tratada como tempo interno a um fato verbal localizado pela categoria de tempo, no entanto, *o aspecto*, como categoria semântica,

[...] tem a sua atualização feita conjuntamente pela relação dos fatos verbais entre si, isto é, de uma enunciação a outra, e pela relação de fatos gramaticais do verbo com outros elementos do enunciado (os advérbios aspectuais, por exemplo). (FLORES *et al.*, 2013, p. 178)

No final da obra, os autores sinalizam para a elaboração de uma gramática da língua-discurso, com a abordagem do tratamento dos aspectos envolvidos no uso da língua em uma dada situação, a intersubjetividade e a referência. Essa gramática possibilitaria, para os estudiosos, um ensino enunciativo da língua portuguesa.

Além do livro *Gramática e enunciação*, visitamos quatro artigos publicados em revistas de diferentes universidades sobre o tema pelo viés benvenistiano: *Enunciação e gramática: o papel das condições de emprego da língua* (DIAS, 2007); *Pode a enunciação contribuir para o ensino de gramática?* (FLORES e NUNES, 2012); *O que seria uma gramática da enunciação? A proposta de uma análise transversal* (FLORES, 2013b) e *A linguagem como experiência humana: o estudo da gramática numa perspectiva enunciativa* (MELLO, 2016).

Dias (2007), no artigo *Enunciação e gramática: o papel das condições de emprego da língua*, a partir do texto *O aparelho formal de enunciação* de Benveniste, toma como pressuposto de sua reflexão a distinção que o linguista faz no início de seu artigo entre



*condições de emprego das formas e condições de emprego da língua.* Na busca de produção de uma especificidade ao conceito de enunciação no trabalho com a gramática, formula aspectos que relacionem o plano da organicidade e o plano do enunciável, concentrando-se suas reflexões no escopo da sintaxe do complemento verbal. Finaliza o texto trabalhando com a diferença entre predicação centrada e predicação dirigida, com ênfase na transitividade verbal, na ótica de uma semântica da enunciação. A leitura do autor da passagem do texto de Benveniste de que “[...] a enunciação fornece as condições necessárias às grandes funções sintáticas.” (PLG II, 2006, p. 86) é redimensionada para a abordagem da transitividade para o autor chegar às condições de configuração e ocupação da função sintática objeto direto. No plano da organicidade, que é o plano das formas, o objeto direto é um lugar sintático projetado pelo verbo, e não recebe marcas de concordância. Mas é no plano do enunciável que se configuram as condições de ocupação desse lugar. É nesse plano que encontramos as condições de emprego da língua, justamente onde a referência ganha seus domínios na memória histórica que se instala na sentença como acontecimento enunciativo. Vemos, no trabalho do autor, um deslocamento das ideias de Benveniste para pensar a relação sintaxe e semântica em um investimento teórico ligado ao que o autor denomina semântica da enunciação.

Flores e Nunes (2012) discutem como o conceito de gramática pode ser pensado do ponto de vista da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, reunida nos *Problemas de Linguística Geral*, volumes I e II. Para tanto, propõem uma pequena revisão das diferentes acepções que o termo gramática tem assumido ao longo dos estudos linguísticos brasileiros. Considerando que os estudos gramaticais brasileiros transitaram da prescrição ao uso, o texto aborda como seria uma gramática de uso com base na enunciação. Por isso, defende que

Fazer um estudo gramatical de base enunciativa é descrever os mecanismos linguísticos que, em dada instância de discurso, produzem sentidos particulares. Em outras palavras, uma análise gramatical ancorada nos pressupostos da teoria da enunciação benvenistiana deve levar em conta o arranjo linguístico promovido pelo locutor em uma dada situação espaço-temporal, o que o instaura como sujeito de seu dizer. (FLORES; NUNES, 2012, p. 68)

O texto finaliza com algumas considerações acerca da relevância da proposta de uma Gramática da Enunciação para o ensino de língua materna.

No artigo *O que seria uma gramática da enunciação? A proposta de uma análise transversal*, Flores (2013b) apresenta uma proposta de abordagem da enunciação com a consideração de um estudo da língua em diferentes níveis da análise linguística. O autor

desenvolve o conceito de transversalidade enunciativa cuja característica primordial é descrever o uso linguístico relacionando as unidades dos níveis da análise. Por isso, defende que a enunciação não é um nível de análise como demonstram estudos que tomam de empréstimo somente o termo/noção enunciativa e deslocam para outros constructos. Para Flores, a enunciação é transversal à fonologia, à morfologia e à sintaxe, pois, quando enunciamos, integramos todos os níveis para produzir sentidos em um *eu-tu-aqui-agora*. Conforme as palavras do autor, para que se efetive uma gramática da língua-discurso, será preciso considerar que “[...] o sentido de um elemento, de qualquer nível, é seu emprego no discurso de um locutor.” (FLORES, 2013b, p. 6).

No texto *A linguagem como experiência humana: o estudo da gramática numa perspectiva enunciativa*, Mello (2016) apresenta uma proposta de estudo de gramática com a consideração da relação existente entre a forma e o sentido. O objeto de análise é um artigo de opinião publicado no jornal *Zero Hora*, no qual são contemplados os recursos linguísticos e o arranjo sintático (sintagmatização) de que se vale o locutor para a produção de sentidos (semantização). O referencial teórico que ancora a análise é a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, segundo a qual o locutor, ao enunciar-se, apropria-se do aparelho formal da língua e configura um aparelho formal da enunciação, singular em cada instância discursiva. Com o exercício de análise, a autora conclui que um estudo de gramática que sirva para a vida do aluno precisa ser realizado pelo viés do sentido, intimamente ligado à forma.

Essa incursão pelos estudos enunciativos, relacionados à gramática, centra-se principalmente no texto *Aparelho formal da enunciação*, ainda que considerem outros textos como *Os níveis da análise linguística* e *A forma e o sentido na linguagem*, também bastante referidos. Nesse sentido, nosso estudo vem em relação de complementaridade a esses, porém focalizando uma noção gramática a partir de elementos transversais a cada parte dos PLGs. Desse modo, o estudo envolve a Teoria da Linguagem de Benveniste, incluindo a enunciação, mas não se encerrando somente na perspectiva enunciativa.

### 2.3 DA TEORIZAÇÃO ENUNCIATIVA À TEORIZAÇÃO DE LINGUAGEM EM BENVENISTE

Flores (2017), além da abordagem enunciativa, traz mais dois eixos de recepção de Benveniste no Brasil. Conforme Flores (2017), em uma série de conferências dadas no início de 2016 na École Normale Supérieure (ENS), Paris, em sua terceira aula sobre Benveniste no Brasil, aborda que os estudos da teorização benvenistiana (no que ele chama de segunda

recepção de Benveniste no Brasil) abrem-se em três eixos: 1) trabalhos que produzem uma linguística da enunciação *strictu sensu*, sendo a enunciação o centro da reflexão, questão que pontuamos no item anterior com relação às reflexões gramaticais; 2) estudos que produzem uma abertura do pensamento benvenistiano para uma teoria da linguagem que supõe a noção de enunciação; e 3) propostas relacionadas à publicação das *Últimas aulas*, que buscam a integralidade da obra de Benveniste, por meio de uma rede complexa de noções, termos e definições que se interligam (estudo da obra na sua imanência e como uma espécie de hermenêutica da teoria). Dessa forma, o pensamento benvenistiano configura-se em uma epistemologia. É no segundo momento, o de uma abertura à Teoria de Linguagem do linguista, que situamos nosso estudo.

Nessa linha de reflexão, neste item, buscamos elencar o *corpus* de nossa pesquisa e as justificativas de escolha para tal *corpus*. Em um primeiro momento, gostaríamos de enfatizar que partimos da leitura já estabilizada no país sobre Benveniste, mais ligada ao teórico da enunciação, conforme item 2.1., mas pretendemos avançar nessa discussão para também propormos uma reflexão sobre gramática, a partir de Benveniste, que vá além da teorização enunciativa. Por isso, elencamos, como *corpus* de investigação, textos de todas as partes que compõem os PLGs I e II, porque acreditamos que existe um movimento em grande parte dos artigos de Émile Benveniste que se repete: Benveniste parte de exemplos de várias línguas e/ou de vários textos em línguas diversas para depois formular uma questão geral que abarca o funcionamento da linguagem e a organização das línguas. Esses dois conceitos muitas vezes se confundem em seus textos, pois, como o próprio linguista diz, um problema de língua é também um problema de linguagem. Para isso, buscaremos em cada parte dos PLG I e PLG II as noções de linguagem e língua, que ancoram a reflexão gramatical (sobre a *organização* da língua) benvenistiana. Esse é o desafio do próximo capítulo (o terceiro), para no quarto, traçarmos uma noção de gramática em cada parte que se complementam para chegarmos a uma noção-síntese e elencarmos os princípios para a abordagem da gramática de uma língua a partir da teorização de linguagem de Émile Benveniste.

Por ora, pretendemos mostrar a seleção de textos e as justificativas para tal escolha. Cabe salientar que procuramos escolher pelo menos um texto de cada parte em cada PLG. Como nos interessamos pelas concepções de linguagem e de língua em Benveniste, consideramos como relevantes os textos *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística* (PLG I); *Estruturalismo e linguística* (PLG II). Nesses textos, Benveniste dialoga com outras linguísticas para apresentar as bases de *sua* linguística. Como buscamos – na parte da comunicação – verificar em que consiste a linguagem humana, sua relação com o pensamento

e sua relação com a experiência humana de enunciar, elegemos os textos *Comunicação animal e linguagem humana* (PLG I); *A linguagem e a experiência humana* (PLG II). Na parte estruturas e análises, interessa-nos verificar a noção de língua, em Benveniste, não só como organização em níveis e unidades, mas também como língua em relação à sociedade. Para isso, selecionamos os textos *A classificação das línguas* (PLG I), *Os níveis da análise linguística* (PLG I), *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* (PLG II) e *As transformações das categorias linguísticas* (PLG II). Na parte das funções sintáticas, vamos nos centrar na ideia de composição nominal, para daí depreender uma reflexão sintática em Benveniste, com a seleção dos seguintes textos: *A frase nominal* (PLG I); *Fundamentos sintáticos da composição nominal* (PLG II). Na parte de O homem na língua, focalizaremos *A natureza os pronomes*, *Da subjetividade na linguagem* (PLG I) e *A forma e o sentido da linguagem* (PLG II) para justamente relermos esses textos, colocando em relação os diferentes momentos da teoria, na busca de vínculo do homem à língua, para pensarmos a relação humana com a gramática de uma língua específica. Por último, na parte Léxico e cultura, escolhemos um texto de cada PLG que envolva um fenômeno específico, no caso os usos de eufemismos. Por isso, selecionamos os textos *Eufemismos antigos e modernos* (PLGI) e *A blasfemia e a eufemia* (PLG II).

No capítulo seguinte, buscamos discutir esses textos selecionados, presentes em cada parte, construindo uma reflexão que pode ser derivada para pensar gramática de uma língua para, no quarto capítulo, apresentarmos as noções e os princípios que podem ancorar uma abordagem gramatical da língua a partir da teorização benvenistiana.

### 3 GRAMÁTICA: O HOMEM NA ORGANIZAÇÃO DA SUA LÍNGUA

Como se sabe, os *Problemas de linguística geral I* e *Problemas de linguística geral II*, de Benveniste, são divididos em seis partes. Os dois tomos têm as mesmas divisões, identicamente intituladas em ambos os casos. No prefácio do PLG II é explicado que tal divisão fora proposta pelo próprio Benveniste. O segundo volume veio a público apenas em 1974, dois anos antes da morte de Benveniste, ocorrida em 1976. O prefácio do PLG I é assinado por Benveniste, e a publicação da obra data de 1966; o do PLG II é assinado por M. Dj. Moinfar que apresenta os motivos pelos quais justificaram a emergência do segundo volume, embora não tenha recebido a supervisão direta de Benveniste.

Este capítulo, portanto, está dividido em seis seções, das quais correspondem às seis partes em que estão divididos *Problemas de linguística geral I* e *Problemas de linguística geral II*. Optamos por deixar os títulos originais como Benveniste os nomeia, com o propósito de visualizarmos a parte em que nos encontramos em sua obra e com a finalidade de fazer um exercício de retomada dos textos, relacionando-os em suas similitudes, embora saibamos que os textos de Benveniste não podem ser lidos como se fossem contemporâneos, ou como se constituíssem um conjunto coeso de reflexões teórico-metodológicas, mostrando uma unicidade em sua obra. Pelo contrário, entendemos que há uma grande oscilação de termos e noções e, por isso, propomo-nos a ter o cuidado de identificarmos quando há também diferença de sentidos. Realizamos, ainda neste capítulo, no final de cada parte, uma síntese das leituras com as principais noções de linguagem e língua, as quais nos auxiliarão, no quarto capítulo, a produzirmos noções de gramática relacionadas a cada parte e a derivarmos princípios para o estudo da gramática de uma língua-idioma a partir da teorização de linguagem proposta pelo linguista.

No capítulo procuramos responder a seguinte questão: *como Benveniste, por meio de sua teorização, define língua e linguagem e, a partir dessas definições, possibilita a construção de uma noção de gramática (que será desenvolvida no terceiro capítulo)?* Para tanto faremos um percurso de leitura por artigos selecionados previamente, como justificamos no capítulo anterior. Esse percurso de leitura nos levará a noções que atravessam a teoria benvenistiana, dando fundamentos para pensarmos uma noção de gramática. Veremos também como Émile Benveniste vai além de teorizações sobre a língua e como alça voo sobre outros aspectos concernentes aos fenômenos acerca do homem no mundo, ou seja, na cultura e na sociedade e de como sua reflexão sobre a língua, sociedade e indivíduo perpassa uma concepção de cultura. Dessa forma, a noção de gramática a que queremos chegar também será

a partir dessas noções que delinearemos. O critério principal para a escolha dos textos em cada parte envolve a proximidade da temática abordada pelo linguista, conforme pontuamos no final do segundo capítulo.

### 3.1 TRANSFORMAÇÕES DA LINGUÍSTICA

No artigo *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística* (1963), que está constituído de duas partes, Benveniste fala, primeiramente, sobre a existência de críticas a alguns estudos linguísticos que tratam da língua de maneira matemática. Por isso faz uma trajetória dos estudos linguísticos até o seu tempo. Para tanto mostra três fases pelas quais passou a ciência linguística. A primeira envolve a parte em que a linguística ocidental nasce na filosofia grega, por isso muitos termos gregos são adotados e utilizados até então, expondo um interesse no estudo da língua, principalmente, pelo viés filosófico. Então, existe todo um raciocínio sobre seu estado original, além das categorias (verbos, pronomes, nome etc) repousarem sobre bases lógicas e filosóficas. Benveniste cita dos pré-socráticos até o renascimento aristotélico, em que a língua era vista como objeto de especulação. Numa segunda fase – que se inicia no início do século XX com a descoberta do sânscrito – a linguística se enquadra dentro dos estudos da gramática comparada. Estuda-se, então, a evolução de formas linguísticas. Ao mesmo tempo, temos mestres como Ferdinand de Saussure que pensava sobre o sentido e determinava uma nova noção de língua. A novidade do enfoque saussuriano, como enfatiza Benveniste, em *Tendências recentes em linguística geral* (1954), “[...] consistiu em tomar consciência de que a linguagem em si mesma não comporta nenhuma outra dimensão histórica, de que é sincronia e estrutura, e de que só funciona em virtude de sua natureza simbólica” (PLG I, 2005, p. 5)<sup>9</sup>, condenando uma atomização da língua - ou seja, o fato de não colocar o sistema em jogo e, sim, os elementos tomados isoladamente -, e uma mecanização histórica. A obra de Antoine Meillet *Como as*

<sup>9</sup> Isso não quer dizer que o próprio Saussure não reconheça a diacronia, pelo contrário, entendemos que ele reestabelece a diacronia enquanto sucessão de sincronias, como bem nos recorda Benveniste em *Tendências recentes em linguística geral*. Saussure coloca a diacronia definindo a sincronia, justificando sua escolha também a partir do sujeito falante: “Se a língua tem um caráter de fixidez, não é somente porque está ligada ao peso da coletividade, mas também porque está situada no tempo. Ambos os fatos são inseparáveis. A todo instante, a solidariedade com o passado põe em xeque a liberdade de escolher. Dizemos *homem* e *cachorro* porque antes de nós se disse *homem* e *cachorro*. Isso não impede que exista no fenômeno total um vínculo entre esses dois fatores antinômicos: a convenção arbitrária, em virtude da qual a escolha se faz livre, e o tempo, graças ao qual a escolha se acha fixada” (SAUSSURE, 1974, p. 88, grifos do autor). Logo, Saussure interessa-se pela linguística sincrônica, sem ignorar o outro ponto de vista, pelo contrário, o próprio fenômeno da analogia implica o caráter histórico para se chegar a um estado de língua; os dois pontos de vista estão implicados; no entanto, Saussure atém-se à sincronia, por ser este o ponto em que acreditamos que o mestre genebrino funda a sua reflexão sobre a língua e o fazer do linguista.

*palavras mudam de sentido* exemplifica bem esse fazer linguístico, em que são selecionadas ocorrências, fora de uma significação, fora de um contexto, e faz-se uma espécie de uma história de vocabulário, ou seja, não é dentro de um sistema que determinado elemento ganha sentido.

Em seguida, Benveniste fala da linguística de seu tempo (“hoje”), que toma por objeto não a filosofia da linguagem nem sua evolução, mas “[...] a realidade intrínseca da língua, e visa a se constituir como ciência – formal, rigorosa, sistemática” (PLG I, 2005, p. 22), tornando-se descritiva, adaptando seu método: em que consiste e como funciona uma língua. Em primeiro lugar é importante descrever e destacar o sistema em uma teoria da língua como um sistema de signos organizados por unidades e hierarquizados. Com isso surge, então, o termo *estrutura*, não utilizado pelo linguista genebrino, mas amplamente difundido por uma leitura estruturalista pós-saussuriana. Benveniste fala, em seguida, dos dois planos de que dependem as unidades da língua: o sintagmático – relações de sucessão no seio da cadeia falada -, e o paradigmático – as unidades propostas em razão da possibilidade de substituição (cada uma no seu nível e classe formal), referindo-se, portanto, à estrutura (a organização) formal da língua, tornando, dessa maneira, o objeto mais concreto.

O mestre sírio-francês, então, apresenta - o que ele melhor detalha em seu artigo sobre os níveis da análise linguística – sua tese sobre como a língua é um sistema em que “nada signifique em si e por vocação natural, mas em que tudo signifique em função do conjunto” (PLG I, 2005, p. 24) por meio da noção de *nível*. É o valor no sistema (este princípio saussuriano) que entra em jogo. A língua se organiza em torno da significação, a própria língua é organizada enquanto sistema, a partir da questão da significação<sup>10</sup>:

Podem-se, pois, conceber muitos tipos de descrição e muitos tipos de formalização, mas todos devem necessariamente supor que o seu objeto a língua, é dotado de significação, **que em vista disso é que é estruturado, e que essa condição é essencial ao funcionamento da língua entre os outros sistemas de signos**<sup>11</sup> (PLG I, 2005, p. 13, grifos nossos).

<sup>10</sup> Nessa primeira parte do PLG I, *Transformações da linguística*, é no texto *Tendências recentes em linguística geral* que Émile Benveniste discute mais o termo *significação*, mas numa acepção ainda não teórica. Ele retoma o termo a partir de tendências em linguística, citando principalmente o estruturalismo americano (como em Bloomfield), ou a doutrina behaviorista, em que significação ou era ignorada, ou se reduzia a um condicionamento linguístico. Émile Benveniste leva em conta como a língua se organiza, enquanto sistema, em torno da significação.

<sup>11</sup> Quando Benveniste refere-se a outros sistemas de signos é partindo da ideia de semiologia em Saussure, de uma ciência de signos – embora haja grandes diferenças, incluindo a noção de signo. A linguística projetada por Ferdinand de Saussure é uma linguística a partir de uma semiologia, de uma ciência de signos. O linguista genebrino estuda um ramo dessa semiologia, que é a Linguística. Apontamos também, nesse momento do texto e, na verdade, de toda essa primeira parte de PLG I, de como Benveniste traz as tendências e o desenvolvimento da linguística, tecendo algumas críticas e colocando seu posicionamento – como nesta passagem citada – que já contém alguns pressupostos que serão desenvolvidos em textos mais específicos –

O linguista coloca, então, a língua caracterizada pelo o que distingue nos níveis: distinção dos lexemas, morfemas, fonemas, merismas (as unidades de cada nível). A significação está ligada, portanto, a função, que é a ideia de valor. Isso porque vincula-se à noção de sistema, em que cada elemento não significa em si, mas na relação. Podemos afirmar que este é o momento em que Benveniste – nesta primeira parte do texto – coloca sua visão de língua, distinguindo-se do que ele veio expondo sobre o desenvolvimento da linguística. Ele elenca quatro características de uma forma linguística, incluindo sua noção de *nível* – embora ele explicita melhor a noção de nível e cada um desses níveis em *Os níveis da análise linguística*:

[...] 1.º é uma **unidade de globalidade** que envolve partes; 2.º essas partes apresentam-se num **arranjo formal que obedece a certos princípios constantes**; 3.º o que dá à forma o **caráter de uma estrutura** é o fato de que **as partes constituintes exercem uma função**; 4.º finalmente essas partes constitutivas **são unidades de um certo nível**, de modo que cada unidade de um nível definido se torna subunidade do nível superior (PLG I, 2005, p. 24, grifos nossos).

Dessa maneira, Benveniste destaca, a partir dessas características de uma forma linguística, a estrutura (a organização) *articulada* da linguagem e agrega como exemplo os criadores dos alfabetos modernos, pensando também na invenção da escrita (é um pouco do que ele discute nas *Últimas aulas*, os sistemas de escrita – alfabética, silábica, morfemática). Há um número finito de sistemas do alfabeto que está ligado também ao como a língua também tem um número finito de unidades, mostrando que essa estrutura articulada da linguagem e da língua se verifica também no sistema de escrita.

Nessa primeira parte do texto, portanto, Benveniste destaca não só a questão da forma, mas também da língua como sistema de signos, organizado em unidades, articuladas em níveis, dissociando-se e integrando-se. Isto pensando a língua no universo “intra-linguístico”, pois ao chegar no outro modo de ser língua, que é o discurso, Benveniste apresenta outro ponto de vista, que é o ponto de vista da enunciação – e aqui não podemos segmentar. Essa primeira noção de língua, portanto, é a de unidades distintivas: discretas, de número finito, e em níveis que são hierarquizados e que estão integrados – no momento em que dissociamos chegamos a forma, no momento em que integramos chegamos ao sentido.

No entanto, não é apenas a forma linguística que evidencia isso, mas também sua *função*. É nessa segunda parte do texto *Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística*

---

como em *Os níveis da análise linguística* (1962), *Semiologia da língua* (1969), *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* (1968) ou, ainda em *A forma e o sentido na linguagem* (1966).



que enxergamos mais claramente e de maneira mais complexa seu posicionamento sobre sua visão de língua. Benveniste dá atenção, então, ao que ele chama de função: “Não é apenas a *forma* linguística que depende dessa análise; **convém considerar paralelamente a função da linguagem.**” (PLG I, 2005, p. 26, grifos nossos). Sendo a linguagem uma faculdade simbólica inerente ao homem, é a realidade produzida *na* e *pela* língua, pelo ato de discurso do locutor – que cria essa realidade – e pelo ouvinte, que recria a realidade através da linguagem – o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva (*eu-tu*):

Cada locutor não pode propor-se como sujeito sem implicar o outro, o parceiro que, dotado da mesma língua, tem em comum o mesmo repertório de formas, a mesma sintaxe de enunciação e igual maneira de organizar o conteúdo. (PLG I, 2005, p. 27)

Nessa segunda parte do texto, portanto, Benveniste destaca a questão da língua enquanto discurso, enquanto assumida pelo homem. E em função disso, coloca língua e linguagem numa função mediadora, dado que *eu* e *tu*, indivíduo e sociedade, são termos complementares e não contraditórios. Indivíduo e sociedade se fundam na língua porque a linguagem representa a faculdade de simbolizar: “A sociedade não é possível a não ser pela língua; e, pela língua, também o indivíduo. O despertar da consciência na criança coincide sempre com a aprendizagem da linguagem, que a introduz pouco a pouco como indivíduo na sociedade.” (PLG I, 2005, p. 27). A partir da leitura dessas passagens, podemos afirmar, então, que o homem está no centro do pensamento de Benveniste, na medida em que falar, para o homem, torna-o sujeito em uma sociedade.

Em seguida, reiterando a linguagem como representante de uma faculdade simbolizante, Benveniste a atribui apenas ao homem e traz o exemplo das abelhas – a exemplo de outros textos em que discute isso. K. Von Frisch faz um estudo sobre elas, defendendo que existe, por parte das abelhas, uma comunicação por meio de um simbolismo especial, mas Benveniste se opõe a essa ideia, pois como diz explicitamente, essa capacidade de simbolizar está apenas no homem, que o difere dos animais. Para tanto, ele primeiramente difere os termos sinal e símbolo. Sendo o primeiro um fato físico e o segundo a capacidade de interpretar e compreender na sua função significativa – o homem utiliza-se dos dois, os animais reconhecem apenas sinais, pois não são capazes de simbolizar, de significar por uma língua, e é a própria linguagem que lhe dá essa possibilidade. Para além deste tema que gera polêmicas (a comunicação animal), dependendo do ponto de vista que ele é abarcado, o fato é que o linguista defende a linguagem do homem como um sistema simbólico especial que se organiza em dois planos: o aparelho vocal – fato físico, e a comunicação de significados –

estrutura imaterial. Por esse motivo é que Benveniste vai dizer que o símbolo linguístico é mediador, pois por meio dele organiza-se o pensamento, realizando-se numa forma específica, torna-se acessível a outro a experiência de um sujeito, de forma articulada e representativa (sua noção de signo como simbólico). E isto se realiza por meio de uma língua, de uma determinada sociedade, e não por meio de um sinal. Trata-se da comunicação intersubjetiva, parte da condição humana, visto os animais agirem a partir de sinais, e não, a partir de um discurso.

Benveniste chega, então, na questão da cultura, da língua e da sociedade. Como sabemos, não existe, conforme o linguista, uma relação natural entre o homem e o mundo e entre o homem e outro homem; o que torna possíveis essas relações é a própria linguagem, realizada dentro de uma língua em uma determinada sociedade. Neste artigo Benveniste (a exemplo de muitos outros) coloca língua e sociedade em relação, afirmando ser uma e outra dadas e também aprendidas, ou seja:

A criança **nasce e desenvolve-se** na sociedade dos homens. São homens adultos, seus pais, que lhe **inculcam** o uso da palavra. A aquisição da língua é uma experiência que vai a par, na criança, com a **formação do símbolo e a construção do objeto**. (PLG I, 2005, p. 31, grifos nossos).

É a própria comunicação intersubjetiva que está em jogo neste momento (*eu-tu*), pois basta a relação de dois sujeitos para constituirmos uma sociedade. Este argumento que Benveniste usa, portanto, sustenta a sua tese de que a língua não é espelho da sociedade, como defendiam alguns linguistas de sua época. A criança aprende não só nomes, dando-lhe a disposição das coisas, mas também que tem um nome, colocando nela a consciência do meio social em que está submersa. E a cultura, Benveniste a define como *meio humano*, como fenômeno complexo. É pela língua que assimilamos, perpetuamos ou transformamos esse fenômeno de representações complexas organizadas por relações e valores como a religião, a política, as leis, as tradições. Assim como a língua é diversa e de uma determinada sociedade, a cultura também.

Podemos notar um percurso interessante: Benveniste inicia falando da Linguística enquanto ciência, apresentando os variados e distintos pontos de vista sobre o objeto língua. Em seguida, traz sua visão sobre a língua de um ponto de vista intralinguístico, ou seja, da língua enquanto sistema de signos (parte I), para, a seguir, trazer uma visão de língua e de linguagem mais ampla (parte II), que diríamos, dá relevo a questão antropológica, pois envolve o homem em sua língua, e uma abertura para a questão semiológica, quando envolve relações entre homem-língua-sociedade com a sua cultura.

Em *Estruturalismo e linguística* (1968), texto que abre o PLG II, encontramos uma entrevista publicada em *Las lettres françaises*, diferentemente do texto que selecionamos do PLG I (*Vista d'olhos*), de Pierre Daix – um político, jornalista, escritor e biógrafo – a Émlie Benveniste. Nas próprias perguntas de Pierre Daix, conseguimos direcionar um percurso interessante e similar ao texto anterior selecionado. Neste texto, Benveniste também fala sobre o desenvolvimento da linguística – citando vários linguistas e seus estudos -, mas mais especificamente do estruturalismo, que é o que dá nome ao texto - ao mesmo tempo em que verificamos que, de maneira breve, ele expõe sua visão sobre o objeto da linguística, por meio de várias noções que atravessam sua teorização. É um texto para se ler atentamente, distinguindo o que é e o que não é do pensamento benvenistiano.

Num primeiro momento Benveniste é levado a responder questionamentos sobre a sua trajetória na linguística – é, então, o momento em que Benveniste se filia ao seu mestre Antoine Meillet e ao legado saussuriano, reconhecendo seus estudos para o avanço da ciência linguística -, sobre o comparatismo e de como esses estudos são trabalhados, principalmente na França e na América. Por meio da breve exposição desses estudos é que ele chega à conclusão de que o esforço de Saussure estava todo em ensinar o que o linguista faz – é a *virada da linguística*, termo utilizado por Benveniste, começando com o questionamento sobre a realidade da linguística. Saussure se perguntava sobre o valor da língua e sobre o que a distingue de qualquer outro objeto de outra ciência. Benveniste cita em seguida os estudos de Bloomfield na América como momento de descoberta e redescoberta de Saussure e aponta também os estudos de Sapir (distinção de fonemas e sons).

O linguista observa a convergência de estudos independentes como estes citados, progredindo nesta área científica, em uma linguística teórica e exigente, formulando-se como ciência e produzindo orientações como o estruturalismo. Em seguida, Benveniste cita os trabalhos de Chomsky como um esforço contrário aos estudos estruturalistas da época. Neste momento, Pierre Daix faz dois questionamentos a Benveniste que o leva a expor duas considerações essenciais da análise estrutural: reconhecer os termos constitutivos e a relação entre eles. Basicamente ele coloca essa visão estruturalista do objeto língua e de como Chomsky rompe com esta corrente de pesquisa. Enquanto no estruturalismo há a necessidade de se constituir primeiramente um *corpus*, partindo, portanto, dos dados, Chomsky via a língua como produção a partir da fala, então, como produto. Esse é o momento em que Benveniste coloca seu ponto de vista, que não coincide nem com o estruturalismo americano, representado por Bloomfield, nem com a visão gerativista de Chomsky:

Ora, como se produz a língua? Não se reproduz nada. Tem-se aparentemente um certo número de modelos. **Ora, todo homem inventa sua língua e a inventa a cada instante e cada um de uma maneira distintiva, e a cada vez de uma maneira nova.** Dizer bom dia todos os dias da vida a alguém é cada vez uma reinvenção. Com muito mais razão, quando se trata de frases, não são mais os elementos constitutivos que contam, é a organização do conjunto completo, o arranjo original, então, cujo modelo não pode ter sido dado diretamente, que o indivíduo fabrica. **Cada locutor fabrica sua língua,** como ele a fabrica? Esta é uma pergunta essencial, já que ela domina o problema da aquisição da linguagem. Quando a criança conseguir dizer uma vez: “a sopa está muito quente” ele saberá dizer: a sopa não está muito quente”, ou ainda, “o leite está muito quente”. **Ela conseguirá construir assim frases em que utilizará, em parte, estruturas dadas mas renovando-as,** preenchendo-as de objetos novos e assim por diante (PLG II, 2006, p. 19).

É nessa linha de reflexão de Benveniste que encontramos o axioma transversal à nossa reflexão sobre gramática na Teoria de Linguagem do linguista, quando pensa a língua como organização e em relação ao humano: “Trata-se antes de tudo da língua como *organização* e do homem como capaz de *organizar* a sua língua.” (PLG II, 2006, p. 19, grifos nossos). Como em texto anterior, o linguista toca na organização da língua em níveis e unidades, é possível conceber a gramática como essa *organização* da língua em níveis e unidades e o lugar do falante nessa *organização*.

Além disso, nesta entrevista, Benveniste destaca não só suas ideias sobre língua, linguagem e enunciação (cada vez única e irrepetível), como também coloca o homem no centro da sua reflexão linguística, quando aborda a aquisição de linguagem. Dando seguimento à entrevista, encontramos a questão da semiologia e é, neste ponto, que destacamos vários trechos da entrevista em que Benveniste prospecta essa questão semiológica desenvolvida em outros textos, enfatizando a significância da língua:

**O que é o sentido?** Olhando-se de perto, percebe-se que os dicionários justapõem uma quantidade de coisas muito disparatadas. Se procurarmos *soleil* [sol], encontraremos uma definição mais ou menos desenvolvida do astro que é assim denominado. Se procurarmos *faire* [fazer], encontraremos uma dúzia ou uma quinzena de rubricas. No Littré, com as subdivisões, há 80, Trata-se do mesmo sentido? São muitos sentidos? Não se sabe. (PLG II, 2006, p. 20, grifos nossos)

Dessa maneira, o linguista critica, portanto, a visão de língua colocada como nomenclatura e apresenta sua visão de língua começando pela discussão do que é o sentido. Interrogado sobre a semiologia, Benveniste diz:

**Como o sentido se organiza?** Mais genericamente, quais são as condições para que alguma coisa seja dada como significante? Qualquer pessoa pode fabricar uma língua, mas ela não existe, no sentido o mais literal, **desde que não haja dois indivíduos que possam manejá-la como nativos. Uma língua é primeiro um consenso coletivo.** Como ele se dá? **A criança nasce em uma comunidade**

**linguística, ela aprende sua língua**, processo que parece instintivo, tão natural quanto o crescimento físico dos seres ou vegetais, mas o que **ela aprende**, na verdade, não é o exercício de uma faculdade “natural”, é **o mundo do homem**. A **apropriação da linguagem** pelo homem é a apropriação da linguagem pelo conjunto de dados que se considera que ela traduz, a **apropriação da língua** por todas as conquistas intelectuais que o manejo da língua permite. É algo de fundamental: o **processo dinâmico da língua**, que permite inventar novos conceitos e por conseguinte refazer a língua, sobre ela mesma de algum modo. Muito bem! **tudo isso é o domínio do “sentido”**. (PLG II, 2006, p. 20-21, grifos nossos)

E ainda diz Benveniste:

Coloco que de fato há dois **domínios ou duas modalidades de sentido**, que distingo respectivamente como **semiótico e semântico**. **O signo saussuriano é na verdade a unidade semiótica**, quer dizer, **a unidade dotada de sentido**. **É reconhecido o que tem sentido**; todas as palavras que são encontradas num texto francês, para quem domina esta língua, têm um sentido. Mas importa pouco que se saiba qual é este sentido e não se está preocupado com isso. O nível semiótico é isto: **ser reconhecido como tendo ou não um sentido**. Isso se define por sim, não. (PLG II, 2006, p. 21, grifos nossos)

Já o semântico “[...] é o “sentido” resultante do encadeamento, da apropriação pela circunstância e da adaptação dos diferentes signos entre eles. Isto é absolutamente imprevisível. É a abertura para o mundo.” (PLG II, 2006, p. 21). Nestes trechos percebemos algumas noções fundamentais e bastante complexas na teorização benvenistiana como a noção de sentido, as noções de semiótico e semântico, também discutidos brevemente (e não explicitamente) em *Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística* que comentamos anteriormente. Forma e sentido (colocados como noções gêmeas em *A forma e o sentido na linguagem*) estão, portanto, presentes nos “dois domínios” ou “duas modalidades”, como o linguista nomeia neste texto, mas sua reflexão atenta nesta entrevista mais a noção de sentido. No semiótico a pergunta que cabe é “tem sentido?” enquanto que no semântico é “qual o sentido?”. Benveniste elabora essa ideia original e genial a respeito do objeto língua, dando-nos uma outra perspectiva, a da enunciação. No artigo *A forma e o sentido na linguagem* (1966), Benveniste elabora de forma mais detalhada essas noções, as quais exploraremos melhor quando chegarmos na quinta parte do PLG II. Por ora, importa-nos mostrar como Benveniste vai mostrando o percurso da linguística como ciência, como ela vai se desenvolvendo, ao mesmo tempo em que ele expõe sobre como ele tem pensado a linguística e o fazer linguístico nesta primeira parte, tanto do PLG I, quanto do PLG II. Vemos Benveniste, nestes textos, dialogando com o desenvolvimento da linguística, ao mesmo tempo que propõe a *sua linguística*.

Em seguida, na entrevista de Pierre Daix, vemos Benveniste dar andamento à questão da semiologia como ciência de signos (herança saussuriana) e entrar da discussão sobre língua, sociedade e cultura:

Temos que elaborar pouco a pouco todo um corpo de definições neste imenso domínio, que não compreende só a língua. E isto me leva à cultura. **A cultura é também um sistema que distingue o que tem sentido, e o que não tem.** Tomo um exemplo que não é linguístico: para nós a cor branca é a cor da luz, da alegria, da juventude. Na China, é a cor do luto. Eis um exemplo de interpretação de sentido no seio da cultura; uma articulação entre uma certa cor e um certo comportamento e, finalmente, um valor inerente à visão social. Tudo isto se integra numa rede de diferenças: o branco, o preto não valem na cultura ocidental como na cultura do extremo oriente. **Tudo o que é do domínio da cultura deriva no fundo de valores, de sistemas de valores.** Da articulação entre os valores. Muito bem! **Estes valores são os que se imprimem na língua.** (PLG II, 2006, p. 22, grifos nossos)

Ainda sobre a cultura, Benveniste diz:

Vemos sempre **a linguagem no seio da sociedade, no seio de uma cultura.** E se digo que **o homem não nasce** na natureza, mas **na cultura**, é que toda criança e em todas as épocas, na pré-história a mais recuada como hoje, **aprende necessariamente com a língua os rudimentos de uma cultura. Nenhuma língua é separável de uma função cultural.** [...] É o poder de ação, de transformação, de adaptação, que é a chave da relação humana entre a língua e a cultura, **uma relação de integração necessária.** (PLG II, 2006, p. 23-24, grifos nossos)

Notamos, portanto, que existe uma relação de integração entre língua/linguagem, sociedade e cultura. Nesse movimento de falar de língua enquanto sistemas de signos e depois da língua enquanto discurso, no uso, portanto, a enunciação, Benveniste sempre volta a relacionar essas três noções que se inter-relacionam e se integram em certo nível. Por isso, é importante ressaltar uma última noção que Benveniste expõe nessa entrevista em decorrência dessa discussão sobre a semiologia: a noção de significação. Notamos que no texto *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística* significação é valor, mas em *Estruturalismo e linguística*, o linguista parece ampliá-la:

Há esta diferença na vida de relação, que a língua é um mecanismo inconsciente, enquanto que um comportamento é consciente: crê-se que se se comporta de tal ou tal maneira por razões que se escolhe, ou em todo caso que se tem uma escolha. Na verdade, não é isto que é importante, é o **mecanismo da significação.** É neste nível que o estudo da língua pode tornar-se uma ciência piloto esclarecendo-nos sobre a organização mental que resulta da experiência do mundo ou à qual a existência do mundo se adapta, não sei muito bem qual dos dois. (PLG II, 2006, p. 24, grifos nossos)

E ainda:

[...] não se trata mais das origens, mas dos fundamentos, e como fundamento de tudo encontra-se o simbólico da língua como poder de **significação**. [...] o fato de que justamente **a língua é o domínio do sentido**. E, no fundo, **todo o mecanismo da cultura é um mecanismo de caráter simbólico**. (PLG II, 2006, p. 25, grifos nossos)

A significação é colocada como fundamento da relação entre o homem, o mundo, outros sistemas simbólicos (como a própria cultura) e a sociedade. A linguagem certamente é a que instaura essas relações.

A partir de nossa leitura de *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística e Estruturalismo e linguística*, da primeira parte do PLG I e do PLG II respectivamente, elaboramos algumas proposições que resumem nesta primeira parte, para o que nos concerne aqui, as principais noções, incluindo de língua e linguagem, que atravessam a teorização benvenistiana nestes dois textos. Essas concepções de linguagem e língua podem ancorar, no final, uma concepção de gramática com base na Linguística benvenistiana. Vamos às proposições:

A) Benveniste recupera uma divisão realizada por Ferdinand de Saussure ao propor o duplo objeto da linguística (ciência da linguagem e ciência da língua) e por esse caminho fazer a distinção língua e linguagem (nem sempre clara e respeitada em sua obra, havendo às vezes uma confusão entre os dois termos – que podemos pensar ser até mesmo proposital, pois o próprio Benveniste afirma isso quando diz: “[...] os problemas infinitamente diversos das línguas têm em comum o fato de que, a um certo grau de generalidade, põem em questão a linguagem” (PLG I, 2005, p. 20).). O linguista se ocupa das línguas (e, por esse motivo é que Benveniste vai aos usos, mostra exemplos de diversas línguas em grande parte de seus artigos).

B) O linguista define linguagem como uma faculdade humana, de característica universal e imutável do homem, de natureza articulada (citando como exemplo dessa natureza os fonemas e morfemas ligados a essa articulação das línguas, encontramos a invenção dos alfabetos modernos – as escritas alfabéticas, morfemáticas, silábicas). A linguagem é quem recria a realidade por meio do ato de discurso de quem fala e de quem ouve, é o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva (*eu-tu*) – a situação inerente ao exercício da linguagem e, por isso, tem função mediadora. A linguagem é a expressão simbólica por excelência, é um sistema simbólico especial, que se manifesta no modo de as línguas organizarem a significação. É nessa linha de reflexão de Benveniste que retomamos o axioma transversal à nossa reflexão sobre gramática na Teoria de Linguagem do linguista, quando

pensa a língua como *organização* e em relação ao humano, pois a língua está organizada em níveis e unidades e o homem é o organizador desses níveis e unidades.

C) Já com relação à língua, podemos encontrar dois momentos em que Benveniste a define. Num primeiro momento língua está colocada enquanto sistema de signos, tem natureza articulada, em níveis (as unidades podem se segmentar em níveis inferiores ou se integrar a níveis superiores até o último nível, a frase) hierarquizados. A noção de sistema, portanto, é fundamental nesse momento. Benveniste retoma essa noção de Saussure e, por isso, afirma ser o semiótico o que representa o signo saussuriano, é o “intralinguístico” (colocado por Benveniste em *A forma e o sentido na linguagem*). Num segundo momento a língua também tem essa função mediadora, é na e pela língua que o homem se constitui como sujeito no discurso e se inclui nele. É por meio da língua – manifestação de linguagem – que determinada sociedade tem existência. Por esse motivo, indivíduo e sociedade se fundam nela. É a própria comunicação intersubjetiva que está em jogo. Benveniste não deixa claro no texto *Vista d’olhos*, mas certamente esta segunda definição inclui a ideia de semântico (o segundo modo de ser língua) que o linguista fala brevemente no segundo texto, a entrevista, que lemos do PLG II.

D) *Forma e sentido* são noções caras a Benveniste. Por isso em *Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística* está dividido em duas partes. Embora muitos leiam as duas partes como sendo forma e sentido ou forma e função separadamente, essa tese se desfaz na leitura de *A forma e o sentido na linguagem* em que Benveniste deixa mais explícito seu pensamento sobre as duas maneiras de ser língua: o semiótico e o semântico (entraremos neste texto mais adiante). Mas para nós nesse momento é importante relembrar o percurso de Benveniste nas duas partes: 1) define língua enquanto sistema de signos; forma tem a ver com as unidades linguísticas, determinadas dentro do sistema que as organiza umas em razão das outras – é uma organização de unidades hierarquizadas, significativas em função de seu conjunto – daí a ideia de significação como valor. 2) Na segunda parte é a própria comunicação intersubjetiva que está em relevo (aqui entram as noções de sociedade e cultura que atravessam o pensamento benvenistiano).

E) Nestes artigos Benveniste não traz explicitamente a ideia de semiótico e semântico (as duas maneiras de ser língua), mas se aproxima muito do que desenvolve em *A forma e o sentido na linguagem*, pois ao falar das noções de *forma* e *sentido*, normalmente vemos Benveniste teorizar a respeito de duas acepções para essas noções gêmeas, sempre definindo língua, ou como sistema de signos, ou como uma prática humana de comunicação intersubjetiva e referencial.



F) As noções de sociedade e de cultura não são sempre noções claras na obra de Benveniste, mas podemos afirmar que existe um movimento em grande parte de seus artigos de ir do semiótico ao semântico, e nessa passagem, do “intralinguístico” ao uso, ao discurso, em que essas noções atravessam sua teorização. Neste momento Benveniste coloca ambas em relação com a língua. Língua e sociedade são dois sistemas semiológicos (um termo utilizado apenas no artigo *Semiologia da língua*) diferentes, porém ambas são dadas e aprendidas, o homem não possui seu conhecimento inato. Podemos inferir, então, que sociedade seja apenas possível por meio da língua, que é mediadora da comunicação intersubjetiva. Já a cultura, Benveniste a define como meio humano inerente à sociedade do homem e é por meio da língua também que o homem consegue assimilá-la, perpetuá-la ou transformá-la. A cultura é um conjunto complexo de representações, organizadas em códigos que envolvem tradições, religiões, leis, políticas. Além disso, a cultura também é colocada como um sistema, assim como a sociedade, um sistema de valores. Ademais, Benveniste jamais afirma ser a língua um espelho da sociedade ou sofrer transformações juntamente com a cultura. Pelo contrário, a língua exerce sua função mediadora em ambos os sistemas ao conter valores culturais de uma sociedade impregnados em suas unidades e em sua *organização*.

G) A noção de significação também tem dois momentos: no primeiro podemos depreender o sentido de “valor”. A significação é a distintividade/diferença no sistema da língua, é uma noção mais “intralinguística” que remete ao “valor” em Saussure. Num segundo momento podemos depreender um sentido que se amplia: a significação é a relação estabelecida por meio da linguagem entre o homem e o homem, o homem e o mundo. A língua não é um código que transmite uma mensagem, a língua significa, ou seja, a língua está no domínio do sentido.

### 3.2 A COMUNICAÇÃO

Nesta seção falaremos dos seguintes artigos de PLG I e PLG II respectivamente: *Comunicação animal e linguagem humana* (1952) e *A linguagem e a experiência humana* (1965), textos de publicação anterior aos que selecionamos na seção 2.1.

Em *Comunicação animal e linguagem humana*, Benveniste inicia o texto trazendo à tona uma discussão que encaminha brevemente em *Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística* (artigo que comentamos na seção anterior): aparentemente as abelhas tem uma linguagem similar à dos homens, conforme um estudo realizado por Karl Von Frisch – um professor da época de zoologia. Em seu estudo dá-se a conhecer um processo de comunicação

entre as abelhas que se difere de outros animais. Benveniste expõe resumidamente esta pesquisa no início de seu artigo, porém conclui: “Esses dados, com a sua interpretação, apresentadas em 1923, são hoje noções correntes e vulgarizadas. Compreende-se que hajam suscitado vivo interesse. “Mesmo demonstradas, porém, não nos permitem falar de uma verdadeira linguagem.” (PLG I, 2005, p. 62) – o linguista não convencido traz cinco argumentos que não só se opõem a ideia de uma linguagem das abelhas, mas também, e principalmente, caracterizam a linguagem humana.

O primeiro argumento usado pelo mestre sírio-francês – e o mais essencial - é de que as abelhas não se utilizam de um aparelho vocal e sim de uma dança para transmitir uma mensagem, configurando, portanto, em uma comunicação essencialmente gestual e, por conseguinte, não vocal. As abelhas, que não se utilizam da voz, não podem ter uma linguagem. Embora Benveniste afirme isso, sabemos que existe, por exemplo, a língua de sinais no Brasil e no mundo (que é essencialmente gestual e não vocal). De qualquer maneira, no argumento seguinte, o linguista desfaz qualquer confusão que possamos fazer dessa leitura. Benveniste inúmeras vezes em inúmeros artigos faz um esforço para caracterizar esse sistema simbólico especial, a linguagem humana (vimos isso no artigo e na entrevista da seção anterior) e uma primeira característica é o aparelho vocal, que consiste no fato físico desse sistema. A comunicação das abelhas “[...] efetua-se necessariamente em condições que permitem percepção visual, sob a luz do dia; não pode ocorrer na obscuridade. **A linguagem humana não conhece essa limitação**” (PLG I, 2005, p. 5, grifos nossos). Ou seja, a linguagem humana não se limita ao gestual (como é o caso das abelhas).

O terceiro argumento usado por Benveniste é a situação em que se dá essa comunicação entre as abelhas. A comunicação intersubjetiva, e, portanto, o diálogo, é a condição da linguagem humana, o que não ocorre no caso das abelhas, pois a comunicação é concernente apenas a um determinado dado objetivo:

Vê-se a diferença da linguagem humana, em que, no diálogo, a referência à experiência objetiva e a reação à manifestação linguística se misturam livremente, ao infinito. [...] Ora, o caráter da linguagem é o de propiciar um substituto da experiência que seja adequado para ser transmitido sem fim no tempo e no espaço, o que é típico do nosso simbolismo e o fundamento da tradição linguística. (PLG I, 2005, p. 65)

Além da mensagem da abelha não suscitar uma resposta, ela não pode ser reproduzida, pois o que a abelha reproduz não é a mensagem em si, mas a realidade que ela comprovou no deslocamento. O quarto argumento – ligado a essa transmissão de mensagem – refere-se ao conteúdo dessa mensagem, que contrastado com o número ilimitado na linguagem humana, é

extremamente fechado e finito. Não verificamos, além disso, no caso das abelhas, uma relação necessária entre a forma linguística e a referência objetiva. E, por último, Benveniste traz o argumento de que não é possível decompor os elementos na mensagem das abelhas, ou seja, decompor esse conteúdo em suas unidades; essa “linguagem” das abelhas não permite que isolemos seus constituintes, não é reduzida em elementos identificáveis e distintivos, portanto, não comporta a articulação conforme a linguagem humana. Conforme o linguista, a linguagem humana é caracterizada justamente por isso:

Cada enunciado se reduz a elementos que se deixam combinar livremente segundo regras definidas, de modo que um número bastante reduzido de morfemas permite um número considerável de combinações – de onde nasce a variedade da linguagem humana, que é a capacidade de dizer tudo. (PLG I, 2005, p. 66)

Na sequência deste trecho, Benveniste fala sobre uma análise mais aprofundada, em que teríamos esses morfemas dissociados em fonemas, “[...] elementos articulatórios destituídos de significação, ainda menos numerosos [...]” (PLG I, 2005, p. 66). É a própria ideia de níveis que o linguista formula mais detalhadamente dez anos mais tarde em seu artigo *Os níveis da análise linguística* e que também vimos presente no texto *Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística* na primeira parte. O mestre sírio-francês encerra essa discussão reiterando o fato de que – a partir desses cinco argumentos elencados – não existe uma linguagem das abelhas, mas, sim, um tipo de comunicação, um código de sinais.

Em *A linguagem e a experiência humana* nos deparamos com um texto que relaciona o humano a sua experiência de estar na linguagem em relação com outros humanos. Para tratar da comunicação intersubjetiva, questão que caracteriza a linguagem humana, conforme pontua no texto anterior do PG I, Benveniste aborda especificamente as noções de pessoa e de tempo. Ele parte da afirmação de que todas as línguas possuem em comum certas categorias elementares que independem da determinação cultural e “[...] nas quais vemos a experiência subjetiva dos sujeitos que se colocam e se situam na e pela linguagem” (PLG II, 2006, p. 68).

Benveniste afirma que as oposições linguísticas *eu*, *tu*, *ele* – inerentes ao discurso – conferem ao *eu* o estatuto de introduzir a presença de pessoa no discurso sem a qual nenhuma linguagem é possível. Nesse sentido, o ato de discurso que enuncia *eu* é cada vez um novo ato, ainda que repetido mil vezes (sempre é uma experiência nova), pois ele realiza a cada vez a inserção do locutor num momento novo do tempo e numa textura diferente de circunstâncias e discursos. Dessa forma,

Desde que o pronome *eu* aparece num enunciado, evocando – explicitamente ou não – o pronome *tu* para se opor conjuntamente a *ele*, uma experiência humana se instaura de novo e revela o instrumento linguístico que a funda. Mede-se por aí a distância, ao mesmo tempo ínfima e imensa, entre o dado e sua função. Estes pronomes existem, consignados e ensinados nas gramáticas, ofertados como os outros signos e igualmente disponíveis. Quando alguém os pronuncia, este alguém os assume, e o pronome *eu*, de elemento de um paradigma, se transforma em uma designação única e produz, a cada vez, uma nova pessoa. Esta é a atualização de uma experiência essencial, que não se concebe possa faltar a uma língua. (PLG II, 2006, p. 69)

Isso garante a universalidade da experiência humana na linguagem, pois em todas as línguas deve haver possibilidade de o homem se singularizar, apesar da identidade das formas linguísticas.

Uma dialética singular é a mola dessa subjetividade. A língua provê os falantes de um mesmo sistema de referências pessoais de que cada um se apropria pelo ato de linguagem e que, em cada instância de seu emprego, assim que é assumido por seu enunciador, se torna único e sem igual, não podendo realizar-se duas vezes da mesma maneira. (PLG II, 2006, p. 69)

Em seguida, Benveniste nos lembra de que há outras formas que permitem essa “dialética singular”, além dos pronomes. Ele cita a série de dêiticos e afirma que aquele que se enuncia no discurso será sempre o centro e o ponto de referência. Ademais, há outra forma reveladora dessa experiência subjetiva: o tempo, uma das categorias que mais propiciam a investigação da subjetividade. Ele diferencia, então, três tipos de tempo:

- 1) Tempo físico: tempo dos fatos, infinito, linear, segmentável à vontade. Cada indivíduo mede pelo grau de suas emoções e pelo ritmo de sua vida interior.
- 2) Tempo crônico: presente em instituições humanas (calendário), é o tempo dos acontecimentos que engloba também nossa vida enquanto sequência de acontecimentos, “Porque os acontecimentos não são o tempo, eles *estão* no tempo. Tudo está no tempo, exceto o próprio tempo” (PLG II, 2006, p. 71), ou seja, o tempo só entra no tempo quando inserido no discurso.
- 3) Tempo linguístico: está ligado à instância da fala. Ao empregar a forma gramatical do “presente”, o locutor situa o acontecimento como contemporâneo da instância do discurso. Este presente é reinventado cada vez que o homem fala, pois cada vez é um momento não vivido, um momento novo.

Dessa forma, Benveniste comprova que na realidade a linguagem não dispõe senão de uma única expressão temporal – o presente – que é implícito, pela natureza do discurso. Quando explícito, constitui uma redundância frequente no uso cotidiano. Ao contrário dos tempos que não são presente, sempre explícitos, o passado e o futuro, não estão no mesmo

nível do tempo que o presente. Nesse sentido, para Benveniste, o presente é o “[...] único tempo inerente à língua.” (PLG II, 2006, p. 76) e o passado e o futuro são apenas “[...] visões sobre o tempo, projetadas para trás e para frente, a partir do ponto presente.” (PLG II, 2006, p. 76).

O linguista comenta que o argumento de que a temporalidade linguística deveria se realizar no universo intrapessoal do locutor como experiência irremediavelmente subjetiva e impossível de ser transmitida é falso, visto que

[...] a temporalidade que é minha quando ela organiza meu discurso, é aceita sem dificuldade como sua por meu interlocutor. Meu “hoje” se converte em seu “hoje”, ainda que ele não o tenha instaurado em seu próprio discurso, e meu “ontem” em seu “ontem”. Reciprocamente, quando ele falar em resposta, eu converterei, tornando-me receptor, sua temporalidade na minha. Esta parece ser a condição de inteligibilidade da linguagem, revelada pela linguagem: ela consiste no fato de que a temporalidade do locutor, ainda que literalmente estranha e inacessível ao receptor, é identificada por este à temporalidade que informa sua própria fala quando ele se torna, por sua vez, locutor. Um e outro se acham assim de acordo sobre a duração da onda. O tempo do discurso nem se reduz às divisões do tempo crônico nem se fecha em uma subjetividade solipsista. Ele funciona como um fator de intersubjetividade, o que de unipessoal ele deveria ter o torna onipessoal. A condição de intersubjetividade é que torna possível a comunicação linguística. (PLG II, 2006, p. 77-78)

Neste texto, portanto, Benveniste apresenta o presente juntamente com a categoria de pessoa, que constituem juntos, o eixo organizador da presença da dialética singular:

Por aí se reflete que na língua a experiência de uma relação primordial, constante, indefinidamente reversível, entre o falante e seu parceiro. Em última análise, é sempre ao ato de fala no processo de troca que remete a experiência humana inscrita na linguagem. (PLG II, 2006, p 80)

Resumiremos em algumas proposições algumas noções, para o que nos concerne aqui, a partir de nossa leitura dos textos *Comunicação animal e linguagem humana* e *A linguagem e a experiência humana*, da segunda parte – A comunicação – do PLG I e do PLG II respectivamente:

A) Nos dois textos podemos perceber a ênfase que Émile Benveniste dá a noção de linguagem como atrelada ao humano já nos próprios títulos. Embora o primeiro texto pareça falar também sobre comunicação animal, na verdade Benveniste se vale disso para contrastar com as características muito particulares e únicas da linguagem humana, enquanto, no segundo texto, Benveniste se dedica a tratar da linguagem na comunicação intersubjetiva a partir, principalmente, da noção de tempo vinculada às de espaço e pessoa.

B) Podemos depreender a noção de linguagem em várias passagens, a começar pelos cinco argumentos elencados no texto *Comunicação animal e linguagem humana* em que Benveniste traz cinco características desse sistema simbólico especial: 1) utiliza a mediação do aparelho vocal (fato físico) 2) não se limita ao gestual como o caso das abelhas; 3) há resposta e, conseqüentemente, o diálogo na linguagem humana, ou seja, é estabelecida a comunicação intersubjetiva; 4) não existe uma relação de necessidade entre a referência objetiva e a forma linguística; e 5) é reduzida a elementos que se combinam livremente conforme uma organização definida.

C) Em *A linguagem e a experiência humana* Benveniste define linguagem a partir das noções de temporalidade e da noção de pessoa, agregadas à de espaço. A experiência humana remete ao ato de fala, é a própria intersubjetividade, a troca, o diálogo entre *eu* e *tu* em oposição a *ele*. E assim como essa experiência e essa temporalidade (o tempo presente), as pessoas do discurso não tem existência fora do discurso; são formas vazias. É apenas dentro dessa experiência mesma, do ato de fala, do uso, que essas categorias passam a ser preenchidas. E esse presente que é a cada vez reinventado a cada vez que um homem fala é justamente a ideia de enunciação, elaborada por Benveniste em outros artigos seus que veremos adiante.

D) Percebemos uma reflexão fundamental presente em ambos os textos analisados: a comunicação intersubjetiva. Ela é o fundamento da linguagem humana, é o que permite a Benveniste caracterizá-la como um sistema simbólico especial.

### 3.3 ESTRUTURAS E ANÁLISES

Nesta terceira seção, encaminharemos a leitura de quatro artigos a saber: *Os níveis da análise linguística* (PLG I), *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* (PLG II), *A classificação das línguas* (PLG I), *As transformações das categorias linguísticas* (PLG II). Enquanto na segunda parte – A comunicação – Benveniste faz uma reflexão mais acerca da linguagem humana, na terceira parte – intitulada Estruturas e análises, o linguista dedica-se mais a noção de língua e uma abordagem de línguas.

Em *Os níveis da análise linguística*, Benveniste teoriza diretamente a análise linguística na sua relação com os níveis da língua e considera que a noção de nível é essencial na determinação do procedimento de análise, visto que somente ela é capaz de fazer justiça à natureza articulada da linguagem e ao caráter discreto dos seus elementos. Este é um dos raríssimos textos em que o linguista é extremamente rigoroso em suas descrições e métodos e

é justamente no texto em que Benveniste, em um primeiro momento, coloca a língua enquanto sistema orgânico de signos linguísticos, ou seja, em seu aspecto semiótico. Dessa forma, ele faz uma descrição desse sistema, enquanto estrutura formal, estabelecendo procedimentos e critérios adequados. O primeiro procedimento de análise, então, consiste em substituir e segmentar, que resume o método de distribuição: definir cada elemento numa relação sintagmática – relação do elemento com outros na mesma porção do enunciado – e numa relação paradigmática – relação do elemento com outros mutuamente substituíveis. Benveniste diz que

Segmentação e substituição não têm o mesmo alcance. Os elementos identificam-se em função de outros segmentos com os quais estão em relação de capacidade de substituição. A substituição, porém, pode operar também sobre elementos não segmentáveis. Se os elementos segmentáveis mínimos se identificam como *fonemas*, a análise pode ir além e isolar no interior do fonema *traços distintivos*. Esses traços distintivos do fonema, porém, já não são segmentáveis, embora identificáveis e substituíveis. [...] Chegamos assim a distinguir duas classes de elementos mínimos: os que são ao mesmo tempo segmentáveis e substituíveis, os fonemas; e os que são apenas substituíveis, os traços distintivos dos fonemas. Pelo fato de serem segmentáveis, os traços distintivos não podem constituir classes sintagmáticas; mas pelo fato de serem substituíveis, constituem classes paradigmáticas. A análise pode, assim, reconhecer e distinguir um nível fonemático, em que se praticam as duas operações de segmentação e de substituição, e um nível hipofonemático, o dos traços distintivos, não segmentáveis que dependem apenas da substituição. Aí se detém a análise linguística. (PLG I, 2005, p. 128-129, grifos do autor)

Benveniste propõe, a partir desse método, que cada unidade de análise seja definida em função de sua *integração* em outra unidade de um nível superior. Assim, as unidades de um determinado nível se distribuem nesse nível e são chamadas de unidades constituintes desse nível, as quais só podem ser assim definidas se, simultaneamente, forem também unidades integrantes de um nível superior. Nesse sentido, entendemos que haveria relações *integrativas* entre os níveis, na *organização* da língua. A capacidade de integração em um nível superior diz respeito ao sentido; a capacidade de distribuição e dissociação em um mesmo nível, como constituinte, diz respeito à forma. O que Benveniste chama de nível da análise linguística, portanto, define-se em função das relações distribucionais e integrativas que suas unidades têm e não o que comumente se encontra na linguística geral sob determinados rótulos. Essa reflexão diferencia a proposta de Benveniste das propostas estruturalistas, que consideram os níveis como camadas separadas. Para o linguista a integração é a chave para a constituição do sentido e para que cada unidade seja reconhecida como tal no funcionamento da língua.

Benveniste afirma que a linguagem humana é articulada, ou seja, que os enunciados produzidos em uma língua não se apresentam como um todo indivisível, visto que resultam da

combinação de unidades menores como demonstra Benveniste. Na produção linguística, os falantes combinam fonemas para construir morfemas, unem morfemas para formar vocábulos, vocábulos para formar frases e frases para compor outra unidade ainda maior: o discurso. Essa integração é necessária para que os falantes produzam sentidos na comunicação intersubjetiva. Todas as línguas possuem fonemas, morfemas, palavras e frases, porém cada uma delas apresenta restrições quanto à combinação, à associação e integração de elementos. Essas restrições existem na combinação e integração de unidades em todos os níveis linguísticos que são para Benveniste o merismático, o fonemático, o morfemático, e o categoremático, que integrados constituem o discurso. Disso podemos inferir que fazer um estudo descritivo da gramática de uma língua é mostrar a distribuição (funcionamento) das unidades em cada nível e a integração em níveis superiores. Os níveis, dessa forma, constituem a natureza de suas unidades e as restrições que comandam a união de cada uma delas para formar unidades maiores. O linguista define, então, cada nível, mas considera fundamental a integração entre eles. Por isso, passamos a descrever a distribuição de cada nível, mas levando em conta que, na organização da língua, esses níveis estão integrados.

A) Nível merismático: é o nível dos traços distintivos (ou merismas), o menor nível. Neste nível a segmentação não opera, pois não podemos segmentar os traços em unidades ainda menores, mas são substituíveis e podem integrar unidades de nível superior, os fonemas:

Em [d'] reconhecem-se quatro traços distintivos: oclusão, dentalidade, sonoridade, aspiração. Nenhum deles pode realizar-se por si mesmo fora da articulação fonética em que se apresenta. Não podemos, também, determinar-lhes uma ordem sintagmática; a oclusão é inseparável da dentalidade, e o sopro da sonoridade. Cada um deles admite, apesar disso, uma substituição. A oclusão pode ser substituída por uma fricção; a dentalidade pela labialidade; a aspiração pela glotalidade, etc. (PLG I, 2005, p. 128-129)

A análise, portanto, reconhece e distingue duas classes de elementos mínimos. Por um lado temos os merismas, que dependem apenas da substituição, e os fonemas, em que se praticam a substituição e a segmentação. A combinação de merismas produz fonemas, enquanto estes se decompõem em merismas ou traços distintivos.

B) Nível fonemático: é o nível das unidades enquanto fonemas, em que operam a segmentação (que nos permite chegar aos merismas) e a substituição. Esta acarreta em mudança de sentido e, por conseguinte, de vocábulo. É neste nível que Benveniste começa a falar do critério distribucional, do sentido e do nível como um operador. Para tanto ele inicia



se questionando qual a condição linguística dessa relação que se estabeleceu entre os níveis. É necessário operar sobre porções mais longas e procurar o modo de realizar as operações de segmentação e substituição para obter as unidades mais extensas da cadeia falada. A condição linguística é o próprio sentido, é “[...] a condição fundamental que todas as unidades de todos os níveis devem preencher para obter *status* linguístico.” (PLG I, 2005, p. 130). Se operarmos a substituição da sequência de fonemas /m/ /a/ /l/ /a/ por /b/ /a/ /l/ /a/, o que nos permite dizer se essas porções são admissíveis ou não é o sentido, a condição indispensável da análise linguística. Dessa forma,

Vemos então que esse nível não é algo de exterior à análise; está *na* análise; o nível é um operador. Se o fonema se define, é como constituinte de uma unidade mais alta, o morfema. A função discriminadora do fonema tem por fundamento a sua inclusão numa unidade particular, que, pelo fato de incluir o fonema, depende de um nível superior. (PLG I, 2005, p. 131, grifos do autor)

Ou seja, uma unidade linguística se define como tal porque está identificada em uma unidade de nível superior. O critério distribucional, portanto, não dá conta dessas relações entre diferentes níveis. Por isso, “Uma unidade será reconhecida como distintiva num determinado nível se puder identificar-se como ‘parte integrante’ da unidade de nível superior, da qual se torna o *integrante*.” (PLG I, 2005, p. 133, grifos do autor).

C) **Nível morfológico:** consiste em mostrar a natureza da sua unidade, o **morfema**, e as restrições de combinação para formar unidades maiores (o nível da frase). Os morfemas podem ser raízes/radicais, vogais temáticas, prefixos, sufixos, desinências e constituem unidades significativas do nível morfológico da estrutura gramatical de uma língua.

Em [os meninos leram livros interessantes], ou [o-0 menino-0 leu livro-0 interessante-0], ou [A-0 menina-0 leu livros ininteressantes] notamos, nos dois primeiros enunciados, a oposição entre a presença do elemento –s e a sua ausência, marcada por -0. Essa ausência acarreta uma diferença de valor no vocábulo, perdendo a marca plural e passando para o singular. Ou seja, o elemento –s é um morfema responsável pela marca de plural. Já, no terceiro enunciado, o elemento –a de “menina” opõe-se ao elemento –o de “menino” (dos dois primeiros enunciados) pela marca de gênero. Essas unidades nos dão alguma informação acerca do sentido do vocábulo ou acerca de sua estrutura gramatical. Neste nível Benveniste também utiliza o termo palavra e a define como a unidade que tem uma posição funcional intermediária de dupla natureza, já que pode decompor-se em unidades fonemáticas (de nível inferior) e integrar-se a uma unidade de nível superior (a frase, que tem dois sentidos na teorização benvenistiana e que comentaremos a seguir). As palavras são *autônomas* (as

formas livres) - constituintes de frases – e *sin-nomas*, ou seja, aquelas que só entram na frase se acrescentadas a outras palavras (as formas dependentes). Nesse sentido a palavra, conforme Benveniste, está entre os níveis morfemático e categoremático, por isso ela exerce essa dupla função e é de dupla natureza.

D) Nível categoremático: neste nível tem-se a combinação de vocábulos/palavras e sintagmas para formar frases. A palavra, como comentamos anteriormente, também está no nível da frase, porque constitui a sua unidade. Porém, devemos desconfiar do termo frase utilizado por Benveniste, pois, apesar de ser amplamente utilizado na linguística, em sua teoria não tem sentido próximo ao que tem no âmbito dos estudos gramaticais. Há, nesse texto, dois sentidos para o termo frase. O primeiro é o sentido proposicional, é quando ele fala do “caráter distintivo entre todos, inerente à frase, de ser um predicado” (PLG I, 2005, p. 137). Segundo ele:

Todos os outros caracteres que se podem reconhecer-lhe são secundários com relação a esse. O número de signos que entram numa frase é indiferente: sabemos que um único signo basta para constituir um predicado. Igualmente a presença de um “sujeito” junto de um predicado não é indispensável: o termo predicativo da proposição basta-se a si mesmo uma vez que é em realidade o determinante do “sujeito”. A “sintaxe” da proposição não é mais que o código gramatical que lhe organiza a disposição. As entonações na sua variedade não têm valor universal e continuam a ser de apreciação subjetiva. Só o caráter predicativo da proposição pode, assim, valer como critério. Situaremos a proposição ao nível *categoremático*. (PLG I, 2005, p. 137-138, grifos do autor)

É atribuído à frase um segundo sentido ligado a uma dupla propriedade. De um lado, a frase é vista como uma unidade discreta, um segmento de discurso – “A frase é uma unidade, na medida em que é um segmento de discurso.” (PLG I, 2005, p. 139) –; por outro lado, a frase é vista como atualização, como a língua em ação – “A frase, criação indefinida, variedade sem limite, é a própria vida da linguagem em ação” (PLG I, 2005, p. 139). Segundo Benveniste,

Vemos nessa **dupla propriedade** da frase a condição que a torna analisável para o próprio locutor, a começar pela **aprendizagem que ele faz do discurso quando aprende a falar** e pelo **exercício incessante da sua atividade de linguagem** em todas as situações. (Benveniste, 1988, p. 140, grifos nossos)

Benveniste, ao definir frase na perspectiva da língua em ação e na perspectiva de segmento do discurso, produz outro entendimento do termo frase, pois nela introduz o sentido e a referência:

A frase é uma unidade, na medida em que é um **segmento de discurso**, e não na medida em que poderia ser distintiva com relação a outras unidades do mesmo nível

- o que ela não é, como vimos. É, porém, **uma unidade completa**, que traz ao mesmo tempo **sentido e referência**: sentido porque é enformada de significação, e referência porque se refere a uma determinada situação. Os que se comunicam têm justamente isto em comum, uma certa referência de situação, sem a qual a comunicação como tal não se opera, sendo inteligível o “sentido” mas permanecendo desconhecida a “referência”. (PLG I, 2005, p. 139-140, grifos nossos)

Esse duplo entendimento de frase – como predicação e como segmento do discurso na perspectiva da língua em ação – permite a Benveniste afirmar a existência de duas linguísticas e os termos da passagem de uma à outra:

Eis aí verdadeiramente dois universos diferentes, embora abarquem a mesma realidade, e possibilitem duas linguísticas diferentes, embora os seus caminhos se cruzem a todo instante. Há de um lado a língua, conjunto de signos formais, destacados pelos procedimentos rigorosos, escalonados por classes, combinados em estruturas e em sistemas; de outro, a manifestação da língua na comunicação viva. (PLG I, 2005, p. 139)

Essa propriedade da frase diz respeito aos interlocutores: “É no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura” (PLG I, 2006, p. 140). A frase tem um papel na atualização da língua em discurso. Dessa forma, a definição de frase não está muito distante do que será colocado como *enunciação* em *A semiologia da língua*, visto que a língua “[...] se manifesta pela enunciação, que contém referência a uma situação dada; falar, é sempre falar-de” (PLG II, 2006, p. 63). Essa definição de frase (que não constitui em uma unidade, portanto, não é um signo, porque é o limite e não se integra a um nível mais alto) leva-nos ao mundo do discurso que atravessa todos os níveis, pois as unidades – para serem opositivas – precisam ser significativas. A alteração de uma unidade por outra acarreta em mudança de sentido.

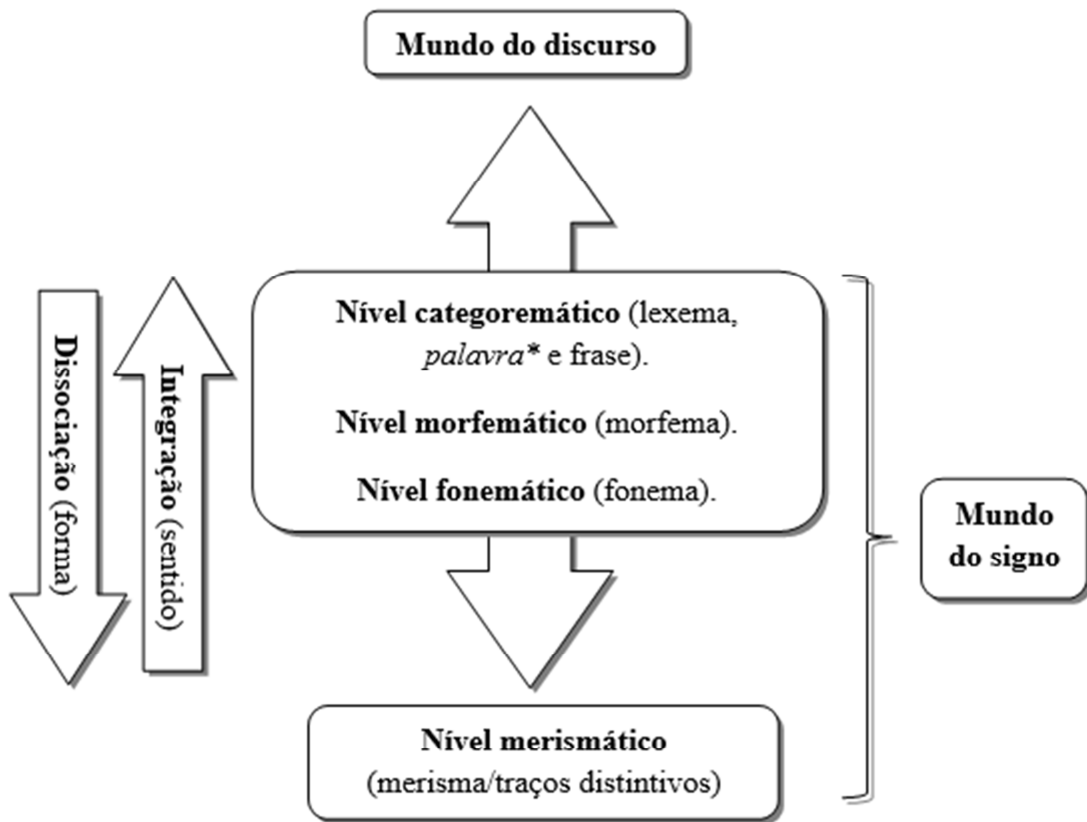
Além da noção de níveis, é importante também neste artigo, pontuarmos a discussão sobre *forma* e *sentido*. Segundo Benveniste, eles se definem um pelo outro e se articulam em toda a extensão da língua; A relação *forma/sentido* está implicada na própria estrutura dos níveis e nas funções constituinte e integrante. Quando reduzimos uma unidade em seus constituintes, chegamos à forma, evidenciando uma estrutura formal, ou seja, “A *forma* de uma unidade linguística define-se como a sua capacidade de dissociar-se em constituintes de nível inferior” (PLG I, 2005, p. 135, grifos do autor). Já quando operamos de maneira inversa, esses constituintes integram um nível superior, levando-nos a unidades significantes, ou seja, “O *sentido* de uma unidade linguística define-se como a sua capacidade de integrar uma unidade de nível superior” (PLG I, 2005, p. 136, grifos do autor). *Forma* e *sentido* são duas

propriedades necessárias e simultâneas, ou seja, são inseparáveis no funcionamento da língua e se revelam na estrutura dos níveis em razão da natureza articulada da linguagem.

No entanto, Benveniste dá outro aspecto à noção de sentido neste artigo. Enquanto que o primeiro aspecto envolve saber se determinado segmento da língua *tem* sentido, que abrange o *sentido* no semiótico (a língua como sistema de signos), o segundo aspecto importa saber *qual* o sentido, que abrange a essa noção no semântico (a língua em emprego e em ação, integrando as relações da sociedade e do homem com o homem e com o mundo). Em *Os níveis da análise linguística*, o mestre sírio-francês não fala de semiótico e semântico (não nomeia dessa maneira), porém acreditamos que não se distancia muito do que ele desenvolve em *A forma e o sentido na linguagem* que veremos mais adiante em outra seção deste trabalho. Ao entrarmos nesse segundo aspecto do sentido estamos no nível da frase (o nível categoremático) e entramos em outro universo, o mundo do discurso, o da língua na comunicação viva – e que atravessa todos os níveis na *organização* da língua.

Para ilustrar essas relações, elaboramos um esquema que acreditamos resumir o artigo:

Figura 1 – Esquema dos níveis da análise linguística



Fonte: Elaborada pela autora.

\*Vale lembrar que para Benveniste *palavra* tem uma função intermediária, uma vez que é de dupla natureza: ela se *dissocia* em unidades fonemáticas que são de nível inferior e se *integra* compondo outras unidades significantes de nível superior.

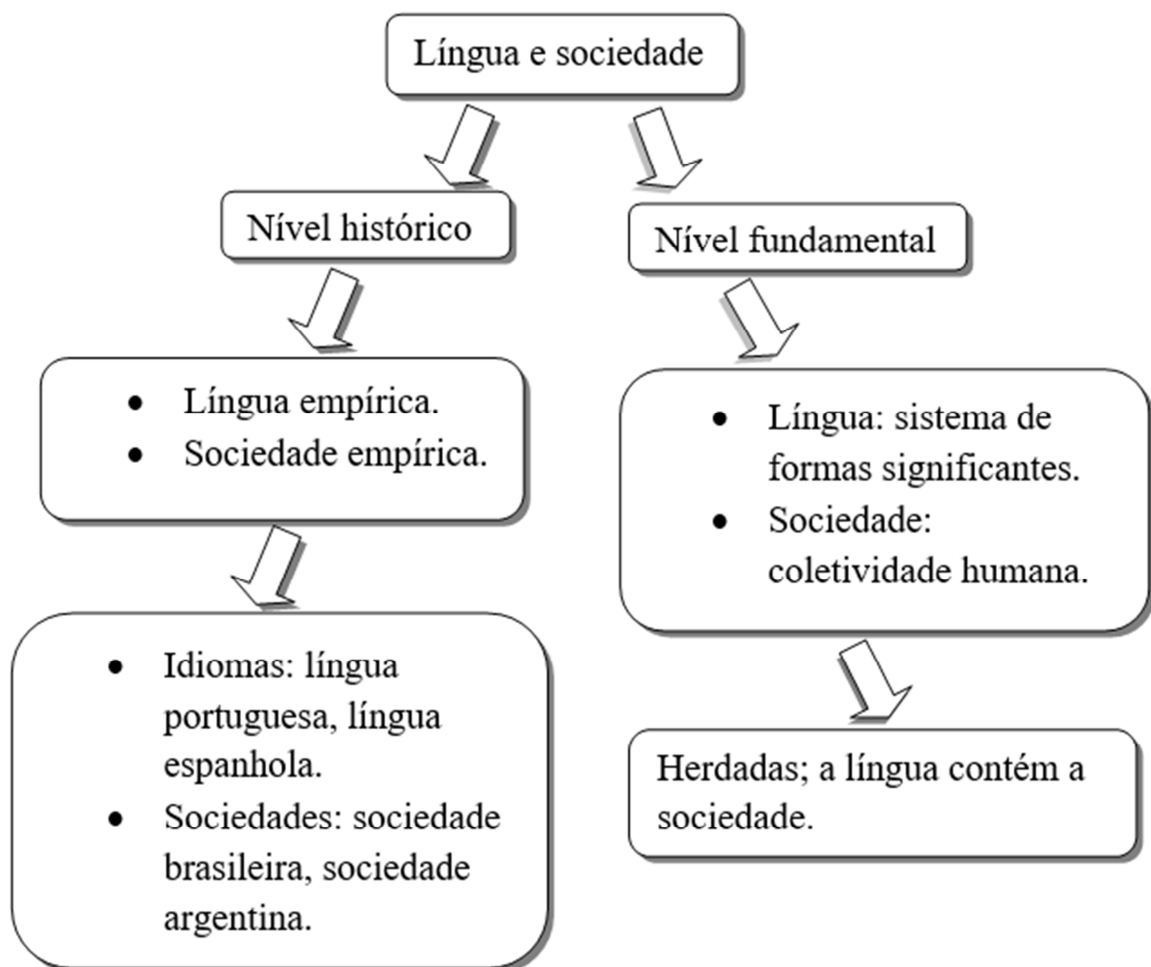
Na terceira parte, intitulada Estruturas e Análises, do PLG II, Benveniste abre esta seção com *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, nossa próxima leitura. Neste texto, pensamos que Benveniste não mostra as relações em si, senão o lugar e o papel da língua a partir da sua relação com a sociedade. Mas como relacionar conceitualmente realidades tão heterogêneas como língua e sociedade? E como descrever linguisticamente as relações entre uma e outra? Para Benveniste o termo sociedade é transversal à sua teoria da linguagem. Ela não é necessariamente um conceito que define o seu fazer, que define sua tarefa enquanto linguista. No entanto, sociedade é um termo que Benveniste se vale demasiadas vezes para falar de língua. Nesse sentido, acreditamos que falar de sociedade é pensar no lugar da língua nessa relação. Outro conceito transversal com o qual o linguista sírio-francês se vale para fazer esse mesmo movimento é o de cultura, por exemplo. No entanto, o que Benveniste entende por sociedade?

Benveniste inicia falando que a língua/linguagem exige e pressupõe o outro, é o único meio de atingir este outro homem. Por isso, a sociedade é dada com a linguagem e se sustenta pelo uso dos signos de comunicação. Língua e sociedade implicam-se mutuamente; aquela é dada com a sociedade, pois, assim como o homem tem o sistema simbólico língua, está na natureza do homem essa capacidade de simbolizar, a sociedade também é dada no momento em que “[...] é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem.” (PLG I, 2005, p. 285). Em seguida ele traz uma noção - que lhe parece equivocada - de que a língua é o espelho da sociedade. Benveniste se opõe a esta ideia, pois a língua *contém* a sociedade e não a espelha. A diferença está no lugar que o linguista sírio dá à língua a partir do termo *conter*. No momento em que entendemos a sociedade contida na língua e não espelhada por ela, instauramos uma relação bem distinta da que tínhamos anteriormente. Mas como relacionar língua e sociedade, dois sistemas semiológicos distintos em natureza e estrutura? É o que Benveniste tenta responder - e consegue com êxito - com o estabelecimento dos níveis histórico e fundamental. Enquanto em sua estrutura, a língua tem unidades distintivas, discretas, de número finito, combináveis e hierarquizadas; a sociedade é de natureza dupla, de sistema relacional (parentesco) e sistema de relação, divisão (classes sociais - funções de produção), os indivíduos ou grupos não são transponíveis em unidades e não tem analogia com unidades significantes da língua.

Nesse sentido, por não haver essa correspondência de natureza e estrutura é que é necessário, conforme Benveniste, ultrapassar nessa comparação entre língua e sociedade. O

linguista vai dizer que, no nível histórico, portanto como dado empírico, fala-se de sociedade chinesa, por exemplo; enquanto que para a língua seria língua como idioma empírico, a língua chinesa. Já no nível fundamental existe a sociedade enquanto coletividade humana e a língua enquanto sistema e formas significantes. E é justamente no nível fundamental que Benveniste diz ser possível a relação entre língua e sociedade. A fim de ilustrarmos essas relações iniciais, estabelecidas pelo linguista, entre língua e sociedade, elaboramos um pequeno esquema.

Figura 2 – Esquema da relação língua e sociedade



Fonte: Elaborada pela autora.

Como supor, então, a relação entre língua e sociedade para esclarecer a análise das mesmas? É no seio da comunidade humana que a língua nasce e se desenvolve, é tomando a língua, portanto, como meio de análise da sociedade. A relação entre elas se dá semiologicamente, ou seja, é pelo princípio de Interpretância, língua enquanto sistema interpretante e sociedade como sistema interpretado. A língua *interpreta* a sociedade porque

*contém* a sociedade, ou melhor, é possível isolar a língua sem referenciar suas relações com as normas sociais e culturais, no entanto não se descreve a sociedade ou cultura fora das expressões linguísticas.

Nesse sentido, a língua inclui a sociedade, mas não é incluída por esta. É importante ressaltar que *interpretar* é tornar-se significante, ou seja, a sociedade torna-se significante *na* e *pela* língua. Quando Benveniste traz a questão da sociedade é para marcar, como linguista que é, o lugar e o papel da língua na relação com o sistema semiológico da sociedade. O conceito desta nós conseguimos apenas inferir a partir da leitura de seus artigos. O que fica claro para nós é que a língua tem um papel extremamente importante e, diria fundamental, para a própria existência da sociedade. Quando afirmamos que a língua é o espelho da sociedade, estamos dizendo que seria possível a existência de sociedades sem língua e sem relações de comunicação intersubjetiva, o que seria um grande equívoco pois

Nada pode ser compreendido - é preciso se convencer disto - que não tenha sido reduzido à língua. Por consequência, a língua é necessariamente o instrumento próprio para descrever, para conceitualizar, para interpretar tanto a natureza quanto a experiência, portanto este composto de natureza e de experiência que se chama a sociedade. (PLG II, 2006, p. 99-100).

A língua engloba a sociedade e a contém em seu aparelho conceitual e, ao mesmo tempo, ela também configura a sociedade, o que Benveniste chama de “semantismo social”, ou seja, pode-se localizar a interpretância da língua em três pontos: 1) o vocabulário, que conserva testemunhos não substituíveis sobre formas e organização social, regimes políticos, modo de produção; 2) por meio do testemunho que a língua dá com o emprego de formas e a diversidade de referências que se pode dar a um determinado termo como “sociedade”, ou da polissemia, por exemplo; 3) e, por último, e que permite Benveniste propor que a língua tenha uma posição paradoxal com respeito à sociedade, é a estrutura formal de base que a língua fornece, permitindo o exercício da fala. A língua fornece o instrumento linguístico que possibilita o funcionamento subjetivo (*eu/tu*) e o funcionamento referencial do discurso (*ele*). Segundo Teixeira (2012),

Falar consiste em trocar a capacidade de utilizar *eu*; em preencher essas conchas vazias. É essa possibilidade que buscamos em todas as nossas conversas. Até porque, nessa troca, asseguramo-nos de nossa própria *presença*. O processo de comunicação intersubjetiva é uma consequência desse trabalho que os interlocutores cumprem mutuamente sem nem mesmo perceberem. (TEIXEIRA, 2012, p. 78)

Nesse processo de comunicação intersubjetiva é que encontramos o homem falando com outro homem e que, portanto, constitui a sociedade. E essa relação só é possível na e pela

língua. Podemos dizer que sociedade aqui é, então, um conjunto de membros de uma coletividade (“eu” e “tu”) que se valem de uma mesma língua na comunicação intersubjetiva. A língua, evidentemente, e como afirma Benveniste, não serve apenas para comunicar, mas justamente é ela quem estabelece essas relações, e somente por meio dela conseguimos tornar significantes não só a sociedade, mas outros sistemas semiológicos. Esse duplo sistema relacional da língua (intersubjetivo e referencial) coloca em evidência duas oposições: 1) *eu/tu*, uma estrutura de alocação, inter-humana; 2) *eu-tu/ele*, essa oposição *pessoa a não-pessoa*, efetua a operação de referência e possibilita o discurso sobre o mundo sobre o que não é a alocação.

Dessa forma, além do vocabulário, do testemunho e da estrutura formal de base da língua – que localizam a interpretância da língua em relação à sociedade, Benveniste diz que existe uma nova configuração que advém desse duplo sistema relacional da língua: a inclusão do falante em seu discurso, a pragmática “[...] que coloca a pessoa na sociedade enquanto participante e que desdobra uma rede complexa de relações espaço-temporais que determinam os modos de enunciação.” (PLG II, 2006. P. 101). A língua, portanto, já não é mais considerada apenas enquanto um sistema de signos, mas também como prática humana, pois “[...] ela revela o uso particular que os grupos ou classes de homens fazem da língua e as diferenciações que daí resultam no interior da língua comum” (PLG II, 2006, p. 102), ou seja, de um modo de enunciação específico. Vemos a língua enquanto prática humana e como interpretante nas diversas atividades sociais, uma teoria ainda sumária para Benveniste e que tem relação com o que ele desenvolve em *Semiologia da língua*.

O linguista finaliza o texto designando três noções que ele diz serem essenciais para pensar em uma teoria que desenvolva melhor a ideia de língua como interpretante nas atividades sociais. Apesar de haver uma dificuldade na leitura desta última parte do texto – visto que a segunda noção não está clara e explícita – tentaremos a partir de uma leitura bastante particular, mostrar quais são essas três noções que ele comenta brevemente. A primeira noção é a de língua como sistema produtivo. Esta noção se abre em dois modos e, portanto, acaba sendo as duas primeiras noções. A língua é produtiva no semiótico, isto é, “[...] ela **produz sentido**, graças à sua composição que é inteiramente uma **composição de significação** e graças ao **código que condiciona este arranjo**.” (PLG II, 2006. p. 103, grifos nossos), e no semântico, ou seja,

[...] produz também indefinidamente **enunciações** graças a certas regras de transformação e de expansão formais; ela cria, portanto, formas, esquemas de



formação; ela cria objetos linguísticos que são introduzidos no **circuito da comunicação**. (PLG II, 2006, p. 103, grifos nossos)

A terceira noção seria a de *troca*, que está, segundo Benveniste, ligada ao valor e assimilada à troca paradigmática. Ele usa um exemplo de uma analogia utilizada por Saussure sobre a economia ser, como a língua, um sistema de valores. Saussure comparava naquele momento a relação salário-trabalho à relação significante-significado. Embora Benveniste não esteja certo de que essas relações sejam homólogas, o que importa é menos este exemplo e mais o “[...] princípio de aproximação e da visão que daí resulta sobre a maneira de aplicar certos critérios, certas noções comuns à língua e à sociedade.” (PLG II, 2006, p. 103).

Em suma, para demonstrar que o falante, ao se incluir em seu discurso se situa e se inclui na sociedade, Benveniste utiliza-se das noções de *pessoa* e *não-pessoa*, colocando o homem como objeto para ser descoberto na dupla natureza que língua (individual e social) instaura e funda nele. *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* é, de certa forma, um texto de abertura, na medida em que o próprio linguista deixa claro que algumas noções ainda são sumárias e que necessitam ser melhor desenvolvidas, mas também por trazer o antropológico, fundamento de sua teorização sobre a linguagem.

Em *A classificação das línguas* Benveniste, sem a pretensão de encerrar o assunto ou construir um modelo completo, critica as classificações genética e tipológica, além de trazer a classificação empreendida por Sapir – mostrando-a como a mais adequada e rigorosa – e uma visão própria sobre a classificação das línguas. Este é um artigo complexo (e, diríamos, um dos menos lidos e debatidos) em que o linguista traz à tona discussões de seu tempo com o intuito de discutir o que é língua e também línguas. A exemplo dos artigos que lemos anteriormente, o que interessa a Benveniste é discutir língua e linguagem e proporcionar uma visão própria sobre esse debate linguístico.

Para isso, Benveniste inicia o texto revisando duas teorias de classificação das línguas: a genética e a tipológica. A primeira teoria classifica as línguas conforme supostas famílias oriundas de um protótipo comum e, portanto, de suas semelhanças. Logo com a descoberta do sânscrito e com o início dos estudos em gramática comparada essa classificação define com mais precisão as condições para o estabelecimento de uma relação genética – e Benveniste atribui a esses estudos, a despeito de ser ingênuo e confuso – conforme suas palavras -, o progresso da ciência das línguas e o desenvolvimento de uma linguística geral a partir de uma visão genética e histórica das línguas. Os critérios da classificação genética são de natureza histórica, o método empregado pelo linguista, que procede a partir dos dados (testemunhos antigos) é comparativo e indutivo. Bloomfield é o grande exemplo de linguista que

empreendeu um estudo sobre a comparação das quatro principais línguas do grupo algonquino central e que Benveniste mostra consideração e respeito ao dizer que

A demonstração de um parentesco de origem supõe um trabalho, frequentemente longo e penoso, de *identificação* aplicado a todos os níveis da análise: fonemas isolados, depois ligados, morfemas, significantes complexos, construções inteiras. O processo está ligado à consideração da *substância* concreta dos elementos comparados: para justificar a aproximação de lat. *fere-* e de sânscr. *bhara-*, devo explicar por que o latim tem justamente *f* onde o sânscrito tem justamente *bh*. Nenhuma demonstração de parentesco escapa a essa obrigação, e uma classificação faz a soma de um grande número dessas identificações substanciais para atribuir o seu lugar a cada língua. (PLG II, 2006, p. 108, grifos do autor)

No entanto, o mestre tece duas críticas quanto a essa classificação genética: 1) Não é adequado que os critérios usados para o indo-europeu sejam todos de valor universal, ou seja, alguns nomes são ligados apenas a causas específicas sem razões ditas “naturais” ou universais; 2) tampouco é adequado que o modelo indo-europeu seja utilizado como um tipo constante da classificação genética; o banto seria um exemplo de classificação provisória e fundamentada em uma documentação desigual, visto que uma documentação mais antiga restringe-se a uma minoria de línguas. Mesmo onde há testemunhos abundantes e uma história contínua – como no caso da família indo-europeia -, em um determinado estágio da evolução não conseguiremos mais definir o pertencimento das línguas à sua família genética senão em termos de história (e não de relações entre elas). Fica exposto o problema: uma classificação genética só tem valor entre duas datas. A solução seria, conforme Benveniste, considerar essas famílias como abertas e suas relações sempre sujeitas a uma revisão.

Além de propor e graduar um parentesco entre as línguas, a classificação genética também determina um *tipo* que lhes é comum. Uma estrutura formal e gramatical própria da família de línguas é destacada no momento das identificações entre as formas e seus elementos, por isso, além de genética, também é uma classificação tipológica. No entanto, Benveniste se propõe a pensar sobre duas questões a respeito dessa classificação: seria suficiente ser fundada apenas em critérios tipológicos? E que valor tem esse critério na classificação? Para respondê-las satisfatoriamente, Benveniste parte de uma interpretação dada por Trubetzkoy em um de seus artigos, *Gedanken iiber das Indogermanenproblem*”, de 1939. Trubetzkoy se pergunta como se poderia reconhecer que uma língua é indo-europeia. Para isso, escolhe uma língua indígena chamada takelma e Benveniste traz uma descrição feita por Sapir para falar da situação da língua. O linguista elenca seis traços, cuja reunião constitui a marca distintiva do tipo indo-europeu. Porém, Benveniste afirma que essa definição de Trubetzkoy é refutada pelos fatos, pois seria necessário que as características

fossem mais numerosas e mais específicas, ou seja, que houvesse uma classificação mais rigorosa em seus critérios. Além disso, Trubetzkoy não chegou a tratar da questão de verificar se se podia definir o indo-europeu apenas com caracteres tipológicos. Benveniste conclui que uma classificação genética não se transpõe para uma tipológica. Evidencia-se uma diferença enorme entre tipos de língua no mundo que se pensou em caracterizar as línguas apenas por definições tipológicas. É a partir de Humboldt que teorias como esta são edificadas – excepcionalmente na Alemanha –, ilustrando-se as línguas por meio de tipos principais. Essa tendência é representada em F. N. Finck, porém o quadro definido por esse linguista não era nem rigoroso, nem sistemático, afirma Benveniste:

Em suma, essas distinções não parecem articular-se numa teoria unitária que legitimaria e ordenaria caracteres homogêneos, como raiz, incorporação, sufixo, tema, série, flexão, grupo, alguns dos quais concernem à natureza dos morfemas, outros à sua disposição. **As línguas são conjuntos tão complexos que se pode classificá-las em função de um grande número de critérios.** Uma tipologia consistente e compreensiva deverá levar em conta várias ordens de distinções, e hierarquizar os traços morfológicos que delas dependem. (PLG I, 2005, p. 118-119, grifos nossos)

Dessa maneira, Benveniste traz a classificação de Sapir como a mais adequada de seu ponto de vista sobre a classificação das línguas. Sapir constrói uma classificação a partir de um critério triplo: “conceitos”, “técnica” e “síntese”. Dentro do primeiro critério abrem-se quatro grupos: 1) conceitos de base, 2) conceitos derivacionais, 3) conceitos reacionais concretos e 4) conceitos relacionais abstratos. Esses conceitos permitem o estabelecimento de quatro tipos de língua: A) línguas sem afixação, B) línguas que fazem uso de uma sintaxe puramente relacional, mas também da afixação e da modificação interna dos radicais, C) línguas que estabelecem relações sintáticas garantidas por elementos antes concretos, sem submeter-se à afixação ou à modificação interna e D) línguas que estabelecem relações sintáticas “mistas” como no tipo anterior, mas com a possibilidade de modificar o sentido dos elementos radicais por afixação ou modificação interna. Em cada um desses quatro tipo de línguas introduz-se quatro divisões (isolante, aglutinante, fusional, simbólica) a partir do critério da “técnica”. Quanto à “síntese” empregam-se qualificações à língua como analítica, sintética, polissintética.

A dificuldade dessa classificação está em seu manejo. O próprio Sapir reconhece essa dificuldade, como bem Benveniste nos lembra citando-o, e o fato de ser mais importante – devido a complexidade das estruturas das línguas – desenvolver um método flexível que possa dar conta de situá-las.

Teremos probabilidades de ver melhor o que devemos atingir se discernirmos em que os sistemas propostos são falhos. Se compararmos uma a outras duas línguas de origem diferente que essas teorias alinham juntas, sentimos bem que uma analogia na maneira de construir as formas permanece um traço superficial enquanto a estrutura profunda não é posta em evidência. A razão está em que a análise recai sobre as formas empíricas e sobre organizações empíricas. Sapir distingue com razão a “técnica” de certos processos morfológicos, isto é, a forma material sob a qual se apresentam, do “sistema relacional”. Se essa “técnica”, porém, é fácil de definir e reconhecer de uma língua a outra ao menos em certo número de casos [...], acontece exatamente o contrário com o “tipo relacional”, muito mais difícil de definir e sobretudo de transpor, porque a descrição é necessariamente interpretação. Tudo depende aí da intuição do linguista e da maneira pela qual ele “sente” a língua. (PLG I, 2005, p. 121-122)

Benveniste propõe alguns princípios lógicos para livrar-se das dificuldades apresentadas. Em primeiro lugar é necessário o reconhecimento de que a forma é apenas a possibilidade de estrutura da língua e de elaboração de uma teoria geral da estrutura linguística. Embora se proceda ainda por meio da experiência, é para chegar em um conjunto de definições constantes que visem os elementos das estruturas e as suas relações. Benveniste elabora, então, duas condições para que isso ocorra: a primeira é sobre o método de abordagem, que recorrerá aos processos da lógica (únicos apropriados a um método rigoroso, segundo Benveniste); o segundo é sobre o quadro de exposição, designando-se classes de línguas, dispostas de maneira hierárquica em unidades inferiores e superiores. Dispondo dessas relações genéticas, o linguista enumera cinco caracteres lógicos que definem o arranjo dessas relações: 1ª: cada idioma faz parte do conjunto das classes hierárquicas e pertence a cada uma delas em níveis diferentes; 2º: cada uma dessas classes é inclusiva e inclusa; 3º: classes definidas por um mesmo grau hierárquico não se relacionam de tal maneira que o conhecimento de uma permita o conhecimento da outra; 4º: as classes que estão em um mesmo nível não são complementares, nenhuma dá a conhecer a totalidade da qual faz parte; e 5º: cada língua emprega uma parte das combinações que permite seu sistema fonemático e morfemático e cada classe contém apenas uma parte das línguas que poderiam haver sido realizadas – não sendo jamais exaustivas.

Com isso, Benveniste dá uma ideia do que seria um modelo lógico de uma classificação – ainda que empírica e comenta que

Poderíamos esperar mais – embora aqui a tarefa seja muito mais árdua e a perspectiva mais longínqua – de uma classificação que recai, desta vez, sobre os elementos da estrutura linguística no sentido acima indicado. A condição inicial de semelhante empresa consistiria em abandonar esse princípio, não formulado e que pesa tanto mais sobre grande parte da linguística atual quanto parece confundir-se com a evidência, de que não há linguística a não ser do dado, que a linguagem está contida integralmente nas suas manifestações efetuadas. Se assim fosse, o caminho estaria definitivamente fechado a toda investigação profunda sobre a natureza e as

manifestações da linguagem. O dado linguístico é um resultado e é preciso procurá-lo a origem. **Uma reflexão algo atenta sobre a maneira pela qual uma língua – pela qual toda língua – se constrói ensina que cada língua tem para resolver um certo número de problemas, que se reduzem todos à questão central da “significação”.** As formas gramaticais traduzem, **com um simbolismo que é a marca distintiva da linguagem**, a resposta dada a esses problemas; estudando essas formas, a sua seleção, o seu agrupamento, a sua organização próprios, podemos induzir a natureza e a forma do problema intralinguístico a que respondem [...]. Podemos contentar-nos em descrever a organização material, ou podemos procurá-lhes a origem. Muitos estudos lhes foram consagrados. **Só nos interessará aqui uma questão que ainda não foi proposta, a da função de semelhante estrutura.** [...] É preciso, ainda, começar a ver além da forma material e não fazer apoiar-se toda a linguística na descrição das formas linguísticas. (PLG I, 2005, p. 124-126, grifos nossos)

Esse trecho, já no final do texto, é precioso neste momento do artigo. Vemos aqui Benveniste completamente imerso em suas próprias questões referentes às noções de língua e linguagem, fazendo-nos retornar, por exemplo, aos textos que lemos na seção anterior, como em *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística* em que Benveniste dá ênfase à questão da função na segunda parte do artigo, que é necessário considerar a função da linguagem (o sentido) e não apenas a forma linguística; ou em *Comunicação animal e linguagem humana* em que o linguista define linguagem (como em tantos outros textos seus) enquanto um sistema simbólico especial, e que esse simbolismo, essa capacidade/faculdade que o homem tem de atribuir sentido é a marca distintiva da linguagem humana e de constituir a comunicação intersubjetiva. Além disso, esse trecho fala da “significação”, ela é questão central nos problemas de linguística geral, pois tudo se resume a ela. Cada língua tem seus problemas a resolver e que se reduzem todos à capacidade de significar, é o sentido (o que é o sentido, como se organiza) ao qual Benveniste se refere em *Estruturalismo e linguística*. O papel das línguas não é o de transmitir uma mensagem, o de comunicar através de um código, mas o de significar. Por isso em outros artigos de Benveniste, ele afirma que um problema de línguas também é um problema de linguagem, já que as línguas são uma de suas manifestações.

Em *As transformações das categorias linguísticas* (1966), nosso segundo texto do PLG II para esta seção, trata das transformações das categorias da língua – que pode ser inovadora ou conservadora - como um processo diacrônico. Num primeiro momento, o linguista define algumas noções importantes neste artigo como categorias, “as classes de formas caracterizadas distintivamente e suscetíveis de funções gramaticais” (PLG II, 2006, p. 129) e transformação, “processo diacrônico estudado nas categorias linguísticas” (PLG II, 2006, p. 129), distinguindo duas espécies de transformações, a saber, as inovadoras – produzidas pelo desaparecimento de classes formais como distinções de gênero, redução das

distinções de número ou a redução dos sistemas de dêiticos, mudando o efetivo das categorias formais da língua, além de reorganizar e distribuir as formas em oposições em uma estrutura modificada – e as conservadoras, substituição de uma categoria morfemática por uma perifrástica na mesma função, como a substituição do comparativo morfológico pelo sintagma advérbio mais adjetivo ou a substituição da desinência casual pelo sintagma preposição mais nome.

Benveniste se propõe a estudar essas transformações para dar relevo à noção de perífrase neste processo de transformação. Para tanto, as transformações que o linguista considera serão aquelas em que há a produção de uma nova classe de signos, que ele chama de signos de auxiliação<sup>12</sup>. O processo de auxiliação no desenvolvimento perifrástico de duas categorias verbais, o perfeito e o futuro, no domínio românico, dos quais Benveniste vai se ocupar neste momento, é caracterizado pela criação de um sintagma. O sintagma de auxiliação é a associação de um auxiliante flexionado e de um auxiliado não flexionado, além de produzir, então, uma forma nova e uma função nova. Benveniste se refere, ao trazer o que é um sintagma de auxiliação, ao seu texto de 1965, portanto, anterior a este, em que fala sobre esta estrutura no francês. O objetivo do linguista é estudar como estas perífrases se definem pelas duas categorias verbais, perfeito e futuro, em sua relação formal (quanto à forma), e sem sua relação funcional (quando à sua função). Para isso, Benveniste divide o texto em três partes.

Na primeira parte, o linguista se dedica a descrever a perífrase do perfeito, chegando à conclusão de que há uma transformação estrutural, porém uma conservação funcional. A perífrase *habēre* + particípio passado, ainda que pareça uma estrutura clara, segundo Benveniste este sintagma supõe algumas distinções teóricas. Ele coloca, então, duas condições para que essas formas (*habēre* e particípio passado) possam combinar-se. A primeira condição está ligada a uma escolha entre duas possibilidades: a do verbo *habeo* no sentido de “tenir” ou no sentido de “avoir”, uma diferença geralmente ignorada e que muda o caminho na compreensão da perífrase. Está primeira distinção está ligada à segunda, relativa à função da forma auxiliada, a qual pode ser tomada como adjetivo ou como particípio verbal. Essas funções se ligam aos dois sentidos de *habeo* e mostram sintagmas distintos. No caso de

---

<sup>12</sup> Em uma nota de rodapé, o tradutor traz a informação de que os termos auxiliação, auxiliante e auxiliados serão definidos no capítulo *Estrutura das relações de auxiliaridade* em que Benveniste faz uma análise descritiva da estrutura dos sintagmas de auxiliação em francês. Nosso objetivo não é chegar a esses detalhes, interessa-nos mais encontrar a noção de língua que o linguista traz neste artigo, que obviamente passa por essas descrições e essas noções que são necessárias esclarecermos, mas nosso intuito não é aprofundar os estudos dessas análises que faz Benveniste.

*habere* “tenir” nunca realiza uma perífrase de perfeito, pois tem particípio de valor adjetivo. Já *habere* “avoir” sempre realiza uma perífrase de perfeito, com o particípio de valor verbal.

Benveniste chega, então, a uma terceira condição relativa à natureza semântica do verbo. É necessário em um primeiro momento que este verbo denote um processo “sensório-intelectual”, interior ao sujeito. Incluem-se verbos como entender, descobrir, observar, ver (“*comprendre, découvrir, remarquer, voir*”). Estas três condições são constatadas conjuntamente e trazem duas consequências nessa conjunção: a primeira é a de que *no* e *por* este sintagma o autor do processo é “designado como *possuidor* do resultado, que lhe é *adquirido*” (PLG II, 2006, p. 135), é uma nova relação entre o agente e o processo, diferentemente da forma temporal simples expressa; a segunda consequência é a situação temporal. Colocado como acabado e ao mesmo tempo ligado ao presente, o processo se reporta a um estado de anterioridade relativo ao momento atual em que é enunciado: “Esta é a dupla característica do perfeito: o processo é posto como presente, mas no estado de noção acabada. Nenhuma outra forma verbal pode concorrer com ela neste valor.” (PLG II, 2006, p. 133). Longe de esgotar o assunto, Benveniste conclui que a forma perifrástica é herdeira do antigo perfeito, em razão de uma sucessão histórica e porque explicita seu valor inerente.

Já a transformação do futuro latino em futuro românico por meio da perífrase *habeo* + infinitivo se dá de maneira distinta ao que costumam explicitar os manuais, conforme Benveniste. A perífrase nasceu entre os escritores e teólogos cristãos, constituindo uma construção muito específica. O sintagma latino *habere* com o infinitivo indica a predestinação do objeto designado a se tornar como tal, diferentemente do valor de intenção, comumente associado à noção de futuro. O sintagma entra em concorrência com o futuro distinguindo-se dois processos: 1º: o sintagma coexistiu por muito tempo com o futuro antigo; 2º: realiza-se ao mesmo tempo uma redução formal do sintagma, transformando-o em uma forma única e que o torna apto a tomar lugar do antigo futuro. Benveniste ainda traz exemplos de uma transformação perifrástica no grego e no sogdiano, um dialeto oriental do iraniano.

Na terceira parte, Benveniste traz algumas conclusões, das quais destacaremos alguns trechos, sobre essas transformações nas línguas:

Há outras transformações, e há outros auxiliares para efetuá-las. [...] Há também transformações de formas simples caracterizadas do ponto de vista do aspecto em sintagmas providos de um auxiliar com função aspectual. Mas qualquer que seja a função particular que preencha, a auxílio é um procedimento sintático muito largamente empregado nas línguas as mais diversas. (PLG II, 2006, p. 138)

Além disso, Benveniste afirma que o sintagma de auxiliação encontra caracteres comuns em muitas línguas e traz a título de exemplos duas línguas ameríndias diferentes, que não nos cabe aqui explicitar. Fica claro no final deste artigo que Benveniste quer trazer mais um problema de linguística geral, que envolve uma das manifestações da linguagem, as diversas línguas que traz de exemplo para chegar em um problema similar entre elas: “Poderíamos citar muitos outros paralelos, que mostrariam ao mesmo tempo quanto este procedimento é geral quão paralelas são as vias de sua realização” (PLG II, 2006, p. 139). Além disso, poderíamos concluir também que Benveniste está dizendo que as línguas são mesmo tempo inovadoras, portanto mudam, e conservadoras – na conservação funcional do sintagma por exemplo.

A fim de resumirmos os quatro textos desta seção da terceira parte do PLG I e PLG II, intitulada *Estruturas e Análises*, elaboramos algumas proposições com as principais noções que nos interessam neste trabalho, principalmente as de língua e linguagem:

A) Em *Os níveis da análise linguística*, Benveniste faz um estudo descritivo da *organização* da língua de maneira bastante metodológica, mostrando a distribuição das unidades em cada nível e a integração em níveis superiores. Os níveis, dessa forma, consistem em mostrar a natureza dessas unidades e as restrições que comandam a união de cada uma delas para formar unidades maiores. Com isso, Benveniste defende a sua grande tese de que a linguagem é de natureza articulada e de que seus elementos são de caráter discreto. Essa natureza articulada da linguagem encontra-se nas línguas. Dessa maneira, estamos estudando a língua no seu aspecto semiótico, ou seja, da língua como sistema orgânico de signos linguísticos. Essa *organização* somente se realiza, e pode ser analisada, nos usos da língua, fato realizado pelo linguista em suas descrições do funcionamento da língua.

B) É por meio da análise da língua em emprego que Benveniste consegue chegar a essas descrições do funcionamento da língua. Portanto, podemos afirmar que o aspecto semiótico da língua já contém usos (e não apenas em seu aspecto semântico). No final do texto, o linguista chega no discurso como manifestação da língua na comunicação intersubjetiva, apontando para uma reflexão nos quadros de uma outra linguística, uma linguística da língua-discurso, questão tratada em *A forma e o sentido na linguagem*.

C) Em *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, Benveniste coloca a língua como meio de análise da sociedade numa relação sincrônica e semiológica, ou seja, a língua é o interpretante da sociedade (sendo esta na relação o interpretado) e ela contém a sociedade. O homem na relação com outro homem constitui a sociedade, e esta relação só é possível por meio da língua em emprego, que exige e pressupõe o outro.



D) Vimos nos dois últimos textos desta seção que Benveniste se ocupa das línguas, seja na reflexão sobre a classificação das línguas – trazendo modelos já existentes e o seu próprio modelo (embora seja um pensamento não acabado) a partir do que ele entende por língua e linguagem –, seja na análise de transformações inovadoras e conservadoras das categorias da língua. Ou seja, Benveniste também é um linguista das línguas.

E) Podemos observar que em *Estrutura e análises*, Benveniste discute o que é língua e línguas, ocupando-se de suas estruturas ou organização das línguas, seja na sincronia ou na diacronia, e fazendo análises por meio de exemplos da língua em emprego.

### 3.4 FUNÇÕES SINTÁTICAS

Nesta seção depreenderemos uma reflexão sintática, centrada na ideia de composição nominal. Para tanto, analisaremos os seguintes artigos de PLG I e PLG II respectivamente: *A frase nominal* (1950) e *Fundamentos sintáticos da composição nominal* (1967).

Em *A frase nominal*, Benveniste faz uma reflexão sobre este tipo de frase, buscando sua função, ou seja, o sentido expresso pela frase nominal em determinados tipos de enunciado, relacionando-se com as demais palavras que os compõem. Inúmeras línguas apresentam a frase nominal - este fenômeno sintático - cada uma com modalidade própria, demonstrando o fato de que as diversas estruturas linguísticas admitem um predicado nominal como suficiente, sem a necessidade de que seja expresso o predicado verbal. O linguista retoma relações já consagradas no estudo da língua: *nome* como indicação de objeto, *verbo* como indicação de processo ou como expressão de *tempo* em oposição a nome. No entanto, mostra que basta aplicarmos isso a um idioma de tipo diferente para que essas relações se mostrem insuficientes:

A distinção entre processo e objeto só se impõe àquele que raciocina a partir das classificações da sua língua nativa, que ele transforma em dados universais; e inclusive esse, interrogado sobre o fundamento desta distinção, virá logo a reconhecer que, se “cavalo” é um objeto e “correr” um processo, é porque um é o nome, o outro, um verbo. Uma definição que procure uma justificativa “natural” para a maneira pela qual um idioma particular organiza as suas noções, é condenada a girar em círculo. Aliás, é suficiente aplicá-la a idiomas de um tipo diferente para ver que a relação entre objeto e processo pode inverter-se e mesmo abolir-se, permanecendo as mesmas as relações gramaticais. (PLG I, 2005, p. 165)

Em relação ao *nome* como indicação de objeto ser insuficiente, Benveniste afirma que certas línguas apresentam, sim, esta solução para expressar a realidade, mas que outras, apesar de apresentarem estas classes de palavras, subvertem essa relação. O fato linguístico

apresentado por Benveniste que comprova esta afirmação é dado pelo nome *yälokä* (sol) que, em zuñi, é uma forma verbal de *yäto* (atravessar). Em relação ao *tempo*, o linguista mostra que essa noção não é exclusiva do verbo, como em tübatulabal em que o nome pode indicar *passado*, ou em determinadas línguas em que o verbo não indica tempo. Com isso, Benveniste se questiona como podemos, então, diferenciar linguisticamente objetos e processos. Para caracterizar a oposição entre o verbo e o nome, o linguista utiliza o critério sintático, ou seja, nome e verbo diferenciam-se por meio da sintaxe e, não, por meio de noções como objeto e processo, nem de categorias como tempo, nem de diferenças morfológicas. É à função do verbo do enunciado que Benveniste se prende, sendo o verbo definido como “[...] o elemento indispensável à constituição de um enunciado assertivo finito.” (PLG I, 2005, p. 166). O linguista determina que

[...] um enunciado assertivo finito possui ao menos dois caracteres formais independentes: 1.º é produzido entre duas pausas; 2.º tem uma entonação específica, ‘final’, que se opõe em cada idioma a outras entonações igualmente específicas (suspensiva, interrogativa, exclamativa, etc.) (PLG I, 2005, p. 166)

A partir dessa definição, é estabelecida a função verbal, desdobrada em função coesiva – relativa ao plano da coesão gramatical - e função assertiva – relativa ao plano da asserção da realidade. Dessa maneira, o verbo pode ser entendido não só como *forma*, mas também como *função* (podendo *forma* e *função* coincidir ou não, dependendo da língua descrita). Em determinadas línguas, a *forma verbal* assume a *função verbal*, enquanto em outras, a *forma nominal* é que assume essa função, num enunciado assertivo finito. Ou seja, a *função verbal* fica em certa medida independente da *forma verbal*, embora elas possam coincidir. Com estas considerações, portanto, Benveniste exclui do estudo da frase nominal as que apresentam o verbo *ser*, pois as considera como frases verbais. Depreende-se, então, que a diferenciação entre frase nominal e frase verbal é pela ausência de verbo, na primeira, e pela presença, na segunda; enquanto a *função verbal* pode ser desempenhada tanto por uma *forma verbal*, quanto por uma *forma nominal*. A estrutura funcional da forma verbal compreende, portanto,

[...] dois elementos, um explícito e variável, e outro implícito e invariável. A variável é a forma verbal como dado material: variável na expressão semântica, variável no número e na natureza das modalidades que encerra, tempo, pessoa, aspecto, etc. Essa variável é a sede de uma invariante, inerente ao enunciado assertivo: a afirmação de conformidade entre o conjunto gramatical e o fato afirmado. É a união de uma variável e de uma invariante que fundamenta a forma verbal na sua função de forma assertiva de um enunciado finito. (PLG I, 2005, p. 168)

Com esta distinção entre forma e função verbal no tipo de enunciado em questão, Benveniste inicia propriamente o estudo da frase nominal. Por ser manifestada em diversas línguas propõe alguns traços importantes a se considerar sobre a frase nominal: 1º se a língua considerada possui ou não um verbo *ser* e, conseqüentemente, se a frase nominal é uma expressão possível ou necessária; 2º se a frase nominal é restrita à terceira pessoa ou admitida em todas as pessoas; e 3º se a frase nominal se forma livremente ou se depende de uma ordem fixa no enunciado. Deparado com a diversidade de línguas, Benveniste escolhe o indo-europeu para realizar o estudo.

Num enunciado assertivo finito, a frase nominal e verbal apresentam um elemento invariável e implícito, e um elemento variável e explícito. O primeiro contribui para que o enunciado seja assertivo, o segundo apresenta as flexões próprias da classe. O elemento implícito equipara as frases nominais às verbais; o explícito as situa de formas diferentes: na frase nominal a asserção não é suscetível de determinações que a forma verbal tem, como modalidades temporais, pessoais, mas terá o caráter de ser não modal, intemporal, impessoal, reduz-se ao seu conteúdo semântico. Essa asserção nominal também não põe o tempo do acontecimento em relação com o tempo do discurso sobre o acontecimento, ao contrário da asserção verbal. A frase nominal, afirma Benveniste, apresenta “[...] uma certa ‘qualidade’ (no sentido mais geral) como própria do sujeito do enunciado, mas fora de qualquer determinação temporal, ou outra, e fora de qualquer relação com o locutor.” (PLG I, 2005, p. 172).

Benveniste afirma também que a frase nominal não poderia ser considerada como privada de verbo, ela é tão completa quanto um enunciado verbal. Ademais, afasta a possibilidade de considerar a frase nominal como uma frase de *cópula zero*,

[...] pois não há como estabelecer, no indo-europeu, entre frase nominal e frase verbal de “ser” uma relação de forma zero a forma plena. Na nossa interpretação, *omnis homo – mortalis* [= “todo homem (é) mortal] torna-se simétrico a *omnis homo – moritur* [= “todo homem – morre”] e não é a “forma de cópula zero” de *omnis homo mortalis est*. Há realmente oposição entre *omnis homo mortalis* e *omnis homo mortalis est*; mas é de natureza, não de grau. (PLG I, 2005, p. 172)

Em indo-europeu uma frase nominal e uma frase verbal (uma frase com *ser*) são ambas possíveis, porém não para a mesma expressão e, por isso, Benveniste demonstra que as duas desempenham função diversa no discurso:

Uma asserção nominal, completa em si mesma, põe o enunciado fora de qualquer localização temporal ou modal e fora da subjetividade do locutor. Uma asserção verbal, em que *\*esti* está no mesmo plano que *\*esmi* ou *\*essi* ou que qualquer outra

forma temporal do mesmo verbo, introduz no enunciado todas as determinações verbais e o situa em razão do locutor. (PLG I, 2005, p. 173)

E para não ficar apenas na teoria, Benveniste confronta essas observações com dados de uma língua histórica. Para tanto, analisa ocorrências em textos do grego antigo como as *Píticas* de Píndaro, a *História* de Heródoto e frase nominal em Homero. Com esses exemplos, Benveniste chega a algumas conclusões: a frase nominal e frase com *esti* não afirmam de forma igual e tampouco pertencem ao mesmo registro, enquanto a frase nominal é do discurso; a frase verbal é da narração. A primeira propõe um absoluto, a segunda descreve uma situação. O linguista observa isso principalmente em Homero, em que a frase nominal aparece somente em discursos (não nas partes narrativas e descritivas), e exprime asserções absolutas, não ocasionais.

A frase nominal, sendo adequada para asserções absolutas, tem valor de argumento, de prova, de referência. É introduzida no discurso para agir e convencer, não para informar. É, fora do tempo, das pessoas e da circunstância, uma verdade proferida como tal. É por isso que a frase nominal convém tão bem a essas enunciações, nas quais, aliás, tende a confinar-se – sentenças ou provérbios – depois de haver conhecido maior flexibilidade. (PLG I, 2005, p. 179)

Com essa descrição da frase nominal, colocada em paralelo e em contraste com o enunciado verbal, Benveniste evidencia dois modos de enunciação distintos. Nesse sentido, o predicado da frase nominal exprime uma parte integrante do ser do sujeito, enquanto a frase com *ser* exprime um estado e suas modalidades, tendo, portanto, apenas um valor circunstancial. Ao estudar a frase nominal, por meio da análise de textos de Píndaro, Heródoto e Homero, Benveniste estabelece os parâmetros que regem a frase nominal.

Em *Fundamentos sintáticos da composição nominal* (1967), Benveniste discorre acerca da composição nominal, considerando os compostos não como espécies morfológicas, mas como organizações sintáticas, com o objetivo de determinar a função comum dos compostos e a origem da diversidade de suas formas. Para isso, o linguista estabelece como princípio que “um composto comporta sempre e somente dois termos” (PLG II, 2006, p. 148) e define a composição nominal como uma micro-sintaxe, e que cada tipo de composto “[...] deve ser estudado como a transformação de um tipo de enunciado sintático livre.” (PLG II, 2006, p. 148). Para a descrição desses compostos, Benveniste tece algumas considerações: considera a relação lógica e a estrutura formal; sendo a estrutura dependente da relação, a qual fornece os critérios para classificar funcionalmente os tipos de compostos. Dessa forma, a relação que se estabelece entre os dois termos é o primeiro critério. Benveniste, então, distingue duas grandes classes que, ao todo, incluem cinco tipos de compostos ou subclasses:

aqueles em que a relação se contém entre os dois termos e lhes é equidimensional; e aqueles em que a relação ultrapassa os dois termos, englobando-os em uma nova função, modificando-se.

Os quatro primeiros tipos pertencem à primeira grande classe. O primeiro, de estrutura binômica, chamado *dvandva* (“par”) junta dois substantivos em uma unidade *couplante* (“emparelhadora”) pela relação de coordenação assindética, traço sintático. Benveniste traz exemplos do védico para mostrar essa particularidade dos dois membros serem equipotentes. O segundo tipo de composto também reúne dois substantivos, porém designa apenas um objeto e não dois, diferenciando-se do *dvandva* (um “oiseau-mouche” é um pássaro e um “poisson-chat” é um peixe). O terceiro é o composto de dependência, dois substantivos em relação de determinação como nos exemplos dados por Benveniste do inglês *arrow-head* (“ponta de flecha”), do grego *oiko-despótes* (“chefe de casa”), ou do sânscrito *raja-putrá* (“filho de rei”). Esse tipo de composto expressa, dessa forma, funções de duas variáveis sob a forma “x é de y” e se constitui de nomes que são termos relativos que pedem termos complementares (nomes de parentesco ou de posição social). O quarto tipo é o que constitui um membro nominal, determinante, e um segundo membro verbal, determinado. Benveniste traz exemplos do grego, do latim, do sânscrito, do inglês em composições como em *hippódamos* (“que doma os cavalos”) ou *shoe-maker* (“que faz sapatos”). Ao tratar destes compostos, Benveniste considera a relação de transitividade, cuja ordem nome+verbo é tomada como igual a verbo+nome e verifica que a relação entre regente e regido promove diferente ordenação dos elementos do composto, pois o enunciado livre apresenta diferentes valores relativos ao presente.

O quinto composto, pertencente a segunda grande classe de compostos, são os chamados *bahuvrihi* (do inglês *blue-eyed*, *azul + olho*, “de olhos azuis”; do latim *quadru-pes*, quatro + pé, “animal”). Nestes compostos, combinam-se duas funções – uma predicação de qualidade e outra de atribuição. A relação ultrapassa o composto em si, visto que remete a um referente, o possuidor.

A partir dessas análises empreendidas, Benveniste traz, no final do artigo, seu ponto de vista sobre o que é língua:

A língua não é um repertório imóvel que cada locutor só teria que mobilizar para os fins de sua expressão própria. Ela é em si mesma o lugar de um trabalho incessante que age sobre o aparelho formal, transforma suas categorias e produz classes novas. Os compostos são uma dessas classes de transformação. Eles representam a transformação de certas orações típicas, simples ou complexas, em signos nominais. (PLG II, 2006, p. 163)

Ou seja, a língua é intersubjetiva, e é a enunciação que permite todo esse movimento incessante e constante do sistema, que passa a conter formas até então estranhas a ele. Ao tratar da função do composto no sistema, Benveniste diz que a consequência do processo de transformação é a predicação ser colocada em suspenso e o enunciado atual tornar-se virtual:

Assim se define então a função do composto: transferir para o virtual a relação atual de predicação enunciada pela oração de base. É justamente a essa função que correspondem também as características formais dos compostos. (PLG II, 2006, p. 164)

É no uso desses compostos que o locutor reconhece os seus membros e compreende as relações que se estabelecem entre eles. As noções de *forma* e de *sentido* são mobilizadas por Benveniste neste texto, ao colocar que as “unidades novas” são constituídas por signos da língua. *Oiseau*, por exemplo, é um signo do francês, assim como *mouche*. Essas formas constituem uma forma nova *oiseau-mouche*. Esses dois signos que constituem outro signo ultrapassam a noção de forma, sendo *oiseau-mouche* um sentido, em que cada integrante tem uma significação própria, cuja inter-relação viabiliza uma noção de similitude. É *na* e *pela* enunciação que *oiseau-mouche* tem existência, é o uso que o consagra a signo do sistema, é o homem na *organização* de sua língua.

Benveniste conclui dizendo que o composto é capaz de maior diversidade do que parece e que as gramáticas tentam dar conta, justamente por essa numerosa variedade, dos tipos diversos de orações. E encerra o texto falando sobre o que pensa ser o trabalho mais singular da língua, a sua capacidade de transformação:

Mas esse relativo empobrecimento da expressão sintática transformada em expressão nominal é compensado pela variedade das combinações que o composto oferece à língua. Ele dá o poder de manejar como adjetivos ou nomes orações inteiras e de fazê-las entrar como essas espécies novas em outras orações. Assim se constitui particularmente um vasto repertório, sempre aberto, de compostos descritivos, instrumentos da classificação e da nomenclatura, aptos a se tornarem denominações científicas ou epítetos poéticos, e que, além do enriquecimento que proporcionam, mantêm essa atividade metamórfica, talvez o trabalho mais singular da língua. (PLG II, 2006, p. 164)

A fim de concluirmos esta seção, elaboramos algumas proposições sobre a parte *Funções sintáticas* para o que nos concerne aqui:

A) Essas transformações da composição nominal, que aparecem também em *As transformações das categorias linguísticas* no processo de perífrase, mostram o caráter inovador da língua, e o quanto o homem inserido em sua língua mostra que a língua é intersubjetiva, pois somente *na* e *pela* língua a relação homem/homem tem existência. A

língua é uma identidade em meio às diversidades individuais e uma prática humana, pois fornece ao homem um repertório móvel e um duplo funcionamento – intersubjetivo e referencial do discurso.

B) A frase nominal e a frase verbal não são definidas por Benveniste como se faz comumente. Para o mestre, a frase nominal tem valor de argumento, de prova, de referência, é introduzida no discurso para agir e convencer. Por isso, aparentemente, intemporal, impessoal, a frase nominal comparada ao enunciado verbal faz emergir dois modos de enunciação diferentes.

C) O emprego concorrente de dois tipos de asserções apresentou-se como solução, em inúmeras línguas, em momentos de sua evolução, evidenciando-se o caráter criativo da língua, justamente por ter essa natureza articulada e de um repertório móvel, jamais imóvel. A língua comporta mudanças porque comporta os empregos, dos quais o homem é responsável.

### 3.5 O HOMEM NA LÍNGUA

Antes de adentrarmos os artigos que selecionamos para esta seção, faremos algumas observações que acreditamos serem importantes para o nosso trabalho. Chama-nos a atenção, no prefácio do PLG I, que Benveniste chame esta parte denominada no sumário como O homem na língua, de O homem na linguagem. Diz Benveniste: “‘O homem na linguagem’ é o título da parte seguinte; é a marca do homem na linguagem, definida pelas formas linguísticas da ‘subjatividade’ e as categorias da pessoa, dos pronomes e do tempo” (Prefácio). Benveniste pode ter cometido um engano? Pensamos que este suposto equívoco nos sugere que as noções de *língua* e *linguagem*, e também a de *línguas*, são de extrema importância no pensamento de Benveniste e que todas são relevantes para o autor como comentamos no primeiro capítulo do presente trabalho. O linguista interessa-se pela linguagem, pela língua e pelas línguas simultaneamente, como pudemos depreender dos artigos selecionados nas seções anteriores. Talvez, então, seja possível pensar que Benveniste fala em homem na língua, mas também na linguagem, já que isso é abundantemente mostrado nas análises que faz das línguas, como veremos nesta seção.

Dito isso, analisaremos os seguintes artigos de PLG I e II respectivamente: *A natureza dos pronomes* (1956), *Da subjatividade na linguagem* (1958), *A forma e o sentido da linguagem* (1966). Faremos uma releitura desses textos mais consagrados do linguista, na busca do vínculo do homem à língua, a fim de pensarmos a relação humana com a gramática de uma dada língua, considerada como *organização* dessa língua.

Em *A natureza dos pronomes*, Benveniste traz o problema dos pronomes como universais, como um problema de linguagem e de línguas. Os pronomes ocupam um lugar especial na teorização benvenistiana, pois o linguista traz as noções de *pessoa* (*eu* e *tu*) e *não-pessoa* (*ele*), fugindo da definição comum dos pronomes pessoais. Benveniste começa analisando o *eu*: “*Eu* significa ‘a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém *eu*.’” (PLG I, 2005, p. 278), ou seja, é uma instância única de discurso que o contém, não há um objeto definido, já que cada vez que se diz *eu* é uma nova enunciação, uma nova instância de discurso. Cada *eu* corresponde cada vez, portanto, a um ser único. Dessa maneira, a forma *eu* só tem existência linguística no uso, na instância de discurso, no ato de palavras que a profere. O *eu* inserido numa dada situação de alocução, instaura o *tu* diante de si, sendo este “[...] o indivíduo alocutado na presente instância de discurso contendo a instância linguística *tu*.” (PLG I, 2005, p. 279), ou seja, há uma relação simétrica entre *eu* e *tu*. Essas formas pronominais não remetem a realidades ou posições objetivas no espaço/tempo, mas à enunciação “[...] cada vez única, que as contém, e reflitam assim o seu próprio emprego.” (PLG I, 2005, p. 280). Por isso, Benveniste os nomeia como signos “vazios”, pois por estarem sempre disponíveis, tornam-se “plenos” quando o locutor os assume em cada instância do seu discurso.

Além da unicidade da noção de *pessoa*, Benveniste diz também que “É identificando-se como pessoa única pronunciando *eu* que cada um dos locutores se propõe alternadamente como ‘sujeito.’” (PLG I, 2005, p. 280-281), ou seja, existe uma alternância entre *eu* e *tu* que marca a condição do emprego: a situação de discurso. Dessa forma, *eu* – ligado ao exercício da linguagem e que declara o locutor como tal - é um signo móvel, na medida em que pode ser assumido por todo locutor. O fundamento do discurso é esse, pois cada locutor assume a língua inteira. Com isso, Benveniste introduz neste artigo, o que vai desenvolver mais detalhadamente em *A forma e o sentido na linguagem*, o fundamento do semiótico e do semântico quando diz:

O hábito nos torna facilmente insensíveis a essa diferença profunda **entre a linguagem<sup>13</sup> como sistema de signos e a linguagem assumida como exercício pelo indivíduo**. Quando o indivíduo se apropria dela, **a linguagem se torna em instância de discurso**, caracterizadas por esse sistema de referências internas cuja chave é *eu*, e que define o indivíduo pela construção linguística particular de que ele se serve quando se enuncia como locutor. Assim, os indicadores *eu* e *tu* não podem existir como signos virtuais, não existem a não ser na medida em que são

<sup>13</sup> Nessa passagem, Benveniste parece se referir aos dois modos de ser língua, sistema e discurso, ou semiótico e semântico. No entanto, é o termo linguagem, e não língua, que comparece tanto na tradução quanto no original francês, evidenciando uma das características da obra do linguista apontada por Flores (2013a): a flutuação terminológica de sua teorização.



atualizados na instância de discurso, em que marcam para cada uma das suas próprias instâncias o processo de apropriação pelo locutor. (PLG I, 2005, p. 281, grifos nossos)

Neste trecho, portanto, Benveniste traz duas acepções de língua, uma enquanto sistema de signos (semiótico) e outra enquanto discurso (semântico), e o fundamento da língua enquanto assumida como exercício de língua é justamente a noção de *pessoa*. Além disso, existem os indicadores de subjetividade, nessa referência constante e necessária à instância de discurso: os demonstrativos (*este, aquele, etc.*) – o objeto designado por ostensão simultânea à presente instância de discurso, associando-a a *eu* e *tu*; os advérbios (*aqui, agora, hoje, ontem, amanhã, etc.*) – delimitam a instância espacial e temporal. Benveniste diz que não adianta definir esses termos como *dêixis* se não se considerar que estão numa instância de discurso que contém indicadores (pessoa, tempo, espaço). Essas formas pronominais, portanto, não remetem a realidades, mas à enunciação – cada vez única. Ao identificar-se como *eu* num *aqui* e num *agora*, cada um dos locutores se propõe como sujeito de maneira alternada.

Ademais, há enunciados que escapam a essa condição de pessoa, ou seja, não remetem a si, mas a uma situação dita objetiva, é o que Benveniste chama primeiramente de “terceira pessoa”, pois não está marcada na correlação de pessoa (*eu* e *tu*). A *não-pessoa* é o modo de enunciação inteiramente diferente na função e pela sua natureza, marcadas nos termos como *ele, o, isso* ou ainda por determinados verbos no caso do francês.

Neste artigo Benveniste não se aprofunda tanto em algumas noções, mas dele já podemos ter alguma ideia de algumas por ele trazidas neste texto como *pessoa, locutor e sujeito*. Para Benveniste são três termos que se diferenciam em sua teorização. Enquanto *pessoa* é uma categoria linguística, o fundamento da subjetividade, *locutor* é aquele responsável pela apropriação da língua e que, portanto, torna-se sujeito, sendo este o efeito da apropriação, é a instância que decorre da apropriação da língua feita pelo locutor. Ao final do artigo, Benveniste volta a falar sobre os dois modos de ser da língua:

Uma análise, mesmo sumária, das formas classificadas indistintamente como pronominais, leva assim a reconhecer classes de natureza totalmente diferentes e, em consequência, a distinguir, de um lado, **a língua como repertório de signos e sistema das suas combinações** e, de outro, **a língua como atividade manifestada nas instâncias de discurso** caracterizadas como tais por índices próprios. (PLG I, 2005, p. 283, grifos nossos)

Já em *Da subjetividade na linguagem*, Benveniste aprofunda o estudo dos pronomes trazido em *A natureza dos pronomes*. Neste artigo, o linguista traz algumas de suas teses mais importantes em sua teorização, a de que a comunicação linguística só é possível sob a

condição de intersubjetividade e a de que a linguagem é efeito de sentido (não posto *a priori*), e não transmissão de mensagem.

Benveniste inicia o texto questionando o fato de a linguagem ser vista somente como um instrumento de comunicação:

Todos os caracteres da linguagem, a natureza imaterial, o seu funcionamento simbólico, a sua organização articulada, o fato de que tem um *conteúdo*, já são suficientes para tornar suspeita essa assimilação a um instrumento, que tende a dissociar do homem a propriedade da linguagem. (PLG I, 2005, p. 285, grifos do autor)

Segundo o linguista, a linguagem é um sistema simbólico especial que se organiza em dois planos: o material, que é a realização; e o imaterial que é a comunicação de significados. É esse sistema de símbolos que revela a condição humana, ou seja, a relação homem/homem ou homem/mundo não é imediata, nem natural, nem direta. É necessário um intermediário para haver essas relações: a linguagem. A partir dessa capacidade de simbolizar, o diálogo aparece como intrínseco ao exercício da língua. Dessa forma, intersubjetividade e linguagem estão intimamente ligadas, pois a linguagem cumpre uma função mediadora nessa relação, que só é possível com ela. Conforme Flores *et. al* (2013), a especificidade da linguagem é desvendada quando o autor a relaciona ao homem, à natureza do homem, ou seja, “[...] a linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou.” (PLG I, 2005, p. 285). Portanto, ver a linguagem como um mero instrumento é dissociar o homem da sua própria natureza, pois “Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem” (PLG I, 2005, p. 285).

Ou seja, o linguista afirma o homem na sua fala com outro homem e o define a partir da linguagem. É a partir desse olhar que Benveniste fala sobre a forte relação entre homem e linguagem como destacamos no seguinte trecho: “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua realidade* que é a do ser, o conceito de ‘ego’.” (PLG I, 2005, p. 286).

Segundo Flores (2013a), a partir dos termos *na* e *pela*, Benveniste introduz um duplo aspecto da linguagem: o primeiro é seu aspecto constitutivo (*na*) e o segundo é seu aspecto mediador (*pela*). Nesse trecho, ainda, Benveniste faz a passagem da noção antropológica à noção linguística, pois constitui o homem em *sujeito*, ou seja, é pelo aspecto constitutivo da linguagem e por sua mediação que o homem se constitui como tal.

Para entender o fundamento da subjetividade – a categoria de pessoa –, Benveniste (PLG I, 2005, p. 286) explica que não empregamos um *eu* senão dirigindo-nos a alguém, que, nesse caso, será um *tu* na alocação. O linguista estabelece uma relação de diálogo, constitutiva da *pessoa*, que implica em reciprocidade: “que eu me torne *tu* na alocação daquele que por sua vez se designa por *eu*”. É o *eu* e o *tu*, nessa relação intersubjetiva, tomadas não como figuras, mas como formas linguísticas, que apontam para a *pessoa*. Benveniste também define a *não-pessoa*, marcada, pelo que os gramáticos tratam de “terceira pessoa”, como de quem/do que se fala.

A segunda característica que o linguista cita é a de que *eu* e *tu* são inversíveis, na medida em que o que *eu* define como *tu*, pode inverter-se, ou seja, o *eu* se torna um *tu*. O *ele* é de fato usado sempre quando a pessoa não é designada e principalmente na expressão que chamamos impessoal. Nesse sentido, *eu* fala a *tu* sobre *ele* (de quem ou do que se fala), instaurando um espaço de intersubjetividade. Além disso, Benveniste, também nesse artigo, fala de um *eu dilatado*, ou seja, o *nós* que não é simplesmente um plural, um *eu* quantificado ou multiplicado, pois não se trata de vários *eu*, mas, sim, a junção de *eu* mais um *não-eu* – que pode vir a ser qualquer conteúdo. Dessa forma o *eu* é constitutivo de *nós*, que pode ser, de acordo com Benveniste, o *eu+vós* ou *eu + eles*<sup>14</sup>. A isso chamaremos de eu ampliado, já que

De um lado, o ‘eu’ se amplifica por meio de ‘nós’ numa pessoa mais maciça, mais solene e menos definida [...]. De outro lado, o emprego de ‘nós’ atenua a afirmação muito marcada de ‘eu’ numa expressão mais ampla e difusa [...] (PLG I, 2005, p. 258)

Ele explica, ainda, que os pronomes pessoais são os primeiros pontos de apoio para essa revelação da subjetividade na linguagem; as outras formas, como os indicadores de dêixis, demonstrativos, adjetivos, advérbios são os que organizam o discurso no tempo e no espaço, no *aqui* e no *agora*. O fundamento da subjetividade é, portanto, determinado pela condição linguística da *pessoa*. Tomar a consciência de si mesmo só é possível na presença do outro, ou seja, não é possível empregar o *eu* sem dirigir-me a um *tu*; o sujeito, para propor-se como tal na linguagem, tem de estar constituído pelo outro. A intersubjetividade é, portanto, condição para a subjetividade.

Nesse sentido, é somente por meio da linguagem que o homem atinge o outro e representa a sua relação com o mundo. O comunicar é um efeito do fato de o homem colocar a língua em ação, ou seja, de produzir um discurso. O uso das formas linguísticas é o produto

<sup>14</sup> Nesse texto, podemos, em nossa leitura, compreender *eu+vós* como *eu+vocês*, conforme usos atuais do português.

desse movimento intersubjetivo e é o que permite a passagem de locutor a sujeito pela apropriação da língua.

Essas noções apresentadas nos artigos anteriores nos ajudam a adentrar o artigo *A forma e o sentido na linguagem*, já que Benveniste nos dá algumas pistas do que ele desenvolve de maneira bastante complexa sobre a forma e o sentido na linguagem e sobre as duas maneiras de ser da língua: o semiótico e o semântico. Este artigo é fruto de uma conferência inaugural em um congresso, dirigindo-se a um conjunto de filósofos e linguistas. Benveniste deixa claro que aborda o tema sobre a forma e o sentido na linguagem do ponto de vista de um linguista, mas que existe um ponto em comum com a filosofia. Um tema, que segundo ele, não é muito abordado pelos linguistas e até mesmo é deixado de fora, como na escola do linguista americano Bloomfield. O linguista então, primeiramente, nos situa quanto a essas noções de forma e sentido, que para ele, são noções “gêmeas”. E as define assim, justamente porque nascem juntas e, além disso, são interdependentes. Num segundo momento, Benveniste diz que o domínio ao qual serão estudadas essas noções é o da linguagem dita ordinária e, não, da linguagem poética (embora afirme que esse estudo possa ser aproveitado também na compreensão da linguagem poética).

A forma e o sentido na linguagem não se opõem, conforme Benveniste, como são muitas vezes colocadas, “Antes de qualquer coisa, a linguagem significa.” (PLG II, 2006, p. 222), ou seja, é da própria natureza da linguagem o significar. Isso transcende e explica todas as inúmeras funções (atividades de fala, de pensamento, de realizações individuais e coletivas) que a linguagem assegura. É, por isso, que Benveniste afirma que não haveria possibilidade de sociedade, de humanidade sem a linguagem, pois “[...] bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver.” (PLG II, 2006, p. 222). Então, surge, a partir disso, uma primeira questão que é entender o que é a significação. Para tanto, Benveniste traz outras concepções antes de colocar seu ponto de vista. Para os linguistas, tratava-se apenas de uma noção empírica, para os lógicos é confundida com sinonímia e para os filósofos, o linguista afirma não haver investigações sobre o termo. Benveniste se opõe a essas noções e vai trazer a sua visão particular sobre significação ao longo da reflexão sobre a forma e sentido no texto. Para chegar as suas noções de semiótico e semântico<sup>15</sup>, Benveniste retorna à

---

<sup>15</sup> Conforme Flores (2013a), é necessário fazer uma observação com relação à terminologia usada por Benveniste. Existem diferentes usos para o termo *semiótico*: 1) um uso adjetivo, quando Benveniste fala de maneira mais genérica de tudo que depende da significação - *unidade semiótica, sistema semiótico, ordem semiótica* (PLG II, p.224-225; PLG II, p. 233); 2) um uso substantivo, quando o linguista fala da semiologia em geral e na sua maneira singular de ver o *domínio semiótico* – como uma maneira de ser língua (PLGII, p.227; PLG II, p.233); 3) um uso substantivo sinônimo de *semiologia*, que além de abarcar os usos do ponto

noção de signo em Saussure, pois é daí que vem a noção mais geral de significação e que, conforme o linguista, não a coloca inteiramente.

Se consideramos o signo como unidade, é da unidade *semiótica* que estamos tratando, ou seja, da língua enquanto sistemas de signos e, portanto, da consideração semiótica da língua. Existe forma e sentido no modo semiótico de existência da língua: o primeiro é não só uma sequência determinada de sons, mas também a forma sonora que organiza e determina o sentido. Já o sentido, no domínio semiótico da língua, é saber se significa ou não: “A entidade considerada significa? A resposta é sim ou não. Se é sim, tudo está dito e registre-se; se é não, rejeitemo-la e tudo está dito também. ‘Chapéu’ existe? Sim. ‘Chaméu’ existe? Não.” (PLG II, 2006, p. 227). O sentido de uma entidade, considerada a língua no seu domínio semiótico, não é definir esse sentido, mas saber que tem existência no uso da língua; o que está fora do uso, o signo não existe. Ou seja, em nosso entendimento, Benveniste está dizendo que no semiótico já contém os usos, concluindo disso o princípio de que

[...] tudo que é do domínio do semiótico tem por critério necessário e suficiente que se possa identificá-lo no interior e no uso da língua. Cada signo entra numa rede de oposições com os outros signos que o definem, que o delimitam no interior da língua. (PLG II, 2006, p. 227)

Por essa razão é que Benveniste usa o termo “intralinguístico” para referir-se a língua no domínio semiótico, pois é nele que temos o signo como unidade semiótica. O mestre traz, então, aos poucos sua visão, bastante original, a respeito da língua que até essa conferência não havia teorizado. Em alguns momentos de nosso trabalho falamos a respeito dos dois modos de ser língua, mas nos textos que abordamos esse tema, Benveniste dava apenas algumas pistas sobre isso sem o uso dos termos “semiótico” e “semântico”.

Em seguida, Benveniste define o que ele chama de língua como *semântico*, que comporta, então, esse segundo modo de ser língua. Forma e sentido, assim como na língua como *semiótico*, também estão presentes no domínio semântico, porém com concepções diferentes, mas que se complementam com as noções de forma e sentido na língua como sistema de signos, dando-nos, portanto, uma ideia dessa *organização* complexa da língua que se concretiza no uso que o homem dela faz. O domínio semântico é aquele em que vemos a língua em ação, em seu emprego. É no funcionamento semântico da língua que o homem se integra à sociedade e pode se adequar ao mundo. A produção do discurso é a expressão semântica por excelência, pois se trata do sentido resultante que está contido nele, da

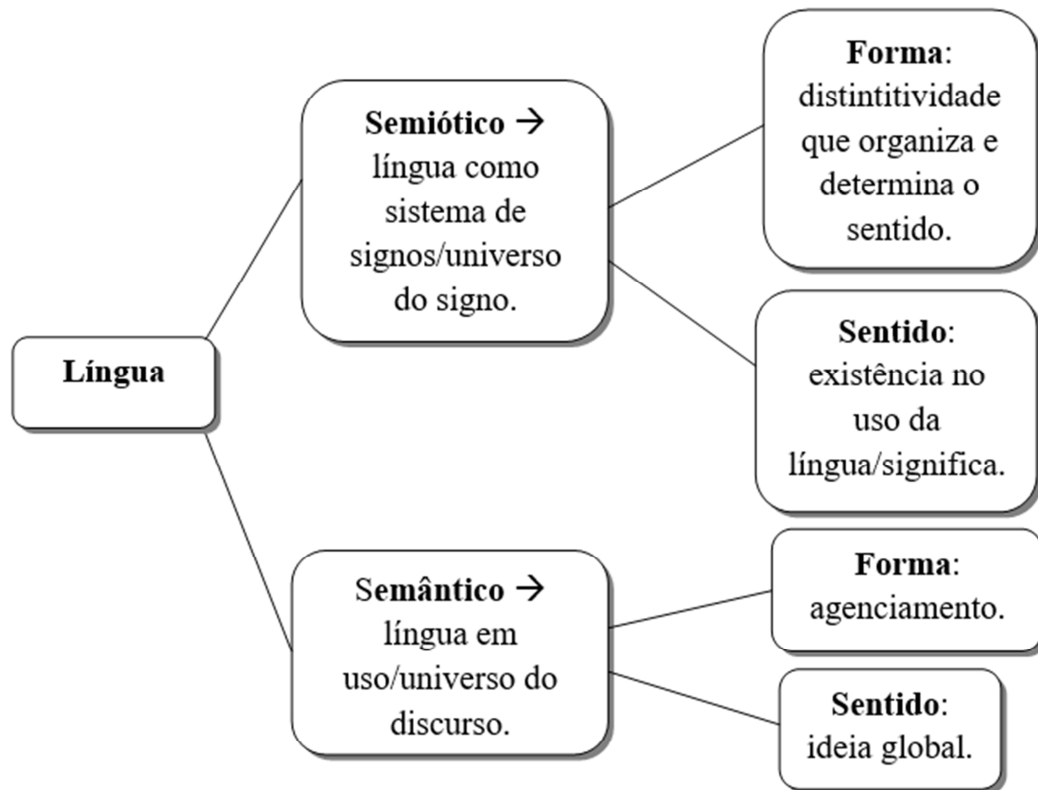
---

anterior, encontramos o uso do termo no sentido saussuriano de “ciência geral dos signos” (PLG II, p.225). (FLORES, 2013a, p. 138-139).

referência constituída no discurso. O domínio semântico da língua resulta da atividade do locutor que coloca sua língua em emprego. Forma e sentido no semântico, portanto, ganham outra acepção. Enquanto forma é o agenciamento das unidades, seja a palavra, seja a frase, a unidade mínima e necessária, sentido é a *ideia* que essa frase exprime, realizando-se na língua pelo agenciamento. Esse discurso sempre produz um “aqui e agora” em relação ao locutor, que está ligado ao seu presente, a um conjunto cada vez único de circunstâncias. A forma e o sentido no semântico engloba a língua em uso e em ação e, portanto, na sua dimensão discursiva. É um novo universo no qual o homem se encontra colocando a sua língua em uso para organizar sua vida nas suas relações homem/homem e homem/mundo. A frase/discurso se apresenta como expressão, organizando a vida do homem em sociedade. É através dela que nos comunicamos e nos integramos ao mundo. Portanto, a forma é o agenciamento das palavras; o sentido é a ideia global da frase/discurso.

Benveniste usa, portanto, uma série de termos que ainda não havíamos explorado. O sentido da frase no semântico é a ideia; a forma, o agenciamento. O sentido da palavra é sua capacidade de integrar-se a uma frase e que preenche uma função proposicional, por isso existe o que se chama de polissemia – os diversos valores produzidos que uma unidade semântica pode ter. A frase, no semântico, tem existência apenas no momento em que é proferida, por isso é cada vez única num “aqui e agora” particular. Benveniste também toca num assunto caro a linguística saussuriana, o princípio de arbitrariedade do signo. As confusões entre sentido e referência, ou referente e signo logo se desfazem quando entendemos que o sentido da frase é a ideia que ela exprime, e que referência é o estado de coisas que a provoca. Benveniste conclui, então que o sentido, portanto, é a ideia global constituída pela sintagmatização (ação que uma palavra exerce sobre outra no discurso). e a forma é o agenciamento de palavras no discurso. As noções gêmeas – forma e sentido -, portanto, estão integradas tanto no domínio semiótico (universo do signo), quanto no domínio semântico (universo do discurso). Esses dois sistemas se superpõem quando o locutor coloca sua língua em ação. A figura a seguir busca sistematizar forma e sentido dentro desses dois universos.

Figura 3 – Esquema da língua em seus dois domínios



Fonte: Elaborada pela autora.

O mestre sírio-francês conclui dizendo que “Sobre este fundamento semiótico, a língua-discurso constrói uma semântica própria, uma significação intencionada, produzida pela sintagmatização das palavras.” (PLG II, 2006, p. 233-234). Esse duplo sistema, modalidades fundamentais da função linguística, que está em constante ação no uso da língua, é o caminho que Benveniste faz para chegar a sua noção de significação, o ponto de partida da conferência. A língua, antes de tudo, significa; sua função não é a de comunicar, mas de significar, por isso a noção de sentido é importantíssima para Benveniste, uma noção que até então não tinha tanta a atenção dos linguistas.

Elaboramos algumas proposições para o que nos concerne aqui, a fim de concluirmos essa seção da parte *O homem na língua*:

A) A noção de *pessoa* para Benveniste passa primeiramente pela unicidade: *eu* e *tu* têm existência linguística na instância de discurso. Essas formas remetem à enunciação cada vez única numa relação simétrica. Em segundo lugar, a situação de discurso propõe uma alternância entre *eu* e *tu*: ao dizer *eu* cada um dos locutores se propõe de forma alternada enquanto sujeito. Nesse sentido, *eu* é um signo móvel, tendo em vista que pode ser assumido por todo locutor.

B) A noção de *pessoa* é, portanto, o fundamento da língua assumida como exercício de linguagem. *Eu* e *tu* existem na medida em que são atualizados na instância de discurso, em que marcam para cada uma das suas próprias instâncias o processo de apropriação da língua pelo locutor.

C) A comunicação linguística só é possível sob a condição de intersubjetividade, visto que não empregamos um *eu* senão dirigindo-nos a alguém, o *tu* na alocução. Dessa forma, a linguagem, antes de tudo, significa, pois ela é um sistema simbólico especial que revela a condição do homem, as relações homem/homem e homem/mundo. Benveniste, com isso, mostra o aspecto constitutivo (*na*) e o aspecto mediador (*pela*) da linguagem.

D) A revelação da subjetividade na linguagem não se dá apenas nos pronomes pessoais – em que há a tomada de consciência de si mesmo na presença do outro, ou seja, o *tu* é constitutivo do *eu* -, mas também em outros usos como os indicadores de dêixis, adjetivos, advérbios, demonstrativos, os quais organizam o discurso no tempo e no espaço (*aqui* e *agora*).

E) Existe um duplo sistema que está em constante ação no uso da língua que são as modalidades fundamentais da função linguística: o domínio semiótico e o domínio semântico – a língua enquanto sistema de signos e a língua enquanto discurso. Nessas duas formas de existência da língua estão integradas duas noções gêmeas – forma e sentido -, as quais cumprem papéis diferentes em cada domínio (o sentido no semiótico é saber se determinado signo tem existência no uso da língua, se tem um sentido; a forma no semiótico é uma sequência determinada de sons e a forma sonora que organiza e determina o sentido, enquanto o sentido no semântico é a ideia; a forma, o agenciamento). Esses dois domínios estão em funcionamento conjuntamente quando o locutor coloca sua língua em ação – é a língua-discurso.

### 3.6 LÉXICO E CULTURA

Nesta seção selecionamos textos que envolvem o uso de eufemismos do PLG I e PLG II respectivamente: *Eufemismos antigos e modernos* (1949) e *A blasfemia e a eufemia* (1966). Nesses dois textos Émile Benveniste discute, em nosso ponto de vista, o que os eufemismos - ideias ou expressões que, conforme o linguista, atenuam o sentido original ou substituem um equivalente longínquo - mostram acerca da relação entre língua, cultura e homem. Conforme o linguista, em *Eufemismos antigos e modernos*, o termo em grego tem dois sentidos que se contrapõem: o de “dizer palavras de bom augúrio” (PLG I, 2005, p. 340), que deste deriva o



de “evitar as palavras de mau augúrio” e, portanto, “calar-se” (PLG I, 2005, p. 340); e o segundo, de “gritar”. De acordo com a tese de doutorado de Stumpf:

Para Benveniste, ocorreu, nesse caso, uma confusão entre os valores de língua e os valores de fala. Ele esclarece que a significação própria é positiva e significa somente “emitir palavras de bom augúrio”. Entretanto, o sentido negativo foi formado a partir do seu uso e é a partir da **análise das circunstâncias de emprego** que o autor chega à conclusão de que o sentido do verbo nunca se modificou, mas que foi o **seu uso que determinou o sentido negativo**. (STUMPF, 2017, p. 73, grifos nossos)

Não se trata, portanto, de uma análise histórica ou sociológica, mas da significação do termo, pois “É preciso, para apreciar um eufemismo, **reconstituir** tanto quanto possível as **condições do emprego no discurso falado.**” (PLG I, 2005, p. 342, grifos nossos), ou seja, “Essas acepções porém, só se determinam a partir de um **valor puramente linguístico.**” (PLG I, 2005, p. 341, grifos nossos). O eufemismo, para Benveniste, portanto, precisa ser considerado em relação a uma situação. A análise e o método utilizado por Benveniste nos dois textos desta seção muito se assemelha ao que ele faz em *Vocabulário das Instituições Indo-europeias*, publicado em 1969. Benveniste parte geralmente de um exemplo de uma língua indo-europeia, recompondo o contexto em que se especificou, às vezes por uma profunda transformação.

Benveniste entende que o sentido negativo formou-se a partir do seu emprego e é pela análise das circunstâncias de emprego que ele conclui que o sentido do verbo nunca se modificou, mas, sim, o seu uso que determinou o sentido negativo. O linguista traz, então, exemplos como a análise da associação entre *de bonne heure* (“cedo”) e *tôt* (“cedo”) no francês e *mane* (“cedo”) e *manus* (“bom”, “favorável”) no latim e reconstitui as condições do emprego no discurso falado em relação a uma dada situação. Ele analisa algumas crenças que são refletidas no calendário romano e mostra que a manhã “[...] tinha uma qualidade especial que a dispunha à interdição.” (PLG I, 2005, p. 343). Somado a isso, havia um tabu linguístico dos povos berberes, em que nomes de animais e instrumentos não poderiam ser pronunciados pela manhã. Esta, por ser o período em que se decide a sorte do dia, foi qualificada como *mane* ou *bonne heure*, como algo favorável que decide o destino do dia.

Além disso, Benveniste aponta outro caminho para a formação de eufemismos: o de dessacralizar uma palavra vista como má, “[...] substituindo-a por um equivalente longínquo ou enfraquecido.” (PLG I, 2005, p. 345). O exemplo que o linguista dá são as diversas maneiras de dizer “matar” em grego. Recorrendo a um texto de Herótodo, Benveniste reconhece dois sentidos, um a uma noção brutal expressa numa decisão de condenação à

morte e o outro uma noção mais vaga que, digamos, atenua, enfraquece o primeiro sentido mais bruto no momento da execução dessa decisão. A partir disso, usam-se termos eufemísticos como “executá-lo”, “acabar com alguém”, “liquidá-lo”, “dar um fim em”. Benveniste traz neste texto uma riqueza de exemplos do grego que escapam do nosso conhecimento, mas que evidenciam o que Benveniste afirma anteriormente, de que são as condições de emprego no discurso falado: “O jogo dos empregos ilustra e motiva o desvio semântico.” (PLG I, 2005, p. 346). Além de textos de Herótodo, Benveniste traz exemplos de outras línguas em outras situações (como no latim, no sânscrito, no francês) para chegar a essa mesma conclusão. Conforme Stumpf (2017, p. 75), o linguista das línguas consegue mostrar a sua capacidade de relacionar língua e cultura neste texto de duas maneiras: uma mais ampla com a análise, por exemplo, da expressão *bonne heure*, observando como a língua traz indícios da cultura; e uma mais específica, quando mostra, no exemplo do uso de “matar” em Herótodo, a mudança da expressão conforme a situação de enunciação.

Em *A blasfemia e a eufemia*, do PLG II, Benveniste mostra, segundo nossa leitura, a cultura operando na língua por meio da blasfemia e da eufemia, apresentando esses conceitos conjuntamente e de forma simétrica. Podemos notar que, assim como nos artigos e conferências discutidos anteriormente, Benveniste apresenta um ponto de vista sobre língua/linguagem bastante diferenciado dos linguistas de sua época ou anteriores a ele. E não é diferente na seção intitulada “Léxico e cultura” que nos desafiamos a ler e compreender. No texto escolhido do PLG II, Benveniste diz que vê a blasfemia e a eufemia, ditos neologismos por ele, como duas ações opostas que conjuntas em ação produzem a *imprecação*, definida como “[...] expressão blasfêmica por excelência.” (PLG II, 2006, p. 259). Primeiramente, o linguista esclarece que blasfemia é diferente de blasfêmia, sendo esta última a “[...] asserção difamante relativamente à religião ou à divindade.” (PLG II, 2006, p. 259) e situa o estudo destes neologismos pertencentes à linguagem, diferentemente do que fazem normalmente os linguistas, colocando-os apenas dentro do estudo do léxico ou da fraseologia.

Benveniste diz que a blasfemia é um processo de fala, consiste em “[...] substituir o nome de Deus por sua injúria.” (PLG II, 2006, p. 260). A natureza desta interdição, como nomeia o linguista, é pura articulação vocal, ou seja, não tem o propósito de “dizer alguma coisa”. Esse processo de fala é simplesmente suprimido do registro da língua. Porém, esta é a condição paradoxal do que Benveniste chama de tabu, pois ao mesmo tempo deve seguir existindo enquanto um interdito. Para que compreendamos melhor o que seria o tabu, Benveniste cita Freud, que o define como uma proibição antiga, imposta por uma autoridade e que se coloca contra os desejos do homem. Transgredir essa proibição mantém-se no

inconsciente e o homem que obedece ao tabu é ambivalente em relação a ele. O interdito, portanto, refreia o homem de seu desejo de profanar o sagrado. Benveniste aborda a imprecação, que é o produto da blasfemia e da eufemia em uma ação conjunta, embora sejam forças opostas, no domínio do que ele chama de “expressão emocional”:

A imprecação é bem uma palavra que se ‘deixa escapar’ sob a pressão de um sentimento brusco e violento, impaciência, furor, desventura. Mas esta palavra não é comunicativa, é somente expressiva, ainda que tenha um sentido. (PLG II, 2006, p. 261)

Ou seja, ela significa, mas não suscita uma resposta do outro, não tem a função de “dizer alguma coisa”. Ela exprime, na verdade, uma reação às circunstâncias, manifesta-se em condições de emprego específicas. Isso quer dizer que não é necessária nem a presença de um *tu* nem de uma terceira pessoa *ele*.

Embora esse tipo de enunciação seja uma *descarga emotiva*, ela se realiza em formas fixas, inteligíveis e descritíveis, conforme Benveniste. Nesse sentido, a forma de base é a exclamação (a expressão do interdito) que costuma ser reforçada por alguma qualificação que enfatiza a transgressão. Esses variados epítetos permitem que se criem diversas injúrias ou burlas – sempre seguindo o mesmo modelo sintático, segundo o linguista. Outra forma de realizar-se seria invocar o “diabo”, como na expressão “que diabos!”, por exemplo. E esta exclamação suscita uma censura, é daí que junto à blasfemia opera também a eufemia, que de certa forma refreia e corrige a blasfemia na sua expressão de fala, desarmando-a enquanto imprecação. Conforme Benveniste, a eufemia introduz três espécies de modificações: 1) a substituição do nome “Deus” por outro termo inocente (em português usamos expressões como “o cara lá de cima”); 2) a mutilação do vocábulo “Deus” por aférese, supressão da sílaba final, ou substituição por uma sílaba de mesma assonância. No francês, um dos exemplos do linguista é “*par Dieu!* > *pardi!*”; 3) a criação de uma forma *nonsense* no lugar de uma expressão blasfêmica (em português “pelo amor de Deus” em “pelamor”, por exemplo).

Ao final do texto, conseguimos compreender por que Benveniste diz serem estes dois neologismos opostos, mas que em conjunto produzem a imprecação. A blasfemia sobrevive, porém mascarada pela eufemia que, de certa forma, diminui a realidade do dizer original, desvia e disfarça essa alusão a uma profanação de linguagem. Com a leitura destes dois textos podemos chegar às seguintes conclusões:

A) O sentido negativo dos eufemismos foi formado a partir da análise das circunstâncias de emprego, que envolvem a cultura (a situação determina o uso a qual está

ligado diretamente à cultura), embora sua significação própria seja positiva. Portanto é o uso que determinou seu sentido negativo.

B) O contexto de uso da língua é que determina o sentido negativo do eufemismo. Essa situação está fortemente ligada à cultura que se expressa, dentre outras maneiras, de diversas formas *na* e *pela* língua. Dessa forma, somente o emprego pode revelar esses sentidos negativos dos eufemismos, sendo eles próprios uma manifestação da cultura na língua em emprego. Nesse sentido, o homem manifesta-se em sua cultura por meio da língua em uso.

C) Blasfemia e eufemia, estes dois neologismos, conforme Benveniste, pertencem ao estudo da linguagem, pois mostram a cultura operando na língua por meio delas. Em conjunto e de forma simétrica, ainda que opostos, o uso destes dois neologismos produzem a imprecação: um tipo de enunciação que, embora se realize em formas fixas, inteligíveis e descritíveis, não tem a função de “dizer algo”, de comunicar, de suscitar uma resposta, mas a de expressar um sentimento, uma descarga emotiva. É uma reação às circunstâncias, manifesta-se em condições de uso específicas.

D) Embora esses termos ou expressões não suscitem uma resposta (portanto não é necessária a interlocução *eu/tu* e nem a presença do *ele*), eles mostram o homem na sua língua, pois ela antes de tudo significa, mesmo que no interdito, pois essa é a condição paradoxal de sua existência enquanto tabu – não se pode falar, mas existe.

Para finalizar, neste capítulo, procuramos mostrar, a partir de textos presentes nas diferentes partes do *Problemas de Linguística Geral I* e *Problemas de Linguística Geral II* como Benveniste aborda a linguagem em sua indissociabilidade com o homem para tratar da *organização* da língua e das línguas e do lugar do homem nessa *organização* e da língua convertida em discurso nas práticas sociais. As questões tratadas neste capítulo servirão de base para a produção de uma noção de gramática e de princípios para o estudo da gramática com base na Teoria da Linguagem de Émile Benveniste.

## 4 PRINCÍPIOS PARA UMA NOÇÃO DE GRAMÁTICA NA TEORIZAÇÃO BENVENISTIANA: A GRAMÁTICA COMO ORGANIZAÇÃO DA LÍNGUA NO HOMEM

Buscamos neste estudo, como mencionado na introdução, produzir uma noção de gramática e, a partir dela, construir princípios para uma abordagem gramatical com base na Teoria da Linguagem de Émile Benveniste. Para isso, no segundo capítulo, contextualizamos os estudos de Benveniste no Brasil pelo viés da enunciação com a determinação de nosso recorte e dos textos que serviram ao estudo.

No terceiro capítulo, dividido em seis seções, correspondentes às seis partes das obras *Problemas de linguística geral I* e *Problemas de linguística geral II*, procuramos responder à seguinte questão: *como Benveniste, por meio de sua teorização, define língua e linguagem e, a partir dessas definições, possibilita a construção de uma noção de gramática?*

Neste quarto capítulo, também dividido em seis seções, buscamos fazer uma síntese das leituras com as principais noções de cada seção dos PLGs, as quais nos auxiliarão na elaboração de um conceito de gramática e de princípios para o estudo da gramática de uma língua-idioma a partir da teorização de linguagem proposta pelo linguista.

Neste capítulo, buscamos uma noção de gramática relacionada à cada parte e, partir delas, elaboramos princípios para o estudo de uma língua-idioma. Como são diferentes partes da obra, a ideia é a de agregar uma noção à outra, colocando-as em relação de complementaridade para chegarmos a uma noção-síntese.

As perguntas do capítulo são: *Que noções de gramática podemos depreender de cada parte? Que princípios podem ser produzidos para um estudo gramatical de uma língua-idioma a partir dessas noções de gramática? Que noção pode ser considerada síntese das depreendidas em cada parte? Vamos à busca de respostas.*

### 4.1 A GRAMÁTICA PELO VIÉS DE TRANSFORMAÇÕES DA LINGUÍSTICA

Benveniste nesta parte concentra-se na ideia de que os problemas das línguas põem em questão a linguagem. Nessa parte, o linguista ocupa-se de discutir a linguagem sempre em relação ao humano e como função mediadora entre humanos. É a comunicação intersubjetiva própria do humano e ausente nos animais. Ao tratar da língua, também relacionada ao humano, enfatiza a *organização* da língua em níveis e unidades, em diálogo com a parte *Estruturas e análises*, principalmente ao texto *Os níveis da análise linguística*. Na discussão

dos textos selecionados dessa parte, ressaltamos que forma e sentido são noções caras a Benveniste, fato que destacamos em *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística*, que está dividido em duas partes. Para nós nesse momento é importante relembrar o percurso de Benveniste nas duas partes: 1) define língua enquanto sistema de unidades, signos; forma tem a ver com as unidades linguísticas, determinadas dentro do sistema que as organiza umas em razão das outras – é uma *organização* de unidades hierarquizadas, significativas em função de seu conjunto – daí a ideia de significação aproximada à de valor de Saussure. 2) Na segunda parte é a própria comunicação intersubjetiva que está em relevo. Aqui entram as noções de sociedade e cultura que atravessam o pensamento benvenistiano nas demais partes. É em *Estruturalismo e linguística* que vemos as discussões de sociedade e de cultura mais atreladas ao homem na linguagem/língua e a uma discussão semiológica. Dessa parte, gostaríamos de destacar a seguinte afirmação de Benveniste: “Trata-se antes de tudo da língua como *organização* e do homem como capaz de *organizar* a sua língua.” (PLG II, 2006, p. 19, grifos nossos).

Ora, se a língua é *organizada* em níveis e unidades integradas na *forma* e no *sentido*, a *gramática de uma língua envolve essa organização. Se quem organiza essa língua é o homem, quem organiza a gramática dessa língua também é o homem. Se a língua contém a cultura de uma sociedade, a gramática de sua língua, que está no homem, é reveladora dessa cultura*. Eis a primeira noção de gramática, bastante geral, mas que parece ser transversal às presentes nas demais partes. Dessa noção de gramática podemos derivar o seguinte princípio: *estudar a gramática de uma língua-idioma, é observar a organização da gramática realizada pelo homem em relação com uma gramática socializada<sup>16</sup>, em todos os níveis e unidades. É o social e o individual implicados no estudo gramatical*.

#### 4.2 A GRAMÁTICA PELO VIÉS DA COMUNICAÇÃO

Nos dois textos selecionados desta parte, destacamos o fato de que Benveniste insere o termo linguagem e humano já nos próprios títulos. Ao destacar a linguagem, Benveniste a insere no domínio do humano. Por isso, os dois textos enfatizam a comunicação intersubjetiva instaurada pela experiência humana na linguagem, que se dá via discurso. Podemos depreender a noção de linguagem em várias passagens, a começar pelos cinco argumentos

---

<sup>16</sup> A expressão socializada em nosso estudo está vinculada à ideia de que língua e sociedade são dadas ao falante e de que a língua, com a sua organização, é recebida nos mesmos valores pelos membros de uma comunidade e condição da comunicação intersubjetiva, conforme concepção benvenistiana.

elencados no texto *Comunicação animal e linguagem humana* em que Benveniste traz cinco características desse sistema simbólico especial: 1) mediação do aparelho vocal (fato físico) 2) não limitação ao gestual como o caso das abelhas; 3) comunicação intersubjetiva; 4) não existência de relação de necessidade entre a referência objetiva e a forma linguística; e 5) redução a elementos que se combinam livremente conforme uma *organização* definida.

Em *A linguagem e a experiência humana* Benveniste define linguagem a partir das noções de temporalidade e da noção de pessoa, atreladas à de espaço. A experiência humana remete ao discurso, é a própria intersubjetividade, o diálogo entre *eu* e *tu* em oposição a *ele*. E assim como essa experiência e essa temporalidade (o tempo presente), as pessoas do discurso não têm existência fora do discurso. É apenas dentro dessa experiência mesma, em um discurso, que as categorias de pessoa, tempo e espaço passam a ser preenchidas. E esse presente que é a cada vez reinventado a cada vez que um homem fala é justamente a ideia de enunciação, elaborada por Benveniste em outra parte. Percebemos uma reflexão fundamental presente em ambos os textos analisados: *a comunicação intersubjetiva*. Ela é o fundamento da linguagem humana, é o que permite a Benveniste caracterizá-la como um sistema simbólico especial.

Por isso, agregamos à noção de gramática já elencada a ideia de comunicação intersubjetiva e de experiência humana na linguagem. *A gramática revela a organização da língua e o homem é organizador dessa gramática, que contém uma dimensão social e uma dimensão individual, para permitir a cada vez uma nova experiência humana na linguagem, realizada na comunicação intersubjetiva*. Dessa noção, podemos derivar o princípio de que *estudar a gramática de uma língua-idioma, no caso do português<sup>17</sup>, é observar a gramática do falante em relação com uma gramática socializada via língua em emprego, como realizando a comunicação intersubjetiva e fundando, no eu-tu-ele-aqui-agora, uma nova experiência na linguagem*.

#### 4.3 A GRAMÁTICA PELO VIÉS DE ESTRUTURAS E ANÁLISES

Destacamos nesta parte, a partir da leitura de quatro artigos de PLG I e PLG II, a noção de língua ancorada em uma abordagem de línguas. Para tanto, Benveniste inicia fazendo um estudo descritivo da *organização* da língua em *Os níveis da análise linguística*. O linguista demonstra a natureza articulada (*organizada*) da linguagem que se encontra nas

---

<sup>17</sup> Estamos nos referindo ao português como uma língua-idioma específica, mas consideramos que a reflexão inclui as diferentes línguas-idiomas.

línguas por meio da noção de nível, que é o operador das análises. A partir do estudo da língua, no seu aspecto intralinguístico, e por meio da análise de usos da língua é que Benveniste consegue chegar à descrição dos níveis e unidades e, por conseguinte, do discurso como manifestação da língua na comunicação intersubjetiva. Isso, de certa forma, complementa e reafirma o que Benveniste vinha dizendo em *A linguagem e a experiência humana*: a língua enquanto prática humana produz sentido por meio de formas.

Em *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* vemos dois modos de língua ser um sistema produtivo: no semiótico e no semântico. O homem, ao dizer *eu*, se inclui em seu discurso e se situa na sociedade. O homem é o objeto a ser descoberto na dupla natureza que a língua (individual e social) instaura e funda nele. Aqui, vemos novamente Benveniste reafirmando o que ele já vinha dizendo nos artigos e conferências anteriores. A novidade está no fato de o linguista sírio-francês colocar a língua no lugar de interpretante da sociedade, cuja relação se dá no nível fundamental, ou seja, na língua enquanto sistema de formas significantes e na sociedade como coletividade humana. A língua nasce e se desenvolve no seio da comunidade humana e, dessa forma, é interpretante da sociedade, ou melhor, tornar-a significante. Neste texto, portanto, o linguista enfatiza o lugar e o papel da língua na relação com a sociedade: A língua engloba a sociedade e a contém em seu aparelho conceitual e, ao mesmo tempo ela também configura a sociedade (“semantismo social”). A língua, dessa forma e como demonstrado em praticamente todos os textos de Benveniste, não serve apenas para comunicar, mas para viver, ou seja, por meio dela estabelecemos relações entre homem/homem e homem/mundo; e somente por meio dela conseguimos tornar significantes não só a sociedade, mas outros sistemas semiológicos.

Em *A classificação das línguas e As transformações das categorias linguísticas* Benveniste dá ênfase à questão da função ao abordar as línguas, sempre sob essa perspectiva da linguagem humana como essa faculdade que o homem tem de atribuir sentido. Além disso, a “significação” é questão central nos problemas de linguística geral, pois tudo se resume a ela. Nesse sentido, cada língua tem seus problemas a resolver e que se reduzem todos à capacidade de significar. O papel das línguas, portanto, - as quais são ao mesmo tempo inovadoras e conservadoras - não é o de transmitir uma mensagem, ou o de comunicar através de um código, mas, sim, o de *organizar* o mundo da significação.

Dessa maneira, agregamos à noção de gramática a ideia *organização da significação*. Seja a língua em seu aspecto semiótico ou semântico, ela é, antes de comunicar, significar. Se a língua contém a sociedade, a gramática de sua língua, que está no homem, engloba a sociedade e a contém em seu aparelho conceitual. *A gramática, como organização da língua,*



*revela o lugar e o papel que a língua ocupa como interpretante da sociedade; é por meio dela que o homem estabelece relações com o outro ou com o mundo. Dessa noção, podemos derivar o seguinte princípio: estudar a gramática de uma língua-idioma, no caso do português, é também observar a gramática do ponto de vista semiológico, já que a língua ocupa um papel fundamental nas relações entre língua e sociedade ou entre língua e outros sistemas semiológicos para além de comunicar, que é o de significar.*

#### 4.4 A GRAMÁTICA PELO VIÉS DAS FUNÇÕES SINTÁTICAS

Nesta seção, observamos como Benveniste faz uma reflexão sintática, centrada na composição nominal. O linguista traz evidências do caráter criativo da língua, justamente por ela ter essa natureza articulada, *organizada* em níveis e unidades integrados na *forma* e no *sentido*, e de como ela transforma suas categorias e produz novas classes. As transformações da composição nominal mostram o caráter inovador da língua e como ela é intersubjetiva, oferecendo ao homem um repertório móvel e o duplo funcionamento (intersubjetivo e referencial do discurso). Se as línguas se transformam é porque o homem age nelas e com elas na sociedade.

É *na e pela* enunciação que um signo tem existência; é o emprego que consagra esse signo no sistema da língua. Como o homem está no centro desse emprego da língua enquanto *organização*, em um repertório móvel, ele reconhece e compreende as relações desses compostos no uso da língua. A capacidade de inovação e transformação da língua revela o trabalho mais singular da língua em relação ao homem e na sociedade e do homem em relação à língua. Isso permite não só proporcionar o enriquecimento desse repertório linguístico, mas também manter essa atividade metamórfica (termo utilizado por Benveniste), tanto da língua quanto do homem.

Por isso, agregamos à noção de gramática já elencada a ideia de *inovação e transformação da língua*. *A gramática revela a organização da língua e o homem é organizador dessa gramática, que contém o social e o individual, para permitir a cada vez uma nova experiência humana na linguagem, realizada na comunicação intersubjetiva. Essa língua, que contém cultura e sociedade, oferece ao homem um repertório móvel que lhe dá a possibilidade de inová-la e transformá-la.* Dessa noção, podemos derivar o princípio de que *estudar a gramática de uma língua-idioma, no caso do português, é também observar a gramática do falante na sua capacidade de inovação e transformação em suas funções*

*sintáticas. Uma reflexão sintática da língua revela sua atividade inovadora e metamórfica, em que homem e língua estão imbricados.*

#### 4.5 A GRAMÁTICA PELO VIÉS DO HOMEM NA LÍNGUA

Nesta parte, Benveniste nos sugere que as noções de *língua e linguagem*, e também a de *línguas*, são de extrema importância em seu pensamento. Buscamos fazer uma releitura dos textos mais consagrados do linguista nessa quinta parte, buscando o vínculo do homem à língua/linguagem, com a finalidade de pensarmos a relação humana com a gramática de uma dada língua. Nos textos que selecionamos – *A natureza dos pronomes, Da subjetividade na linguagem* – observamos que Benveniste aprofunda a ideia de linguagem como atrelada ao homem pelo viés dos pronomes. Fugindo da definição comum dos pronomes pessoais, o linguista os remete à enunciação, por isso são definidas como instâncias de discurso com a delimitação das instâncias temporal e espacial; além disso, a definição da não-pessoa (*ele*) como de quem/do que se fala, estabelece um espaço de intersubjetividade (*eu* fala a *tu* sobre *ele*). Nesse sentido, instauram-se no funcionamento das línguas modos específicos de atualizar a comunicação intersubjetiva, opondo-se à noção de linguagem como instrumento de comunicação.

A linguagem, que cumpre uma função mediadora entre *eu* e *tu*, afirma o homem na sua fala e o define. Ela é, portanto, constitutiva do homem e mediadora de suas relações com outro homem ou com o mundo. Além disso, vimos nesta parte, com o texto *A forma e o sentido na linguagem*, que há dois modos de ser língua e, nesses dois modos, a presença humana é fundamental, seja para reconhecer a existência de uma unidade como fazendo parte de um repertório semiótico e, portanto, como tendo sentido nesse domínio; seja para o homem se integrar à sociedade e se adequar ao mundo, produzindo sentido em domínio semântico. É a língua no domínio semiótico (universo do signo) e no domínio semântico (universo do discurso). *Forma* e *sentido* estão integrados nessas duas maneiras de ser língua, a qual é *organizada* pelo homem.

Agregamos, então, à noção de gramática já elencada a ideia *do homem na organização de sua língua* (já presente na concepção nas anteriores e que é transversal a todas as outras). *A gramática, como organização da língua, revela o homem como quem organiza essa gramática (que contém o social e o individual), para permitir, a cada vez que o homem se enunciar (eu), uma nova experiência humana na linguagem, realizada na comunicação intersubjetiva (eu/tu – ele). O homem dispõe de um repertório móvel, oferecido pela língua*

(tanto no domínio semiótico, quanto no domínio semântico), que lhe possibilita inovar e transformar essa língua. Embora essa afirmação pareça contradizer o que Benveniste mostra sobre a língua não ser um espelho da sociedade, e concordamos com isso, e da língua, sim, conter a sociedade – ou seja, não é possível que língua e sociedade se modifiquem em paralelo – entendemos que o homem tem o papel de protagonista do uso e na *organização* de sua língua. Dessa noção, podemos derivar o princípio de que *estudar a gramática de uma língua-idioma, no caso de qualquer língua-idioma, é também observar como homem e língua estão imbricados; é perceber que por trás dessa língua há o homem que coloca sua língua em uso e que se renova a cada vez que diz eu e instaura o outro diante de si; e que necessita do outro para definir-se enquanto sujeito organizador de sua língua.*

#### 4.6 A GRAMÁTICA PELO VIÉS DO LÉXICO E CULTURA

Destacamos nesta parte, o que os usos dos eufemismos mostram acerca da relação entre língua, cultura e homem. Em *Eufemismos antigos e modernos* o linguista sírio-francês nos mostra que são os usos que determinam o sentido negativo dos eufemismos, formado a partir da análise das circunstâncias de emprego, que envolvem a cultura. Nesse sentido, é o contexto de uso da língua que determina o sentido negativo, que está fortemente ligada à cultura que se expressa *na* e *pela* língua de diversas formas. O homem se manifesta, portanto, em sua cultura por meio da língua.

Em *A blasfemia e a eufemia*, Benveniste mostra, em nosso ponto de vista, a cultura operando na língua por meio desses dois neologismos, como o próprio linguista os define. Pertencentes ao estudo da linguagem, blasfemia e eufemia produzem a imprecisão, um tipo de enunciação que não suscita uma resposta, mas que expressa um sentimento, uma carga emotiva. Apesar disso, os usos desses termos e expressões revela o homem na sua língua, pois antes de tudo, a língua significa, e não necessariamente precisa comunicar ou dizer algo. Mesmo no interdito, quando não se pode enunciar algo, a cultura opera na língua, pois a condição paradoxal de existência do interdito é justamente a sua existência enquanto tabu.

Dessa forma, agregamos à noção de gramática já elencada a ideia de que *a cultura opera na língua-idioma e, portanto, na sua organização, realizada pelo homem, transformando-a ou inovando-a.* Os usos de termos e expressões como a blasfemia e a eufemia, colocadas como pertencentes ao estudo da linguagem, são expressões da cultura na língua que colocam seu sentido na dependência de uma determinada situação/contexto. Dessa noção, podemos derivar o princípio de que *estudar a gramática de uma língua-idioma, no*

*caso do português, é também observar as imprecações e os interditos como manifestações da cultura do homem em sua língua e compreender que antes de servir para comunicar, a linguagem (que se manifesta na cultura, na língua-idioma) serve para revelar a experiência do homem com relação ao mundo, ou seja, antes de tudo, importa a significância da língua na experiência humana.*

Fomos ao longo das seções encaminhando as noções de gramática agregadas umas às outras até chegarmos a uma noção-síntese. As concepções de gramática e os princípios gramaticais aqui elencados trazem os termos e noções imbricados da teorização de linguagem de Émile Benveniste, como linguagem, língua, enunciação, discurso, sociedade, cultura, homem, locutor, sujeito e pessoa. É nos temas tratados ao longo das partes dos dois tomos de *Problemas de linguística geral* que o estudo das línguas, conforme coloca Benveniste no Prefácio dos PLG I, consideradas “organismos empíricos, históricos, permanece o único possível à compreensão dos mecanismos gerais e do funcionamento da linguagem”. É nesse sentido que consideramos que a gramática como *organização* da língua contém os mecanismos de funcionamento de uma língua como reveladores do homem na linguagem. A gramática revela a *organização* de uma língua que se atualiza nas diferentes práticas humanas e, desse modo, é um dos lugares que dá mostras da indissociabilidade homem/língua-discurso.

Pensamos que essas noções de gramática agregadas umas às outras e os princípios que delas derivamos podem ser úteis aos docentes para uma reflexão em relação ao ensino de línguas, seja materna, seja de segunda língua. Entendemos que nosso estudo pode contribuir com um ensino mais plural, em que o estudo do sentido ganhe mais espaço em sala de aula. Conforme Flores e Nunes (2012, p.72),

Se é dever do professor de língua materna dar condições para que seus alunos aprimorem seus conhecimentos linguísticos, tornando-se usuários mais eficientes linguisticamente nos diversos contextos em que a língua se impõe como necessidade na vida cotidiana, esse dever certamente está boa parte centrado no estudo de como a língua significa. Mais do que isso, compete ao professor fazer com que o aluno descubra o fascínio de estudar linguagem, o que só pode ser realizado sob a condição de que o professor abra mão de qualquer posição dogmática em seu ensino. É preciso mudar nossa prática pedagógica em busca da pluralidade de visões sobre a língua.

Embora Flores e Nunes estejam fazendo referência apenas ao ensino de língua materna, compreendemos que isso também se estende ao ensino de segunda língua, visto que acreditamos ser estas noções e princípios também possíveis objetos de reflexão do ensino de outras línguas-idiomas. Nosso estudo foge completamente do que se entende por um ensino de língua tradicional, buscando possibilitar a construção de uma noção de gramática, a partir

da teorização de linguagem de Émile Benveniste, abrindo um caminho para uma outra prática pedagógica (caminho esse que pode ser pensado para um estudo futuro).

A noção-síntese de gramática - e, portanto, a gramática como *organização* da língua, contendo seus mecanismos de funcionamento, a qual é reveladora da presença do homem na língua/linguagem (atualizada nas diferentes práticas humanas) - relacionada às diferentes noções, como pontuamos neste estudo, ligam-se à teoria de linguagem de Benveniste, uma teoria que comporta o humano como constitutivo da linguagem e, conseqüentemente, da gramática das línguas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo procurou dar conta da relação entre língua e gramática pelo viés da Teoria da Linguagem de Émile Benveniste, que coloca em relação indissociável homem e linguagem. O objetivo proposto foi o de analisar textos presentes nas diferentes partes de *Problemas de Linguística Geral I* e *Problemas de Linguística Geral II* para construirmos uma noção de gramática e propor princípios gramaticais para o estudo de uma língua-idioma, no nosso caso, da língua portuguesa (entendendo que poderia se estender para o estudo de uma segunda língua também).

Primeiramente, trouxemos o que chamamos de momentos da abordagem enunciativa de Benveniste, em que buscamos mostrar alguns trabalhos já existentes na área dos estudos enunciativos que tivessem a discussão sobre gramática e enunciação, a partir do que é trazido por Flores (2013a) quando elenca três grandes momentos desses estudos. O primeiro momento é o da distinção pessoa/não pessoa; o segundo, o da distinção semiótico/semântico; e o terceiro momento, o da formulação da ideia de *aparelho formal da enunciação*. Após esse primeiro momento do percurso do segundo capítulo, citamos e exploramos alguns trabalhos já realizados neste campo e que discutem gramática e enunciação, dentro do campo enunciativo de Benveniste. Seleccionamos, então, cinco estudos, a saber: o livro *Enunciação e gramática* (FLORES *et al*, 2013); e os artigos *Enunciação e gramática: o papel das condições de emprego da língua* (DIAS, 2007); *Pode a enunciação contribuir para o ensino de gramática?* (FLORES e NUNES, 2012); *O que seria uma gramática da enunciação? A proposta de uma análise transversal* (FLORES, 2013b) e *A linguagem como experiência humana: o estudo da gramática numa perspectiva enunciativa* (MELLO, 2016). A procura pelos termos “gramática” e “enunciação” foi um dos critérios de escolha dos textos, além de se encontrarem nos estudos enunciativos de Benveniste.

A obra *Enunciação e gramática* de Flores *et al* (2013) abrange dois aspectos do estudo da linguagem: o *uso* e sua *organização*, desde o ponto de vista enunciativo. Como vimos, o texto se propõe a preencher uma lacuna com relação à aplicação dos estudos enunciativos na descrição do português, principalmente nos capítulos sobre as análises linguísticas, finalizando com uma reflexão sobre enunciação e ensino de língua portuguesa. Já Dias (2007), em seu artigo, toma como pressuposto de sua reflexão, a partir do texto *O aparelho formal de enunciação* de Benveniste, a distinção que faz no início de seu artigo entre *condições de emprego das formas* e *condições de emprego da língua*. Como observamos, há um deslocamento das ideias de Benveniste para refletir sobre a relação sintaxe e semântica em

um investimento teórico ligado ao que o autor do artigo denomina semântica da enunciação. Em Flores e Nunes (2012) vemos a discussão de como o conceito de gramática pode ser pensado do ponto de vista da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, a partir dos dois volumes de PLG. Flores e Nunes propõem uma pequena revisão das diferentes acepções que o termo “gramática” tem assumido ao longo dos estudos linguísticos brasileiros, indo da prescrição ao uso. Com base na enunciação, o texto aborda como seria uma gramática de uso. Em Flores (2013b), é apresentada uma proposta de abordagem da enunciação, considerando o estudo da língua em diferentes níveis da análise linguística. O autor desenvolve o conceito de transversalidade enunciativa cuja característica é descrever o uso linguístico relacionando as unidades dos níveis da análise. Flores defende que a enunciação não é um nível de análise, mas, sim, transversal à fonologia, à morfologia e à sintaxe, já que, ao enunciarmos, integramos todos os níveis para produzir sentidos em um *eu-tu-aqui-agora*. No artigo de Mello (2016), encontramos uma proposta de estudo de gramática com a consideração da relação existente entre a forma e o sentido. Um artigo de opinião publicado no jornal *Zero Hora* é o objeto de análise, no qual são contemplados a sintagmatização e a semantização. Ancorada na Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, Mello observa que, ao enunciar-se, o locutor apropria-se do aparelho formal da língua e configura um aparelho formal da enunciação, singular em cada instância discursiva. A autora conclui que um estudo de gramática precisa ser realizado pelo viés do sentido, intimamente ligado à forma.

Para além desses trabalhos, trouxemos também mais dois eixos apresentados por Flores (2017) que contemplam os estudos da obra de Benveniste e que vão além das reflexões linguísticas *strictu sensu*: estudos que produzem uma abertura do pensamento benvenistiano para uma teoria da linguagem e propostas relacionadas à publicação das *Últimas aulas*, que buscam a integralidade da obra de Benveniste, por meio de uma rede complexa de noções, termos e definições que se interligam. É no segundo eixo que tentamos nos situar. Elencamos, a partir disso, como *corpus* de investigação, textos de todas as partes que compõem os PLGs I e II, levando em conta o que entendemos por ser um movimento constante nos artigos e conferências dados por Benveniste e que constatamos em nossa leitura: o linguista normalmente traz um conjunto de pesquisas linguísticas em determinado assunto, com isso encaminha a sua visão sobre o objeto língua, trazendo, a partir disso, exemplos de línguas diversas pra corroborar seu ponto de vista; ao final formula uma questão geral que comporta o funcionamento da língua/linguagem e a *organização* das línguas, por isso, em vários momentos afirmamos ser Benveniste o linguista não só da língua, mas também das línguas,

por sempre levar em conta a língua em emprego, envolvendo, conseqüentemente, uma língua-idioma.

No terceiro capítulo, nosso intuito foi o de fazer uma leitura dos textos selecionados pensando sempre na perspectiva do homem na língua como um axioma<sup>18</sup> (cf. FLORES, 2017) e destacando os termos “homem”, “língua” e “organização”, como trouxemos no próprio título, para o centro da discussão. Dessa forma, as noções trazidas por Benveniste, e a partir de nossa leitura, envolveram centralizar a discussão principalmente nesses três termos. Dividido em seis seções, correspondentes às seis partes de cada volume de PLG, mostramos termos e noções que acreditamos que eram importantes para formularmos noções de gramática e derivarmos disso princípios norteadores. Embora entendamos que os textos de Benveniste não possam ser lidos como se fossem contemporâneos uns dos outros, ou como se constituíssem um conjunto coeso de reflexões teórico-metodológicas, devido a uma grande flutuação terminológica – de acordo com Flores (2013a) -, propomo-nos em cada seção identificarmos as diferenças de sentidos de um texto para o outro, ou dentro do próprio artigo. Buscamos sempre responder a pergunta que norteava nossa leitura, de como Benveniste definia língua e linguagem para, no quarto capítulo, derivarmos, dessas definições de linguagem e língua, noções de gramática e princípios a elas vinculados. Concluímos que Benveniste aborda a linguagem em sua indissociabilidade com o homem para tratar da *organização* da língua e das línguas, em que o homem ocupa o lugar de organizador dessa língua, convertida em discurso nas práticas sociais.

No quarto capítulo, buscamos produzir noções de gramática que tivesse justamente como centro os termos “homem”, “língua” e “organização” e que pudéssemos, a partir disso, construir princípios para uma abordagem gramatical com base na Teoria da Linguagem de Émile Benveniste. Com a síntese dos textos do capítulo anterior, procuramos responder às seguintes questões: *que noção de gramática podemos depreender de cada parte? Que princípios podem ser produzidos para um estudo gramatical de uma língua-idioma a partir dessa noção de gramática?*

As noções de gramática – que se complementam - e os princípios elencados a partir do estudo dos textos do linguista sírio-francês nos revelaram que a gramática como *organização* de uma língua que se atualiza nas diferentes práticas humanas é um dos lugares que dá

---

<sup>18</sup> O termo axioma foi referido nos capítulos anteriores conforme Flores (2013a). Já em Flores (2017), o linguista apenas amplia esse conceito dizendo que “o homem na linguagem é uma espécie de axioma geral no qual está contida um axioma específico, o homem na língua” (FLORES, 2017, p. 107). Em seguida ele defende a ideia de que é com a noção de significância que os axiomas operam, ou seja, o que faz passar do axioma geral ao axioma específico.



mostras da indissociabilidade homem/língua-discurso. Sendo assim, consideramos que esse estudo pode contribuir também para a prática docente centrada no estudo de como a língua significa e, conseqüentemente, enriquecer o aprendizado do discente seja em língua materna, seja em segunda língua.

Com a finalidade de ampliarmos essas discussões, a abordagem de alguns leitores de Benveniste seria bastante interessante para complementar nosso estudo e que também se situam, no nosso entendimento, nessa perspectiva de uma Teoria de Linguagem, em Émile Benveniste, que supõe a enunciação. Trouxemos alguns exemplos de linguistas e filósofos que veem no mestre sírio-francês essa abertura. Dufour, por exemplo, em seu livro *Os Mistérios da Trindade* de 1990, fala que Benveniste foi um dos poucos a empreender uma descrição desse singular dispositivo intralinguístico – referindo-se ao estudo dos pronomes e a sua visão trinitária. Segundo ele, o linguista consegue localizar-se entre a filosofia e a linguística, sem dar espaço às banalidades filosóficas ou a uma linguística hipertecnista (um termo utilizado pelo próprio Dufour). A leitura de Dufour dos pronomes é genial, pois vai além de uma descrição linguística *stricto sensu*, tratando de ver em Benveniste um estudo da linguagem. Além dele, Agamben, em *Infância e história. Destruição da experiência e origem da história*, consegue enxergar no estudo dos pronomes (a oposição *eu-tu/ele*) o indício de que o homem tem sua origem na e pela linguagem. O filósofo questiona a “experiência pura e muda”, como se fosse possível atingir o homem independente da linguagem e afirma que é somente “através da linguagem, portanto, que o homem como nós o conhecemos se constitui como homem” (AGAMBEN, 2005, p. 60). Além disso, também encontramos uma leitura atenta de Benveniste em Dessons (2006) quando ele tece uma antropologia da linguagem, em *Émile Benveniste, l'invention du discours*, colocando o homem no centro da teorização benvenistiana, comentando temas como comunicação e linguagem, linguagem e sociedade, linguagem e cultura. Dessons critica leituras superficiais da teoria benvenistiana que a reduzem à análise das marcas formais da enunciação, em detrimento das considerações teóricas de ordem mais geral. Ele fala, ainda, que a noção de comunicação é um elemento fundamental do pensamento de Benveniste sobre a linguagem e da antropologia linguística que constrói sua teoria da enunciação.

Entendemos, portanto, que nosso estudo pode ser ampliado e abre o diálogo com outros teóricos, inclusive de outras áreas do conhecimento como exemplificamos aqui. A leitura renovada da obra de Benveniste sublinha a importância da linguagem na *organização* do homem, nas atividades em que realiza como membro de uma sociedade, a qual está unida ao redor do poder significante da língua.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. **Infância e história**: ensaio sobre a destruição da experiência. In: \_\_\_\_\_. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2005.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. 5.ed. Campinas: Pontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Problemas de Linguística Geral II**. 2.ed. Campinas: Pontes, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)**. Tradução: Daniel Costa da Silva et al. 1.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- DESSONS, G. **Émile Benveniste, l'invention du discours**. Paris: Éditions IN PRESS, 2006.
- DIAS, F. L. **Enunciação e gramática**: o papel de condições de emprego da língua. Letras (PPGL/UFMS). Santa Maria, n.33. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11923>>. Acesso em: 20 jul. 2018.
- DUFOUR, Dany-Robert. **Os mistérios da Trindade**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
- FLORES, V. N. et al. **Dicionário de Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.
- FLORES, V. N. et al. **Enunciação e gramática**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- FLORES, V. N.; TEIXEIRA, M. **Introdução à Linguística da Enunciação**, 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- FLORES, V. N. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013a.
- FLORES, V.N.; NUNES, P.A. **Pode a enunciação contribuir para o ensino de gramática?** Matraca, Rio de Janeiro, v.19, n. 30, p. 61-73, jan./jun., 2012. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/174088/000939234.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 13 jun. 2018.
- FLORES, V. **Saussure e Benveniste no Brasil**: Quatro aulas na École Normale Supérieure. São Paulo: Parábola, 2017.
- FLORES, V. N. **O que seria uma gramática da enunciação?** A proposta de uma análise transversal. Letras & Letras (UFU), v.29, n.1, 2013b. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25925>>. Acesso em: 20 jul. 2018.
- GASS, S. M.; SELINKER, L. **Second language acquisition: an introductory course**. Third Edition. New York: Routledge. Disponível em: <<https://blogs.umass.edu/moiry/files/2015/08/Gass.Second-Language-Acquisition.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2018.

MACHADO, V. P. **Princípios para uma abordagem enunciativa na aquisição de segunda língua**. Porto Alegre: 2018. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/78185/000896686.pdf?sequence=1>. Acesso em: 14 nov. 2018.

MELLO, V. H. D. de. **A linguagem como experiência humana: o estudo da gramática numa perspectiva enunciativa**. Revel, edição especial, n. 11, 2016. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/71c9844ddf2d7d13ece7fdb695fe403c.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

MILNER, J.-Cl. *Introduction à une Science du Langage*. Paris: Seuil, 1989.

REDARD, G. **Émile Benveniste** (1902-1976). In: BENVENISTE, Émile. Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969). Tradução Daniel Costa da Silva [et. al]. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

ROSÁRIO, H. M. **Um périplo benvenistiano: o semiólogo e a semiologia da língua**. Porto Alegre: 2018. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/183004>>. Acesso em: out. 2018.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 28.ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

STUMPF, M. E. **No limite do diálogo: eufemismo e enunciação em Émile Benveniste**. Porto Alegre: 2018. Disponível em <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/172892>>. Acesso em: out. 2018.

TEIXEIRA, T. M. L. **O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem**. Desenredo (PPGL/UPF). Passo Fundo, v. 8, n. 1, p. 71-83, 2012. Disponível em: <<http://www.upf.br/seer/index.php/rd/article/view/2639>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

VIEIRA, E. F. **Gramatização brasileira contemporânea do português: novos paradigmas?** In: FARACO, Carlos Alberto; VIEIRA, Francisco Eduardo. Gramáticas brasileiras: com a palavra, os leitores. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.